O MALHO

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1928

Preço para todo o Brasil 1$000

LONDRES OU NOVA YORK?

OS MÁOS EXEMPLOS

O "Dia do Balanço".

—Quando
soffria um ataque
de enxaqueca,
a dôr e o mal estar tornavam-se
tão intensos, que ella ficava ho-
ras e horas soffrendo horrivel-
mente num quarto escuro, sem
poder sequer supportar a luz.
Que achado, que allivio, quando, depois
de haver experimentado meia duzia de
remedios, sem resultado, tomou
uma dóse de
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
Passados poucos momentos, e a dôr
e o mal estar tinham desapparecido
como por encanto!
Dôres de cabeça em geral;
dôres de dentes e ouvido; ne-
vralgias; cólicas menstruaes,
rheumatismo; consequencias
de tresnoitadas, excessos
alcoolicos, etc.
Não affecta o coração
nem os rins.
"meu unico
allivio"!

URODONAL

evita a arterio-esclerose

Aconselhado pelo Professor Lancereaux, ex-Presidente da Academia de Medicina franceza.

O signal da temporal indica o inicio da arterio-esclerose.

« A indicação principal, no tratamento da arterio-esclerose, consiste, antes de tudo, em impedir a formação e o desenvolvimento das lesões arteriaes. No periodo de pre-esclerose, o acido urico que é o unico factor de hypertensão, faz que se deve luctar energicamente e frequentemente contra a sua retenção no organismo, empregando-se o Urodonal. »

Professor Faivre,
Professor de Pathologia, Interna da Universidade de Poitiers, França.

Tem-se a idade das suas arterias; conservem-se as arterias jovens com o URODONAL; evita-se d'este modo a arterio-esclerose que endurece as paredes dos vasos, tornando-os friaveis e rigidos.

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro — N° 82. 10 de junho de 1918

Établissements CHATELAIN,

12 Grandes Premios

Fornecedores dos Hospitaes de Paris
2, rue de Valenciennes, em Paris e em todas as Pharmacias.

Agentes exclusivos no Brasil: ANTONIO I. FERREIRA & Cia. — Caixa Postal 624.

AVISO: Recusar todo e qualquer producto CHATELAIN que não tenha a etiqueta AZUL assignada "FERREIRA" e cujos prospectos sejam em lingua extrangeira.

CALLOS

Não importa quão doloroso seja o callo, o novo méthodo acaba com a dôr em 3 segundos. Uma gota do maravilhoso liquido scientifico e o callo se enruga, desprendendo-se facilmente. Os médicos usam-n'o e o recommendam. A venda em toda a parte. Cuidado com as imitações!

"GETS-IT"
Chicago, E. U. A.

PHAGURYL

MEDICAÇÃO PHAGOGENICA
DAS
VIAS GENITO-URINARIAS
Poderosa e Inoffensiva
Antimicrobiana Descongestiva e Sedativa

ESPECIFICO INTERNO
DA
CURA ANTI-BLENORRHAGICA
nos estados agudos e chronicos e em todas as complicações

A venda em as Principaes Pharmacias
Litteratura, á um simples pedido.

Laboratorios A. BAILLY
15, 17 Rue de Rome, PARIS (8°)

GRAÇAS ÁS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz

Innumeros attestados provam exuberantemente sua efficacia e multos medicos o aconselham

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.
Deposito geral:
ARAUJO FREITAS & C.
RIO DE JANEIRO

CONSULTORIO MEDICO

MARIA LINA (São Paulo) — A asthma é uma syndrome caracterisada por accidentes respiratorios com dyspnéa paroxystica e expiratoria.

Trata-se de uma diathese colloidoclassica ou de uma hypertonia do pneumogastrico. Os accessos de asthma podem ser provocados pelo frio ou ser de origem alimentar.

Não se considera mais a asthma uma nevrose.

Como tratamento aconselho injecções de Ephetomina Merck e int. pilulas de Trousseau ou a seguinte fórmula: Uso int.:

Xe. flores laranjeiras, 300 grs.; Iodeto de sodio, 10 grs.; Chlorhydrato de heroina, 10 centigrs.; Tintura de belladona, 5 grs.; Sol. de adrenalina. 5 grs.

Tome 1 a 3 colheres das de sopa por dia.

M. M. (Rio) — Como medicação da funcção digestiva insufficiente aconselho int.:

Papaina, 20 centgr.; Magnesia calcinada, 30 centigr.

Para 1 cap. me. n. 12. Tome 2 por dia. Injecções sub-cutaneas de Nervocithine Tissot.

FELICIDADE (Casa Branca) — A frieza intima é perfeitamente curavel (a "mulher de gelo" é uma ficção literaria, não existe na realidade). Excitação prolongada do appa. genital. Aconselho o uso de injecções sub-cutaneas diarias de *Sôro lipotrophico Feminino* e ás refeições dois comprimidos de *Yohydrol Riedel*.

JOÃO MARCOS (Friburgo) — Póde-se fazer a correcção cirurgica dos narizes desgraciosos (cyphoticos, longos, desviados lateralmente, carnudos, com larga raiz, batatudos e com pelle dura e infiltrada).

Mediante nome e endereço certo indicarei especialista competente, do Rio, para fazer a operação.

SELDA (Petropolis) — A tosse de origem naso-pharyngo-laryngéa exige, muitas vezes, como tratamento causal a ablação de um polypo nasal e a resecção da cabeça do cartucho médio.

A irritação nasal póde ser influenciada com pulverisações de:

Uso ext.:

Chlorhydrato de cocaina, 20 centgr.; Adrenalina a 1 °|°°, 4 gottas; Agua esterilisada, 20 c. c.

Quatro pulverisações por dia.

Int.: Tint. de drosera, Tint. de raiz de aconito, Bromoformio, ãã; Alcool a 70°, Glycerina, 2 grs.

X gottas numa colher de xarope de flores de laranjeiras, tres a quatro vezes por dia, depois de ter agitado bem o vidro.

DONATELLO (São Paulo) — A fraqueza genital é perfeitamente curavel. Sim, é possivel mediante endereço certo.

SOFFREDOR (São Paulo) — O methodo de Sicard (lipiodo-diagnostico), mostra, pela radioscopia, o logar de compressão da medulla. E' o processo do Lipiodol ascendente. Póde-se assim pela radiographia limitar toda a zona comprimida. Aconselho repouso, physico e moral, alimentação lacto-vegetariana de preferencia. Injecções intra-venosas de iodeto de Sodio a 10 °|° — 10 c. c., recentemente preparadas.

Injecções sub-cutaneas de *Sôro lipotrophico Masculino* e, ás refeições, tomar quinze a vinte gottas de Extracto cerebral Vital Brasil.

N.I.N.A (Rio) — Só com exame.

MME. CLARA (Therezopolis) — Contra a quéda do cabello aconselho a seguinte loção:

Uso ext.: Agua da Colonia, 350 gr.; Ether de petroleo, ãã; Ether sulfurico, 25 grs.; Ammonea, 3 grs.; Chlorhydrato de pilocarpina, 40 centigrs.; Agua, q. b. para dissolver.

DR. VEIGA LIMA

P. S. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao DR. VEIGA LIMA. Consultorio: Rua Uruguayana n. 5 — 1° andar — Rio de Janeiro. Tel. 5763 Central. A's 3 horas — Caixa Postal 2.316 (*Imprensa Medica*).

UM PROTESTO!

HOMENS SEM HONRA!

De volta de minha ultima viagem a Nova York e Buenos Aires, tive a surpreza de ver que augmentaram muito nos jornaes, durante a minha ausencia, as cópias e imitações mais vergonhosas dos meus annuncios.

No Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados do Brasil.

Em Pernambuco um pharmaceutico teve a audacia de copiar, palavra por palavra, o annuncio do meu remedio *"Ventre-Livre"*.

Em São Luiz do Maranhão, outro, tão cynico quanto o primeiro, tambem copiou palavra por palavra o annuncio do meu remedio *"Regulador* **Gesteira"**.

Aqui, em Belém (Estado do Pará), ainda um outro, com uma velha drogaria de terceira ordem, levou o cynismo ao ponto de passar a assignar-se Doutor e de copiar, de uma maneira verdadeiramente revoltante, os meus Livros, em que explico a acção dos meus tão conhecidos remedios.

Até isto!!

E assim muitos outros mais, todos elles tão indignos, tão vis, tão despreziveis que tenho repugnancia de cital-os.

Só queimados vivos, estes patifes!!

Augmentando, cada vez mais, o numero destes deshonestos, resolvi chamar a attenção dos doentes, para que se não deixem enganar.

Um homem que imita e copia annuncios ou Livros de remedios alheios dá uma prova publica de que é um homem sem honra e sem intelligencia!

Sim! sem honra e sem intelligencia!!

E um homem sem intelligencia, para escrever um annuncio ou um Livro, não poderá nunca ter capacidade para estudar e descobrir um bom remedio!

Publico este protesto, para que ninguem seja enganado.

Ha, felizmente, em todas as partes do Brasil, pharmacias e drogarias de inteira confiança, onde se podem comprar *"Regulador* **Gesteira"**, *"Ventre-Livre"* e *"Uterina"*, sem que sejam trocados por beberagens que nada valem.

Estes meus remedios vendem-se hoje em muitos paizes importantes.

Tão grande é a procura no estrangeiro e tão exaggerados e exorbitantes são os impostos no Brasil, que me vi obrigado a montar outro Laboratorio na America do Norte, para poder fabrical-os e vendel-os, nas outras nações, por preços mais baratos.

O endereço do meu deposito na America do Norte é o seguinte: *Maiden Lane* 129 — NOVA YORK.

De lá é que eu remetto para todos os paizes estrangeiros.

Da America do Sul, basta falar em Buenos Aires, a sua cidade maior e mais populosa, e onde ha um enorme rigor na approvação dos remedios.

Pois bem: em Buenos Aires os meus remedios são vendidos de uma maneira tão extraordinaria e vão augmentando tanto de procura, que resolvi estabelecer lá um grande deposito.

Os meus depositarios em Buenos Aires são os grandes industriaes Srs. Badaracco & Bardin, proprietarios da *"Pharmacia Franco-Ingleza"*, a maior pharmacia do mundo, *leiam bem: a maior pharmacia do mundo!*

A grande *Pharmacia Franco-Ingleza*, tão admirada em Buenos Aires, só acceita a representação de remedios de primeira ordem e inteira confiança.

O endereço da *"Pharmacia Franco-Ingleza"* é o seguinte: Calle Sarmiento n. 581, Buenos Aires.

Com os endereços que dei de Nova York e Buenos Aires, qualquer pessoa poderá verificar se digo ou não a verdade, escrevendo, para obter informações.

A verdade, a grande verdade é esta: os meus remedios se vendem tanto e vão augmentando cada vez mais a procura, no Brasil e paizes estrangeiros, porque são realmente bons e preparados com todo cuidado, o maximo rigor e consciencia.

Sim! — *"Regulador* **Gesteira"**, *"Ventre-Livre"* e *"Uterina"* são esplendidos remedios descobertos, por mim depois de muito trabalho e prolongados estudos!

Os homens sem honra, nem intelligencia, que copiam e imitam os meus annuncios e Livros, perdem, portanto, o seu tempo e não hão de poder enganar a ninguem.

Patifes!!

UMA DECLARAÇÃO

O Dr. J. Gesteira julga tambem conveniente declarar que não tem filial no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

O seu Laboratorio no Brasil, é em Belém, Estado do Pará.

Declara-o, para evitar que certos individuos sem escrupulos continuem a exploração torpe de seu nome, dizendo-se seus socios no Sul do Brasil, como tem sido informado por dedicados amigos.

UM PEDIDO AOS GERENTES DE TODOS OS JORNAES BRASILEIROS:

Fazendo questão de publicar este meu protesto em todos os jornaes brasileiros, sem excepção de um só, desde os das grandes capitaes e importantes cidades aos dos logares mais longinquos e modestos, peço aos Gerentes de todos elles que me escrevam informando o preço da publicação na 1ª, 2ª e 3ª paginas.

Quero saber quantos jornaes ha no Brasil, sem o esquecimento de um só!

Belém, Estado do Pará, avenida de Nazareth n. 95.

Dr. J. Gesteira

Automobilismo

CONSELHOS AOS AMADORES

E' simples comprehender ser muito mais facil pôr um automovel em marcha em terreno plano do que numa rampa. Neste ultimo caso, o esforço do motor é evidentemente maior.

Sendo a rampa que se tem de galgar muito ingrime, convém calçar por detraz as rodas traseiras, afim de que se possa alargar os travões; desligue-se a união de fricção e accelere-se o motor; engrenada a primeira velocidade, engate-se progressivamente a união, deixando-se o carro attingir a velocidade normal, para, então, mudar-se para a segunda velocidade e desta para as seguintes.

A rampa sendo suave, accelera-se o motor, mantendo o travão apertado emquanto se liga a primeira velocidade. Vae-se, em seguida, alargando a pouco e pouco a alavanca do travão á medida que se liga a união de fricção e se accelera o motor. Estas tres operações devem ser feitas simultaneamente. D'ahi passa-se á segunda, á terceira velocidade, etc.

Na mudança de uma velocidade inferior para uma immediatamente mais alta, deve-se desembraiar completamente, alliviando o accelerador, pôr a alavanca de mudança de velocidade no ponto neutro, mantendo-a nessa posição num curto instante e engrenando, successivamente, nas velocidades seguintes. Em caso contrario, de mudança de uma maior para uma menor velocidade, deve-se desembrair e alliviar o accelerador, pondo a alavanca em ponto neutro, embraiando e accelerando; seguidamente, desembraia-se, mudando rapidamente a velocidade, embraiando e accelerando de novo.

DE PEKIM A PARIS DE AUTOMOVEL

O aeroplano e o automovel vieram abrir para o mundo uma nova éra de investigações e descobertas.

As azas de téla e as rodas de borracha estão riscando os ares e a terra em rumos novos, mostrando mares, terras e gentes ainda ignorados ou mal conhecidos.

Cabe á aviação, naturalmente, a maior parte de attenção e de interesse do publico estranhamente seduzido pelo sport que pouco a pouco vae ficando transporte. Com isto, porém, não deve o automobilismo ter diminuido ou annullado o seu grande merito de optimo elemento de pesquizas e investigações geographicas, tanto mais quanto a passagem de um carro por determinado percurso assume muito mais valor pratico immediato do que o vôo de um aeroplano por cima do mesmo trajecto.

Desde que um automovel vença um certo itinerario, logo se póde concluir que outros carros não demorarão a passar por elle, conduzindo passageiros e cargas.

Já com o aeroplano, porém, o caso é bem differente, pois a indicação de um novo rumo de vôo não importa na sua utilisação proxima, principalmente para fins de transportes regulares. Poderiamos, por exemplo, contar vôos e mais vôos entre São Paulo e Rio, mas não tendo a estrada de rodagem entre as duas capitaes, poderiamos tambem ficar muitos annos ainda, sem possibilidades de transporte, "ao alcance de todos", entre as duas capitaes.

Vêm estas considerações a proposito de uma viagem, duas vezes transcontinental, feita em automovel, de Pekim a Paris. Foram 20 mil kilometros de percurso através a Asia e a Europa, unindo o lendario Oriente ao classico Occidente.

O rumo não é de todo novo, pois data de seculos, mesmo, o movimento de caravanas que atravessavam a zona desertica entre Bagdad e o Mediterraneo, mas nunca se effectuára numa só viagem a ligação entre as duas mais famosas capitaes dos continentes asiatico e europeu. Acaba de fazel-a o major Mc. Callum e sua mulher, dois engenheiros inglezes e dois criados hindús, com dois automoveis tão carregados, que cada um delles pesava tres toneladas, em ordem de marcha.

A viagem, feita em carros "Buick", durou nada menos de 11 mezes, desenvolvendo-se o trajecto por estradas de todas as especies: muito boas no sul da China inteiramente inundadas no Sião, quasi imperceptiveis no deserto, variando de más a pessimas na quasi totalidade do percurso.

Os carros conduziam todo o equipamento necessario para acampar ao ar livre, utensilios de cozinha e cerca de 400 litros de gazolina, transportados em tanques auxiliares postos nos estribos. E comquanto tivessem de dar repetidos e arduos esforços, os dois "Buicks" funccionaram perfeitamente. Até os pneumaticos resistiram valentemente á jornada inteira.

Prova de como o automobilismo está diffundido pelo mundo a fóra é o facto do major Mc. Callum e seus companheiros terem encontrado serviço "Buick" ao longo do caminho, comquanto não tivesse sido necessario appellar para elle. Com effeito, nenhum dos carros aqueceu apreciavelmente, mantendo altas velocidades durante horas a fio.

A REGULAMENTAÇÃO DE VELOCIDADE DOS CARROS COMMERCIAES NA INGLATERRA

Desde primeiro de Outubro, entrou em vigor, na Inglaterra, o novo regulamento sobre limites de velocidade para carros commerciaes.

Por elle os carros desse typo pesando menos de 2.240 kilos, quando equipados com pneus, com camara de ar, poderão trafegar com a velocidade maxima de 36 kilometros, quando até agora a maxima era de 20 kilometros. Vehiculos semelhantes, equiparados com pneus massiços, poderão attingir 20 kilometros.

No caso de pesados carros de carga, quando tanto elle como o reboque estão equipados com pneus com camara de ar, a velocidade maxima foi elevada de sete para 20 kilometros. No caso dos pneus serem massiços, a velocidade de 7 passou a 16 kilometros. Juntamente com essas novas ordens, foi tornado obrigatorio o uso de espelho de retrovisão.

A ULTIMA CREAÇÃO STUDEBAKER

A ultima novidade da Studebaker é o seu novo "chassis" commercial de uma tonelada para pequenas entregas. Está equipado com um motor de seis cylindros Dictator e com freios mecanicos nas tres rodas.

A embraiage é de disco unico, trabalhada a secco e ligada a uma caixa com tres velocidades. A lubrificação é sobre pressão sendo a ignição do fabricante Delco-Remy.

As rodas são de madeira de 30 x 5 com pneus de alta pressão. Quanto aos outros detalhes, são identicos aos dos carros do mesmo typo.

O NOVO TYPO DE ARO OLDSMOBILE

O novo typo de aro usado nos carros Oldsmobile é uma peça muito resistente e flexivel, facilitando extremamente o serviço de montagem e desmontagem de pneumaticos. Com a ajuda de uma pequena chave de aros, dá-se uma volta á esquerda e o aro é facilmente aberto, sem ser necessario a intervenção das ferramentas usuaes. Esse novo systema reduz de 90 °|° o estafante trabalho de mu-

dança de pneus, espantalho dos automobilistas, que agora são favorecidos com um systema o mais pratico que se possa imaginar.

2º CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ESTRADAS DE RODAGEM

O Sr. Godofredo M. de Menezes encontra-se na America do Norte negociando a possibilidade de realisar-se no Rio de Janeiro, em 1929, a proxima sessão do Segundo Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem.

PAREMIAS

Querer precisar a origem dos acontecimentos, é o maior erro humano. O insondavel não se perscruta.

— As revoluções quando não glorificam heróes, immortalisam martyres.

— O dinheiro tem uma unica utilidade: é o mais fiel psychologo dos caracteres.

— A vida é uma contingencia de successivas esperas.

— Ha dias, ha horas em que até a propria musica nos faz mal...
E' a alma humana, na enfermidade de si mesma, evocando, recordando, intuitivamente; mas de um modo mui vago, algo que punge e que a tortura dolorosamente.

— A humanidade é uma louca ajuizada e as suas leis um amontoado de contradições.

— Individualizar a gloria de grandes feitos collectivos foi sempre a maior fraqueza humana.

(Do livro *Vacuo...* — segunda edição, a sahir).

J. M. Coimbra

(Penha)

Era ainda no tempo de Dom João V, se a memoria não nos trãe. Pernambuco com as suas exaltações civicas cedo despertadas protestou lá de um dos seus cantos contra qualquer cousa. Para escarmento de outros, a Côrte mandou desannexar daquella capitania o pedaço revoltoso e annexal-o á Bahia. Como, porém, ficasse mais perto de Minas, transferiram-no depois a Minas.

Grande discussão tem corrido a respeito entre esses Estados, sem resultado.

O Sr. Vital Soares agora não estando mais pelos autos, com um simples decreto seu tomou a Minas o municipio em litigio! Não seria o caso de o Sr. Estacio Coimbra imital-o e fazer voltar a Pernambuco aquillo que a Bahia lhe deve?! Si a cousa é facil assim, será desperdicio gastar mais do que essa materia de expediente...,

QUEM FUMA?

Fumar é perder tudo: saude, tempo e dinheiro!

TABAGIL

(Puramente vegetal)

Cura o vicio de fumar em 3 dias! Cada tubo 10$ e pelo correio 12$. A' venda nas Drogarias e no depositario "MEDICINA POPULAR".

RUA S. JOSE' 23

EDUARDO SUCENA — Rio de Janeiro

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIÃO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio.

R. RODRIGO SILVA N. 28

Leiam a *Illustração Brasileira*, o magazine mensal de luxo.

O BÊBÊ "JIFFY"

O Bêbê que melhor se veste é o Bêbê "Jiffy." Elle usa as *CALÇAS "JIFFY", DE BORRACHA DE KLEINERT*, que são confortaveis, conservando as suas roupas frescas e limpas. Elle se sente feliz com as *CALÇAS "JIFFY"*.

Para o berço do Bêbê é de grande utilidade o uso do *LENÇOL DE KLEINERT*, o qual proteje o colchão da agua e acidos.

Póde-se tambem adquirir o *PANNO IMPERMEAVEL, DE KLEINERT*, em todos os tamanhos e grande variedade de *BABADOUROS KLEINERT*.

Estes artigos protectores economizam um tempo consideravel em lavagens, conservando sempre o Bêbê limpo e são.

EXIJA A MARCA:

Peçam informações ao nosso representante:

LUIS SANS-QUINTANA, Caixa postal, 2634

Rua da Alfandega, 194 — 1º andar

TEL. N. 3212 —):(— RIO DE JANEIRO

O VOSSO DOUTOR

aconselha-vos a tomar o

DIGESTONICO

do Dr. VICENTE

Appr. D.N.S.P. sob o Nº 169 em 24-3-1927

contra as dôres do estomago

ARDORES - DYSPEPCIAS ACIDAS

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as Pharmacias

A CREANÇA

O MALHO

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000 — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio
Telephones: Gerencia: Norte, 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247.
Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8º andar, Salas 86 e 87.

A HISTORIA TRISTE DE TODOS OS DIAS

O nocturno paulista, fazendo ranger os trilhos molhados da estrada, seguia veloz, beirando o Parahyba que, negro e tragico, repousava tranquillo sobre um leito de lodo.

No interior de um carro de segunda classe, entre uma mescla bizarra de italianos e brasileiros, o syrio Rachid, sentado num duro e immundo banco, cofiava os immensos bigodes, meditativo e triste. Seus grandes olhos, negros como dois poços que desolação, vagavam pelo chão salpicado de cusparadas.

A seu lado, um italiano roncava, deixando escapar pela bocca desmesuradamente aberta que semelhava a cratéra do Vesuvio, uns sons roucos de tenor resfriado. O trem, com a velocidade das horas na juventude, voava. O Parahyba, com a calma abbacial de um monge de burél negro, repousava tranquillamente sobre um leito de lama...

O syrio Rachid pensou no Rio. Sentiu uma saudade inimaginavel da pobre Sarah, a quem elle havia abandonado uma noite, após havel-a esbofeteado, na esquina da rua José Mauricio. Sarah, a bôa companheira que deixara a familia e a patria para acompanhal-o ao Brasil...

Rememorou. Fôra na tenda do Abdalla, havia já muitos annos, que elle a conhecera. Ella era linda, então. Tinha os cabellos negros como as noites da Arabia e os olhos ardentes como o deserto... Ella gostára de umas missangas muito lindas que o Abdalla expuzera numa vitrine. Rachid, gentilmente, pediu-lhe permissão para comprar as missangas e offereceu-lh'as. Ella, creança ainda, tão creança que só tinha quinze annos, acceitou a dádiva com alegria infantil.

Desde esse dia passaram a encontrar-se numa alamêda solitaria, sob uma arvore copada que, ao soprar da brisa, deixava cahir sobre suas cabeças uma chuva de flôres côr de ouro, como um enxame de abelhas mortas...

Perseguido pelos musulmanos, Rachid foi obrigado a abandonar a patria. Sarah, bôa e carinhosa, acompanhou-o. E, numa manhã radiosa de Setembro, chegaram ao Rio de Janeiro. Alugaram um pequeno quarto no primeiro andar de um predio da rua da Alfandega, e ali, temerosos e aváros, foram esconder o seu amor.

Elle, com algum dinheiro que trouxéra da terra abriu uma pequena loja de fazendas na rua Tobias Barreto, com a esperança de enriquecer, como acontecera a alguns patricios, seus amigos, que elle encontrára aqui estabelecidos com negocio de armarinho. Mas os ventos contrarios assediavam o pobre Rachid e elle, em breve tempo, achou-se na miseria. Recorreu aos melhores amigos que possuia no Rio, mas todos, sabedores da sua desdita, afastavam-se de seu passo.

E elle, que aspirava uma felicidade maior para a sua querida Sarah, sentiu a nevoa da desventura toldar os seus horizontes. E desanimou. Desanimou e passou a embriagar-se todos os dias, entrando em casa tarde da noite, chegando até a esbordoar aquella bôa companheira que fôra o sol de sua vida e de sua juventude....

O proprietario do predio em que, num quarto sordido e repugnante de immundicie, residia o desventuroso casal, cansado de cobrar e não receber o misero aluguel, deu ordem de despejo aos dois infelizes, ficando-lhes com os escassos moveis — uma cama e um banco — e deixando-os sem tecto, a elles que já não tinham pão... Sarah, sempre bondosa, acompanhou Rachid na sua peregrinação pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, onde esmolavam á caridade publica.

Uma noite... — não foi um dia, como sempre succede... — Uma noite, Rachid, com o dinheiro das esmolas, entrou numa tasca e bebeu demasiadamente. Cambaleando pelas ruas, amparado pelo braço protector, embóra fragil, de Sarah, caminhava elle, offendendo a quem quer que se approximasse. Chegados á rua José Mauricio, sentaram-se na calçada, elle, bebedo de vinho, ella, bebeda de somno e fome.

Entre temerosa e meiga, Sarah tentou dar-lhe bons conselhos: — Que elle procurasse emprego... que não bebesse mais. Aquillo lhe fazia mal...

Ao ouvir estas palavras, elle ergueu-se rapido, como leão ferido. Avançou cambaleando para a pobre mulher e esbofeteou-a cruelmente. Ella, resignada, não deu um só grito, deitou-se na calçada, soluçando.

Ao erguer a cabeça, procurou Rachid por todos os cantos, mas não o encontrou. O syrio a abandonára.

Na manhã seguinte, Rachid, já curado da bebedeira, furtou algum dinheiro, e á noite, embarcou para São Paulo.

A locomotiva, resfolegando, entrava em Cachoeira. O rio Parahyba, negro e tragico, repousava tranquillo sobre um leito de lodo...

Rachid adormecera ao lado do italiano que roncava, deixando escapar pela bocca desmesuradamente aberta que semelhava a cratéra do Vesuvio, uns sons roucos de tenor resfriado...

Alberto Renart.

UMA CIDADE Á FLOR D'AGUA...

(REPORTAGEM ESPECIAL PARA "O MALHO", DE *BARROS VIDAL*)

A fragil embarcação, a rapidas remadas, cortando o mar sereno, avançava. Divisavamos, no seu conjunto de tintas fortes, aquelle amontoado de casinholas bizarras que, descendo da encosta do morro, penetrava na agua mansa e já anciavamos por devassar-lhe os detalhes que a distancia não nos permittia alcançar. Mas a imaginação, com essa força indomavel que derruba montanhas, remove obstaculos e detém a marcha vertiginosa dos rios, adivinhava que a mancha negra que corria ao fundo do quadro, como um alto relevo, era uma rêde exposta ao beijo do sol e a nota branca que tanta vivacidade lhe emprestava era um corpo de mulher.

O barco corria e já sentiamos, bem de perto, no seu abandono e solidão a cidade dos pescadores. Erguida dentro do mar, onde os lutadores incansaveis vão buscar o pão de todo dia, numa luta sem treguas, a estranha cidade offerece uma visão maravilhosa. Na sua perspectiva, sem magnificencias, não ha esplendor, nem elegancia, mas ha ternura na sua expressão de pobreza feliz e conformada.

Cada casinhola daquellas, ligada á terra por uma taboa a modos de ponte, na sua simplicidade reflecte a ambição do seu morador, que não tem outro sonho que não seja morrer alí, depois de ali viver feliz, rodeado dos seus, vendo aquella paizagem que não cansa, porque se renova a todo instante, aos caprichos do mar.

Um amor, um barco e a choupana dentro dagua, eis a suprema gloria do pescador que vive naquelle delicioso recanto da Guanabara, onde chegavamos agora.

O sol punha reflexos doirados na agua tranquilla donde se erguiam os alicerces das casinhas tôscas. Chegavam aos nossos ouvidos os sons melodiosos de uma doce tôada e nossos olhos se enchiam das mais curiosas e extravagantes imagens. Sem symetria, umas encostadas ás outras, como a se ampararem, num supremo esforço e num decisivo triumpho sobre as leis do equilibrio, as casinholas pareciam um brinquedo de creanças.

Janellinhas estreitas espreitam o mar e uma varanda corre ao lado até mergulhar nagua. E, presos a esta, bailoçam vagamente, os barcos de pesca, as velas enfunadas, vasios.

A nota predominante é o negro das rêdes espalhadas, aqui a seccar, presa de uma a outra estaca; ali, a soffrer um concerto e a compôr um poema de meiguice e amor, porque ha muito amor e muita meiguice no pescador e na loirinha alegre que, juntinha, lhe corrige as malhas. Ha naquella casinha mais feia uma janella pintada de amarello e uma moça vestida de verde que nella se debruça, desenhando para os nossos olhos a bandeira nacional.

Um velho, a perna cruzada, o cachimbo na bocca, as palpebras cerradas, se ageita na cadeira de vime, talvez para sonhar.

O barco, mansamente, encosta á primeira casinha.

A sua impressão de pobreza desapparece aos encantos da arrumação que se lhe nota de relance.

Estavamos dentro da pequena cidade dos pescadores e não sabiamos por que,, estranhos que eramos ao ambiente, nos sentiamos bem entre aquelles olhares curiosos, aquellas casinhas como boiando á flôr dagua e aquella gente bôa que realiza o milagre de viver contente com a sorte que Deus lhe deu.

Aquelle trecho da Quinta do Cajú, com o seu aspecto inconfundivel, sua edificação propria e sua natureza privilegiada é um dos logares mais pittorescos do Rio.

Moradia mais adequada os pescadores daquella colonia não podiam encontrar porque, mesmo recolhidos á intimidade do lar, não perdem o contacto do oceano que lhes rola aos pés. E quem ali vive não tem vontade de viver em outra parte, não troca aquelle socego e aquella quietude pelo turbilhão dos grandes centros, porque aquillo tudo tem uma "feitiçaria irresistivel", assim mesmo como nos dizia o pescador Zenobio que ali nasceu, ali envelheceu e ali espera morrer...

E era elle mesmo quem nos falava, agora, apontando de sua cadeira de vime, a cidade que não se via:

— Garanto que não ha um pescador aqui, que se não considere feliz. A nossa cidade tem tudo. Este morro, parece, foi posto por Deus onde elle está para separar o nosso pequeno mundo, do grande mundo que acaba lá no ponto dos bondes. E tão generoso elle foi commosco, que preparou, com as suas mãos milagrosas, este recanto que tem, ao mesmo tempo, a riqueza da terra e o esplendor do mar...

— Quando o mar se agita estas casas não soffrem? indagámos.

— Não, respondeu elle.

E, esboçando um sorriso:

— Além de solidas, o mar aqui, por mais que se encrespe, não chega para assustar.

E olhando-lhe a immensidão, bem em nossa frente:

— Elle sabe na nossa vida como nós sabemos dos seus segredos...

Zenobio, acompanhando com o olhar a fumaça que lhe fugia do cachimbo, nos confidenciava:

— Ha setenta annos vivo nestas bandas. Aqui vim ao mundo, cresci, casei e estou envelhecendo. Tenho oito filhos e vinte e seis netos...

— Vae, sempre, ao centro da cidade?

— Quasi nunca.

— Gosta, então, daqui?

— Muito, mas gosto mais, muito mais do mar...

Um joven, seu neto, que o ladeava, interveiu:

— Vôvô já disse que quer o mar, tambem, para sepultura!...

* * *

A população da cidadezinha erguida á beira-mar, vive identificada pelos mesmos habitos, pelos mesmos costumes e favorecida pelas mesmas benesses do Oceano.

Não precisam de grandes recursos, porque não têm grandes gastos e o pouco que ganham chega para manter a sua pobreza. Não têm preoccupações maiores nem se affligem com as leis do inquilinato, levantando as mãos aos céos por viverem esquecidos, na certeza de que se um dia delles se lembrassem seria para tortural-os. E assim vão vivendo felizes, pescando, respirando aquelle ar saudavel e tendo do mundo uma noção muito vaga, porque as casinhas em que vivem, o mar em que lutam, o céo que os cobre, tudo aquillo é o seu verdadeiro mundo.

— Contrabandos? repetia a nossa pergunta, arregalando os olhos, um pescador, para dizer logo a seguir:

— E' infamia. Ha muitos annos atraz, realmente, alguns contrabandistas andaram desembarcando aqui. Mas agora não ha mais disso.

E sacudindo a cabeça:

— Calumnia, senhor, uma grande calumnia...

E firme:

— Conhecendo a nossa vida, que é de lutas, honestamente, ninguem póde dizer que aqui se acoitam taes contraventores.

E medindo a extensão das aguas mansas, com o olhar:

— Quem é rico não precisa sahir da lei para viver...

E, cheio de orgulho, apontando a superficie liquida que reflectia o tôsco casario:

—E nós temos esta riqueza!...

* * *

A embarcação que nos servia, largava. O remador impulsionava-a, para o largo, com os seus musculos de aço. Correndo, o barco nos distanciava da linda cidade pobre, rica de matizes e surprezas.

Já iamos longe, perdiamos a noção dos detalhes do grande conjuncto, mas ainda nos feria o olhar a bandeira brasileira da janella amarella e do vestido verde de mulher...

Estamos tambem realisando as nossas "semanas anti-alcoolicas". Ahi se tem uma cruzada que só deveria merecer de todos o mais decidido apoio. Entretanto, pessoas ha que lh'o negam. E sabe o leitor por que? Por julgarem essa propaganda contraria, na realidade, ao interesse social... Já viram que absurdo?! No entender, das mesmas, ella é não só negativa, como contraproducente, o que é e será peor ainda.

Em abono de sua estranha these discutem com as attracções que as cousas prohibidas exercem sobre o barro humano e citam os casos conhecidos de sociedades victimas desse combate sem o qual o alcool passaria despercebido, pelo menos nos seus effeitos...

Como são commodistas os brasileiros! Até nos raciocinios vão sempre pelo mais mais simples...

Um tinteiro artistico feito com um apparelho telephonico que nunca serviu.

NÃO É O TRADICIONAL GRITO
DE CARNAVAL NA RUA!
E' a primeira manifestação de regosijo publico pela sahida, nos primeiros dias de Dezembro do
ALMANACH DO "O TICO-TICO"
No Rio: 5$000 — Pelo correio: 5$500
Façam desde já os seus pedidos
Sociedade Anonyma O MALHO
RUA DO OUVIDOR, 164 — RIO

O homem que se alimentava de harmonia

— LEÃO PADILHA

Naquelle tempo, eu vivia uma vida de capitalista. Recolhia-me pela madrugada, depois de uma peregrinação demorada por quasi todos os cafés do centro da cidade. Acordava pelas onze horas, numa completa despreoccupação de espirito. Ao meio dia, nunca me encontrei longe da rua do Ouvidor.

Quando o patrão me despediu, summariamente, sem nenhuma consideração pelas minhas aptidões literarias reveladas numa profusa collaboração poetica, espalhada por diversas revistas e almanachs, jurei guerra eterna ao trabalho, fiz-me revolucionario, admirei todos os anarchistas que vieram antes de mim.

Por isso, ali estava eu, indifferente ao tempo, ás preoccupações financeiras e espirituaes, aos reclamos constantes da dona da pensão que me ameaçava, todo o dia, de atirar-me com os cacarecos e a papelada no olho da rua.

No primeiro dia de vagabundagem, esmei pela Avenida, á feição das vagas humanas que ora me jogavam á frente de um cartaz de jornal, contendo as ultimas novidades esportivas, ora me atiravam á margem, á beira das calçadas, onde me ficava a olhar os automoveis trepidantes, ruminando pensamentos amargos e insultos mentaes contra a felicidade dos outros.

Mas no segundo dia, aportei á frente de uma casa de discos, na rua do Ouvidor e lá deixei-me ficar, ouvindo uns tangos que me adormeciam todos os impetos nihilistas e me traziam ao coração uns vagos fluxos de saudade. No dia seguinte, voltei. Voltei no outro. E dahi para diante, o habito trazia-me, todas as manhãs, para estas portas harmoniosas de casas de musicas, onde os basbaques matam, quotidianamente, o tempo, com banhos de melodia.

Fui um delles. Tornei-me um afficcionado.

☆ ☆ ☆

A' porta das casas de musicas tambem se fazem relações e se cultivam amizades. Em poucos dias, eu conhecia todo o pessoal que frequentava, religiosamente, o meu ponto, isto é, a minha porta. Havia um compositor de modinhas languidas e maxixes sapecas que tinha uma bruta cotação com os empregados da casa. Mandava tocar o que queria. Era a inveja da nossa sociedade — uma especie de *leader*, interprete dos desejos geraes junto ás victrolas immensas e caras. Havia um cego que vinha vender bilhetes de loteria e voltava com quasi todos, esquecido de passal-os, na bebedeira de harmonia...

Havia um grupo de rapazes que falavam sempre de *foot-ball* e preferiam o maxixe, o que enchia de indignação a um cavalheiro severo de oculos escuros e cabellos em desalinho que só pedia musicas classicas, e um poeta inédito, que era doido pelos tangos milongas "concentrados melodicos da melancolia das inquietações e das tristezas da suburra de Buenos Aires" — conforme a sua definição... E um sujeito gordo, redondo, com o corpo enorme mal equilibrado sobre as perninhas curtas — que encostava na parede e adormecia aos primeiros discos... E um rapaz de oculos muito grandes, o rosto cheio de espinhas, uma cabelleira revolta de artista bohemio, uma roupa mal ajustada, cheia de manchas e de um lustro alarmante nas costas e nos punhos, ar de miseria e de fome que mettia dó, fazendo um contraste chocante com as polainas brancas e o cravo alegre, desabrochando na lapella.

O sua estranha indumentaria attrahiu-me a curiosidade. Ao demais, elle conversava bem, com um phraseado selecto que mettia inveja no compositor de maxixes e modinhas.

A's onze horas, quando eu chegava, já os encontrava quasi todos. Elles me recebiam cordealmente. Indagavam-me como passara a noite. Contavam-me as ultimas novidades musicaes.

— Já viram a nova Orthophonica da casa X?

— Conhecem o novo tango que está fazendo um successo *batuta* em Buenos Aires?

— Sabem que o collega das musicas classicas (era o cavalheiro de aspecto grave e oculos escuros) cahiu doente? Ha dois dias que não apparece...

— Não teria mudado de ponto? Ha muita gente capaz disso...

De repente, todos paravam. O braço metallico da victrola cahira sobre o disco, e o estylete da agulha, martyrisando-o, arrancava-lhe de um tango milonga, "alma das das entranhas os gemidos sonoros bordeis, tristeza da Suburra de Buenes Aires", — outra phrase do poeta...

☆ ☆ ☆

Um dia, quando eu me retirava, repetindo, intimamente, os compassos da "Romana", que ouvira, quinze vezes em quatro horas, o rapaz de ar de miseria e de polainas brancas quiz acompanhar-me e seguiu a meu lado.

— Creio que vou ter uma indigestão — disse elle.

E como eu o olhasse, vagamente, continuou, explicando-me:

— Ouvi musica de mais. Puzeram muita opera, hoje, e outras musicas de substancia.

Achei graça no disparate. Elle, porem, falava com uma cara muito seria. E minutos depois, sentados em um banco da praça Marechal Floriano, elle me contou a sua estranha historia:

— Eu nasci no Ceará. Num anno de secca, no caminho do exodo que meus paes faziam pela segunda ou terceira vez, fugindo á fatalidade daquelles sóes. Meu pae, que tinha leituras e era um grande humorista, poz-me o nome de Creso. Quando, depois, feito homem, me inteirei que Creso fora o socio riquissimo de Julio Cesar e Marco Antonio, na repartição do Imperio Romano, não pude dar os para-

bens a meu pae pela formidavel ironia que atirara á face do destino: elle já morrera.

A vida andou shootando-me de um lado para outro. Cuspiu-me, um dia, no porto do Rio de Janeiro. Todo rapaz que chega do Norte, com o rosto cheio de espinhas syphiliticas e doze certificados de exames preparatorios, vem de carreira feita para os jornaes — para os jornaes que não pagam. Eu vim cahir numa dessas escolas...

— ...De cretinice?... — atalhei eu, no meu rancor de bolshevista contra tudo e contra todos.

—,Não: de jejuadores. Os jornaes que não pagam fazem uma selecção rigorosa no seu pessoal: só acceitam gente do Norte, de preferencia cearenses, cuja resistencia á fome é broverbial. Comecei pondo titulos em telegrammas. Fiz a secção de notas sociaes. Fui promovido a reporter de policia. Hoje, tenho a honra de dirigir a secção esportiva do jornal.

— Muito prazer em conhecel-o.

— A honra é toda minha. A profissão não é de todo má. Tem sómente um defeito: não ser um meio de vida. Eu comecei por ser posto na rua pela dona da pensão, quando mais precisava do amparo de um tecto e de uma mesa farta.

— As donas de pensão costumam ter más entranhas.

— Passei a dormir na propria redacção, sobre o chão forrado de papel e embrulhado em jornaes. Não é, certamente, tão macio como o leito da Pola Negri, mas nunca me queixei da sua dureza. Entretanto, logo se me apresentou á mente um problema de que eu não cogitara: o problema do estomago. Esta viscera inferior costuma fazer surprezas desagradaveis aos intellectuaes.

E foi assim que, dois dias depois da minha installação official no edificio do jornal, eu me encontrei com uma dessas fomes pavorosas que costumam assaltar os viandantes no meio do deserto, quando não levam munições... de bocca. Inutil tentar enganar o estomago com cigarros. Duas bolas de papel que enguli deram-me um trabalho enorme aos dentes e não resolveram o caso. Afinal, tomei uma resolução: falar ao director.

Quando entrei, o homem ia sahindo, a buscar um copo no gabinete contiguo. Sobre a mesa, aberto, achava-se um vidro de Bromil, ainda intacto. Imagine a emoção daquelle momento. Pensei em todas as grandes tentações que a historia e a lenda registam, desde a da serpente até a de Jesus Christo. A minha teve a intensidade dramatica de todas ellas. E como não sou Deus, succumbi como Eva. De um pulo agarrei o vidro e despejei-o na minha guela.

Foi um instante de gozo divino. De repente, sinto arrancarem-me o frasco, violentamente, da bocca, e o director, diante de mim, furibundo, aponta-me a porta da rua. Sahi, ás tontas, feito um maluco. Andei... andei... andei...

— Conheço este transe. Continue.

— ...Até parar em frente áquella casa de musica. Ao segundo tango argentino, senti que a minha fome adormecia; como se me houvessem hypnotisado o estomago. Quando a victrola terminou o ultimo compasso de um trecho de Wagner, eu estava tão farto que arrotei (desculpe a expressão). E vim por ahi a fóra, alliviado, farto, repleto. Um estomago cheio é um poço de optimismo. Entrei, novamente, no jornal, assoviando. Falei ao director. Expliquei-lhe a psychologia do momento terrivel, da tentação. Creio que me comprehendeu, apesar de ser burro como um jumento. O certo é que voltei a trabalhar no jornal. As experiencias subsequentes confirmaram a minha primeira prova: a musica era um alimento para mim. Com os dias, aprendi a regular o estomago, em relação aos discos. Componho os *menus* que desejo. Para mim, não ha maxixes, tangos, valsas, operas. Todos são pratos, que variam, desde a sobremesa de uma cançoneta franceza até o prato forte, substancioso, de um trecho classico...

— E' estranho... — disse eu, ainda incredulo.

— Eu tambem achei, a principio. Mas lembro-me de que já li uma pagina, seiscentista, que contava a historia de um frade que se deixou a ouvir o canto de um passaro, durante quatrocentos annos. E' uma historia respeitavel, contada por outro frade. Supponho que o monge a que ella se refere tinha as mesmas faculdades que eu tenho. Bem. Vou-me indo. Não perca a sessão de amanhã. Tem Caruso no *menu*.

E quando elle se despediu, concertando o cravo viçoso que sorria sobre a miseria da sua indumentaria, eu me deixei ficar sem saber o que pensar: — Seria um louco? Um *blagueur?* Um phenomeno?

☆ ☆ ☆

Algum tempo depois, fui compellido a trabalhar pela dona da pensão que me cortara a boia e me puzera os cacarecos na rua. Arranjei um logar numa casa de modas. Então, eu só podia gozar o ambiente das portas da casa de discos, quando sahia, ás onze horas, para o almoço.

Um dia, subitamente, deu-se uma catastrophe espantosa: o chefe de policia, a bem do socego publico, prohibira o funccionamento das victrolas á porta das casas. O nosso bando dispersou-se. Nunca mais eu avistei o rapaz das polainas brancas. Creio que morreu de fome.

(FIM)

Leiam a *Illustração Brasileira*, o magazine mensal de luxo.

A MALA MACABRA

RELATORIO DO DELEGADO SOBRE O HORRIPILANTE CRIME DE JOSÉ PISTONE

AS SENSACIONAES REVELAÇÕES CONTIDAS NO INQUERITO

Ao defrontarmos duas das photographias existentes nestes autos, percebemos o quanto de repulsivo existe no delicto aqui investigado.

Numa, o que se vê, atulhando uma mala, é o horrendo cadaver de uma mulher, de facies vultuoso e anegrejado, olhos herniados, apresentando incisões circulares completas nas articulações dos joelhos, deixando-os abertos, apenas seguros pelos ligamentos posteriores. Noutra, é esse mesmo cadaver de mulher sobre o marmore dum necroterio, apresentado ao vivo os córtes dos membros inferiores e com o utero prolabiado, devido á expulsão dum féto, obedecendo aos phenomesos da petrefacção...

No porto de Santos, no porão dum transatlantico, de onde viria, despachada como carga, aquella mala imprevista?

Que delinquente monstruoso buscava desse modo desfazer-se de sua victima?

E quem seria ella, a victima de tão espantoso crime?

A declaração do commandante Raul Chasmasson, do transatlantico "Massilia", onde foi encontrada aquella sinistra bagagem, em seu laconismo, mais torvo tornava ainda o medonho achado.

> "O commandante do vapor "Massilia" declara que a 7 de Outubro, durante o embarque das bagagens, em Santos, uma das malas embarcadas foi tida como suspeita. Trazia uma etiqueta de 3ª classe, consignada a "Francisco Ferrero — Bordeaux." A mala foi aberta e continha um cadaver. Foi retirada para o cáes e entregue á policia, na presença do guarda-mór e do agente da Companhia". (Doc. de fls. 80).

Começaram desse modo:

AS PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES EM SANTOS

O dr. Armando Ferreira da Rosa, Delegado Regional de Policia de Santos, logo que teve communicação desse achado, ás dezeseis horas do já mencionado dia sete do corrente, transportou-se para o pateo do cáes do porto, determinando as formalidades necessarias sobre aabertura da mala retirada, momentos antes, do porão do vapor francez "Massilia".

A mala, de fórma rectangular e de cor castanha, estivéra amarrada com uma corda de juta (phot. de fls. 161) e apresentava no lado anterior uma etiqueta da Companhia Chargeurs Réunis (phot. de fls. 160(, azul, branca e vermelha, com o numero indicativo de terceira classe, na qual estava escripto a lapis de copia "Ferrero Francisco" e impresso o destino "Bordeaux". No lado esquerdo um rotulo já dilacerado da São Paulo Railway (phot. fls. 159 e 169).

Aberta a mala e retirada a prateleira movel superior com roupas, foi constatada então a existescia ali de um cadaver de mulher, de cor branca, moça, já em adeantado estado de putrefacção.

Transportada essa mala para o cemiterio do Saboó, foi novamente photographada determinando-se suas dimensões. (phot. de fls. 162, fls. 163., fls. 168.) As roupas retiradas de dentro da mesma e mais objectos ali contidos, constam do ról do auto de fls. 154 e das phot. de fls 164, fls. 165 e 166. O cadaver foi em seguida photographado a descoberto, dentro da mala, como se vê de fls. 167. A sua disposição consta do auto de fls. 154 e as roupas que vestia vêm referidas no mesmo auto e foram photographadas como se vê de fls. 170.

A autopsia, realisada pela manhã do dia oito do corrente, concluiu tratar-se duma morte havida ha cinco dias approximadament, tendo como causa asphyxia por suffocação ou esganadura e que tanto a luxação do pescoço constatada como os córtes nos joelhos foram feitos post-mortem.

Verificou ainda essa autopsia a existencia do cadaver dum féto, do sexo feminino, contando seis mezes mais ou menos de vida intra-uterina. Durante a autopsia, devido aos phenomenos de putrefacção, esse féto desceu atravez do canal pelviano, acarretando a inversão uterina. (phot. de fls. 184 e 188.)

Para identidade do cadaver foram tiradas as impressões digitaes como se vê a fls. 185, 186 e 187.

No mesmo dia sete proseguiu, com grande actividade, o dr. Armando Ferreira da Rosa as suas investigações.

Ouviu o carregador nº. 2 em Santos, que disse que no dia seis do corrente, achava-se no plataforma externa da S. P. R., naquella cidade, esperava a chegada do trem das 21 e 11, procedente de São Paulo, quando um passageiro chegado por esse trem, a quem se dirigiu perguntando se tinha bagagem a retirar, respondeu affirmativamente, acceitando os seus serviços. Exhibiu o conhecimento de uma mala, pesando oitenta e sete kilos, com roupas de uso, segundo dizia. Esse passageiro perguntou qual o vapor que sahia no dia seguinte para a Europa, tendo o carregador respondido ser o "Massilia". Ficou então combinado que a mala seria retirada do armazem de bagagem no dia seguinte e levada para bordo daquelle vapor. O referido carregador nº. 2 accrescentava que nesse meio tempo o passageiro desconhecido acceitava a offerta do agenciador da "Pensão Roma" e para ali se dirigiu com o mesmo. Que porém, no dia seguinte, sete do corrente, quando foi buscar a mala, soube que ella já tinha sido levada para bordo do "Massilia" pelo carregador nº. 71 e veio á tarde saber que essa mala encerrava o cadaver de uma mulher.

O carregador nº. 71 esclareceu que recebeu do individuo com os mesmos signaes descriptos pelo carregador nº. 2, pouco depois das dez horas da manhã de sete do corrente, dez mil réis para transportar a referida mala para bordo do "Massilia", tendo se servido do caminhão do seu amigo carregador nº. 69, que transportava ali muita bagagem para o mesmo vapor.

O carregador nº. 69 confirmou esse facto, accrescentando que o dono da mala, que se achava amarrada com uma corda, se achava presente e era um moço alto, louro, parecendo estrangeiro, que tomou logar no caminhão ao lado do chauffeur.

Descarregado o caminhão em frente ao armazem quatorze, onde se achava atracado o "Massilia", o carregador nº. 69 viu o moço afastar-se e voltar com um mólho de barbante, com o qual reforçou as cordas que amarravam a mala. Tambem sentiu que dessa mala se exhalava um forte mau cheiro, tendo até falado disso ao chauffeur do caminhão que alvitrou que talvez fosse carne, que os passageiros de terceira classe costumam levar e que se tivesse estragado. Disse ainda esse carregador nº. 69 que viu o moço em questão permanecer junto a essa mala, tendo nas mãos um lenço, que de quando em quando levava ao nariz.

O chauffeur desse caminhão, chapa nc. 1.549, de Santos, confirmou todas essas declarações, accrescentando que ao descarregar essa mala notou que sahia da mesma regular quantidade dum pó branco e que ella exhalava mau cheiro. Esse pó branco era pó de arroz, como se vê do auto de fls. 155.

Foi então ouvido o dono da "Pensão Roma", em Santos.

Declarou que no dia seis do corrente, cerca das 21 e 15 minutos, um moço alto e louro, estrangeiro, que havia conversado com o carregador n.º 2, tomou um quarto da sua pensão, pagando dez mil réis e retirando-se no dia seguinte, sete do corrente, pela manhã, após haver pernoitado toda a noite em sua hospedaria, tendo deixado no livro do registro o nome de Giuseppe Russo. Que após isso não tornou mais a ver esse moço.

Ouvido o carregador do armazem de bagagens da S. P. R., em Santos, esse revelou que a mala em questão, quando retirada do armazem, deixára no chão uma grande mancha, parecendo sangue, com bastante máu cheiro. Que, desconfiado, avisou disso o conferente — mas como é commum os passageiros de bordo de terceira classe levavam generos alimenticios que se deterioram dentro de malas, concluiram que talvez se tratasse disso e nada mais.

Conseguiu então a autoridade de Santos saber o numero do conhecimento de despacho da mala em São Paulo, que era.... 75.016 e tambem, que a etiqueta da "Chargeurs Réunis" fora collada pelo proprio dono, não tendo havido nesse ultimo acto interferencia do pessoal de bordo. E' sabido que qualquer pessoa, sem apresentar quaesquer documentos ou bilhetes de passagem, obtem nas respectivas agencias essas etiquetas, de primeira, segunda e terceira classes.

Apurou mais o dr. Armando Ferreira da Rosa que o transporte da mala até o guindaste de bordo fora feito por dois rumenos, dentre um grupo delles que nesse dia embarcaram no "Massilia", com destino a Bordeaux. Sabia-se apenas os signaes desses rumenos, pois o vapor largara para o Rio de Janeiro pouco depois da retirada da mala em questão, do porão de bordo e isso, ás dezeseis horas do dia sete referido.

Apressou-se então a autoridade de Santos em communicar tudo quanto se passára e tudo quanto até ali apurára, pelo telephone, ao exmº. sr. dr. Chefe de Policia, cerca das dezenove horas do referido dia sete.

Esta Delegacia, então, recebendo immediatamente ordens do exmº. sr. dr. Chefe de Policia, iniciou suas diligencias.

AS DILIGENCIAS NA CAPITAL FEDERAL

Antes porém de relatarmos as diligencias feitas em São Paulo, para melhor clareza dos factos, mencionaremos as que foram realisadas no Rio de Janeiro, por solicitação telephonica desta delegacia ao sr. dr. 3º Delegado Auxiliar do Distrirto Federal.

Constam ellas destes autos, de fls. 72 a 85. Foram ali descobertos os rumenos que transportaram das docas do porto para o guindaste de bordo do "Massilia", a mala contendo o cadaver. Eram elles Stefan Lizieri e Amau Pantilimon que prestaram depoimentos. Nada adeantaram a não ser a affirmativa de que essa mala pertencia a um desconhecido, moço ainda, estrangeiro, bem vestido e que não viram embarcar.

O commandante Charmasson fez uma declaração que em começo citamos e apresentou a lista completa dos passageiros de bordo que consta de fls. 82 e 84, sendo que os rumenos inquiridos foram photographados e legitimados, como se vê de fls. 83.

Ficou desse modo bem esclarecido que esses dois rumenos nada tinham com o caso e que o individuo moço, claro, bem vestido, que déra na "Pensão Roma", em Santos, o nome de Giuseppe Russo e despachára a bordo do "Massilia" a horrivel mala, não seguira viagem nesse vapor, ali não existindo nenhum passageiro com o nome de Ferraro Francesco.

AS DILIGENCIAS EM SÃO PAULO

Foram iniciadas por esta Delegacia, na Estação da Luz.

Obteve-se ali que o despacho de bagagem nº. 76.016 fora feito ao passageiro portador do bilhete de ida e volta para Santos, nº. 4276. (Doc. de fls. 136). Esclareceu-se que a mala tinha seguido no dia seis do corrente no trem S. 8, que daqui parte ás oito horas e onze minutos, mas que o passageiro que devia occupar o logar nº. 37 do segundo carro, não tinha seguido nesse trem. Avisou-se assim, pelo tel phone, á autoridade de Santos, que controlasse ali no guichet da estaçuo da S. P. R., o bilhete de volta nº. 4276. O individuo que ali o apresentasse para regressar, seria preso.

Ouviu em seguida esta Delegacia o despachante que no dia seis escripturou o conhecimento nº. 75.016 e o balanceiro que serviu na secção do mesmo. Esclareceram elles apenas que no dia seis referido, precisamente ás sete horas e quarenta minutos da manhã, um individuo de côr branca, estatura regular, bem vestido, falando muito mal o portuguez, appareceu no armazem de despachos, puchando uma mala com os signaes dados, amarrada com uma corda, tendo-a despachado para Santos, apresentando um bilhete de ida e volta de primeira classe. Accrescentava o balanceiro que lhe pareceu fosse essa mala trazida num automovel. Determinou por isso, esta Delegacia, pesquisas nesse sentido e nesse dia oito, cerca das quatorze horas, um seu inspector descobria esse chauffeur.

Poucos minutos antes desse facto comparecia porém ao Gabinete um antigo inspector e communicava ao dr. Chefe do Gabinete que ouvira um negociante da Av. São João (Dep. fls. 29), que a mala cuja photographia se via estampada nos jornaes, semelhava uma que tinha vendido no dia cinco do corrente, pouco depois das sete horas da manhã, a um individuo alto, louro, italiano e o que confirmava isso, era que mala se achava amarrada e que esse mesmo individuo adquirira tambem do seu estabelecimento dez metros de corda de juta.

Os acontecimentos tendentes ao esclarecimento do caso precipitaram-se ainda mais. Acabava esta Delegacia de ter quasi conjunctamente essas duas informações, ambas esclarecendo que a mala em questão fora levada para a rua da Conceição nº. 34, quando o dr. 1º. Delegado de Policia desta cidade lhe informava pelo telephone que um morador do predio nº. 34 da rua Conceição estava na sua Delegacia e declarava que tinha desconfianças de que o crime que lera nos jornaes, talvez se relacionasse a um casal que havia desapparecido daquelle predio, não sabendo o nome do mesmo, mas que sua senhora poderia bem informar. O desdobramento das investigações foi então o mais rapido possivel por parte desta delegacia.

Em questão de horas, esta Delegacia se dirigiu pessoalmente a todos esses pontos, de tudo se certificando e obtendo todas as informações necessarias á identificação da victima e do delinquente, ficando sciente de todos seus passos após o crime e de todas suas relações nesta Capital.

Poude assim saber que Aldo Pinone, residente na Barra Funda,tinha em seu poder uma carta dirigida ao assassino, afim de lhe ser entregue, a qual chegára de Buenos Aires. Tratou de obter immediatamente a presença desse senhor que, ao ser inquerido, não só exhibiu a carta como informou que o destinatario procurado talvez se achasse em casa do commerciante Eugenio Grasso, á rua Ypiranga. Essa diligencia no mesmo instante ali mandada, effectuada por inspectores desta Delegacia, prendia o assassino naquella rua, quando já dentro dum automovel.

Em vinte e quatro horas tinha assim a sim a policia desvendar completamente o mysterio da horrenda mala encontrada no porão do vapor "Massilia".

Em vinte e quatro horas tinha assim a policia todos os elementos para bem provar esse delicto — desde o negociante que vendera a mala e o "chauffeur" que transportava para despacho — até a pessoa do assassino, que era tudo.

O ASSASSINO

Era elle José Pistone, de 31 annos de idade, natural de Canelli, provincia de Alessandria, na Italia. Suas declarações vem de fls. 11 a 17 v.

Disse que por fallecimento de seu pae Carlos Pistone, recebeu de herança, em 1923, cento e cincoenta mil liras e embarcou para Buenos Aires. Que ali tratou de commerciar, tendo no entanto desperdiçado quasi toda a sua herança.

Em 1926 voltou á sua terra natal, que deixou novamente em Dezembro desse mesmo anno, regressando a Buenos Aires. Conheceu então a bordo Maria Mercedes Féa, travando com a mesma um namoro. Em Buenos Aires, tendo de novo opportunidade de privar com Maria Féa, tornou-se seu noivo e em Fevereiro do corrente anno casou-se com a mesma, indo em viagem até sua terra natal, em Canelli.

Dali viajaram em Julho deste anno para Buenos Aires, mudando-se logo para Rosario de Santa Fé e em seguida deliberaram vir para São Paulo, onde chegaram em Agosto.

Hospedaram-se no "Hotel do Oéste". José Pistone tinha então como saldo da sua herança esbanjada 20.000 liras. Aqui travou relações com Francisco Pistone, Eugenio Grasso e Aldo Pione.

Referindo a Francisco Pistone que tinha vontade de se estabelecer em São Paulo, este propoz-lhe sociedade em sua casa de negocio, ficando desde logo combinado que ficaria como seu empregado, afim de melhor conhecer o movimento da casa. Que desse modo deixou com sua esposa o Hotel do Oéste, alugando e mobiliando um quarto no appartamento nº. 5 da rua da Conceição nº. 34.

Restava-lhe por esse tempo, em dinheiro, apenas 15.000 liras. Que combinou então com sua esposa depositar essa quantia em mãos de Francisco Pistone, afim de evitar que gastassem ou fosse roubada. Em trinta de Setembro ultimo, ao irem entregar essa quantia a Francisco Pistone, deram pela falta de 3.900 liras, não sabendo ella, José Pistone, explicar como faltavam. Que no entanto, não fez questão e entregou esse dinheiro a Francisco Pistone, dizendo que o queria depositar em nome da mulher, Maria Féa Pistone. Assegurou José Pistone que até essa data havia reinado a maior confiança e harmonia entre elle e sua mulher.

Que no dia 4 do corrente, sahindo da casa nº. 38 da rua da Conceição, onde trabalhava, ás onze horas e quinze minutos, afim de ir á sua, no nº. 34 da mesma rua, afim de almoçar, ao chegar no terceiro andar, ao ir abrir a porta de seu quarto, ficou surprehendido com a sahida brusca, dali, de um individuo bem trajado, trazendo uma palheta na mão e que lhe deu um esbarrão. Que sem desconfiar, entrou no quarto e dearou com sua mulher no leito, semi-nua e que começou a chorar e a protestar por sua innocencia. Que só então percebeu a sua situação de marido ultrajado.

Atirou-se então sobre Maria Mercedes Féa, agarrando-a pela garganta com ambas as mãos e só a largou quando percebeu que ella era cadaver. Que dahi vem toda a sinistra sequencia do crime.

E José Pistone, com voz pausada, conta de fls. 15 a fls. 17, toda a inominavel profanação que commetteu no cadaver de sua victima.

Comprou uma mala, collocou-o dentro da mesma, quebrou o seu pescoço e seccionou com uma navalha os seus joelhos afim de que bem coubesse naquelle movel — e despachou-o para Santos, e a seguir para bordo do "Massilia"...

A sua victima, a infeliz mulher encontrada dentro dessa mala, em Santos, era pois Maria Mercedes Féa, filha de Victoria Lazzarini, nascida em Canelli e contando apenas 22 annos de idade.

O auto de declaração de reconhecimento

nesse sentido consta a fls. 129 usque 133 e a de fls. 210 usque 212, alem do auto de reconhecimento de fls. 52. A mala que encerrava o seu cadaver tambem foi reconhecida nos autos de fls. 49, fls. 54 e fls. 63. E a segurança do seu despacho para Santos firma-se nos documentos de fls. 135 e 136.

A AUTOPSIA DE MARIA MERCEDES FÉA

O laudo de autopsia no cadaver de Maria Mercedes Féa e constante de fls. 172 e 176 usque 188, tem alto valor medico-legar por ter sido a pericia feita na manhã de oito do corrente, em Santos, ao passo que o criminoso só foi preso em São Paulo, cerca das dezenove horas desse dia e confessou haver esganado-a sua victima.

Comprehende-se assim a sua importancia, pois os peritos classificaram com precisão a causa-mortis: asphyxia por suffocação ou esganadura, antes da prisão e confissão do accusado. Os entendidos em medicina legal sabem a impossibilidade existente em se fazer distincção, sem vestigios externos, entre esses dois processos de asphyxia mecanica.

Preso o criminoso, dada a sua espontanea confissão nesse ponto, podemos considerar aqui cathegoricamente como tendo sido a asphyxia por esganadura a causa-mortis de Maria Mercedes Féa.

Os delictos corporaes podem ser, quanto a sua acção, classificados em quatro especies. De acção physica, de acção chimica, de acção mecanica e de acção physiologica.

A asphyxia se enquadra nessa ultima especie — é um delicto de acção physiologica sendo que o seu mecanismo, no ponto que interessa a medicina legal, pode ser physiologicamente subdividido em oito typos principaes.

A esganadura constitue uma dessas subdivisões e o laudo de fls. 176 usque 188 offerece lesões anatomicas indiscutiveis sobre tal ponto.

Aos menos entendidos no assumpto, baseando-se na exposição classica dos tratados de medicina legal, poderá parecer duvidoso que a autopsia não revelasse a totalidade das lesões dessa modalidade asphyxica.

Em principio, essa totalidade nunca existe — e o caso aqui investigado é especialissimo. Maria Mercedes Féa era uma moça de constituição delicada, com os tecidos do pescoço (musculos, vasos, etc.) de extrema gracilidade, não tendo por isso sido preciso o emprego de grande violencia para que o processo da asphyxia se désse. Uma vez processada a asphyxia, como referem os peritos a fls. 182, os vestigios externos da esganadura, que não foi preciso ser muito accentuada, mascararam-se e mesmo, ficaram apagados pela putrefacção.

Nesse caracter encontrámos no laudo apresentado um grupo desses signaes, taes como o globo ocular herniado, a lingua ligeiramente projectada, emphysemas, etc. Após a leitura attenta desse laudo, concluimos apresentando os seguintes pontos que caracterisam perfeitamente a asphyxia e, no caso do presente inquerito, asphyxia por esganadura:

1º — As alterações anatomicas que os peritos constataram nos pulmões da autopsiada, por si sós constituem um signal pathonomonico, traduzindo a interrupção brusca, violenta, total, da entrada do ar nas vias respiratorias, como apenas se encontra nas asphyxias mechanicas.

E' um caracteristico irretorquivel, capital, vem descripto a fls. 180 e aqui o transcrevemos: "Cada um dos pulmões tem a sua consistencia augmentada, correndo a crepitação por conta, em maior parte, das grandes bolhas de emphysema. A superficie cortada é apenas, totalmente embebida de sangue, cujos coagulos estão intimamente presos ás malhas do parenchyma pulmonar".

2º — Outro caracteristico é o descripto logo em seguida. "O liquido obtido pela expressão não contém finas bolhas gazosas, mas apenas grossas bolhas resultantes do emphysema putrefactivo.

E' sabido que nas autopsias, exprepremento-se os pulmões de cadaver, cuja causa-mortis foi outra que não a asphyxia, forma-se uma espuma de finas bolhas devido ao ar contido nos alvéolos. No caso presente, como se leu acima, não havia esse caracteristico — o que quer dizer, de modo claro, que houve a sahida do ar atravez dos alvéolos, violentamente rompidos. Foi a interrupção brusca da entrada do ar nos pulmões que causou a ruptura dos alvéolos, donde — de um lado a formação dos coagulos intimamente presos ao parenchyma pulmonar e de outro a inexistencia das finas bolhas quando os pulmões foram expremidos.

3º — Finalmente, no pescoço o traumatismo não foi preciso ser grande, devido á gracilidade da victima, como referimos e se apagou nos vestigios externos. Internamente, porém existe o caracteristico da mucosa tracheal e cordas vocaes de côr vinhosa — o que quer dizer, houve um affluxo maior de sangue, verdadeira congestão que póde-se attribuir tanto ao traumatismo como á propria asphyxia.

Fica assim demonstrado, de accordo com o laudo medico-legal, perfeito e insophismavel, que a confissão do accusado José Pistone nesse ponto é verdadeiro — matou sua mulher Maria Mercedes Féa, asphyxiando-a por esganadura e sem que a sua victima offerecesse resistencia ou esta foi quasi nulla.

O MOTIVO DO ASSASSINATO

O local do delicto nada apresentou que merecesse uma referencia neste relatorio. O predio nº. 34 da rua da Conceição, nesta cidade é subdividido em appartamentos independentes. No terceiro andar desse predio, se encontra o appartamento classificado com o nº. 5, cujo locatario é o sr. Ramiro Franco. Este subloca um quarto, com entrada separada, ao casal Pistone. O exame desse quarto, e sua disposição ante as demais dependencias do appartamento, vem minuciosamente referidos de fls. 122 127 destes autos.

José Pistone, com a serenidade apparente que o caracterisa, affirma que esganou sua mulher Maria Mercedes Féa por tel-a surprehendido, sesse local na pratica do adulterio.

Diz elle a fls. 14 destes autos:

a) Que almoçava e jantava num restaurant, ao meio dia, nas proximidades desse local.

b) Que sahia do trabalho, no predio nº. 58 da mesma rua, para esse fim, ás onze horas e quarenta minutos.

c) Que no dia quatro do corrente, tendo sahido contra seus habitos ás onze horas e quinze minutos, surprehendeu sahindo desse seu quarto um individuo trazendo uma palheta na mão e que lhe deu um esbarrão.

d) Que entrando no quarto, deparou sua mulher semi-nua sobre o leito, que começou a protestar sobre sua innocencia. Que percebendo então o ultrage, desorientado, esganou-a.

Esse motivo allegado de modo vago, sem o menor indicio que o confirme, não subsiste ante o que ficou apurado neste inquerito.

A testemunha de fls. 44, esposa do locatario do appartamento nº. 5, declara que no dia quatro do corrente, cerca das onze horas, bateu e entrou no quarto de José Pistone, acompanhada de um vidraceiro, afim de ser collocado um vidro que faltava numa janella. Maria Féa se achava então sentada junta a uma mesinha de centro, costurando um lençol. A esposa do locatario esteve ali conversando com a mesma até a retirada do vidraceiro, quando ella testemunha tambem se retirou.

Logo depois, essa mesma testemunha ouviu que José Pistone entrava no seu quarto e a seguir, escutou uma discussão, salientando-se a voz de Maria Féa que se achava muito exaltada, sendo certo que José Pistone apenas aparteava sua mulher. Que essa discussão continuou *por espaço de mais de dez minutos* (fls. 45 v.), não tendo a testemunha percebido o que falavam por não entender o italiano, sendo que essa era a terceira discussão que ouvia entre o casal, em dias consecutivos.

Em meio dessa discussão, subitamente, a testemunha mencionada disse que escutou distinctamente dois gritos abafados de Maria Féa e em seguida o barulho de uma quéda no chão. Após isso um grande silencio — e depois, sem quasi barulho, percebeu que José Pistone se retirava de seu quarto. Desde esse dia não viu mais a testemunha citada Maria Féa, como prosegue em seu depoimento a fls. 46 e seguintes.

Ouvido o vidraceiro a fls. 66 v. declara que no dia quatro do corrente cerca das onze horas e quinze minutos, acompanhado da esposa do locatario do appartamento nº. 5 referido, foi ao quarto de José Pistone, juntamente com um seu irmão, afim de collocarem ali uma vidraça. Que ambos se achavam então sem paletot, sendo que nenhum trazia chapéo de palha. Que a moradora do quarto, uma mocinha loura, que depois soube chamar-se Maria Féa Pistone, estava costurando junto a uma mesinha de centro. Que gastaram elle vidraceiro e seu irmão, cerca de quinze minutos na collocação da vidraça. Que após terminado o trabalho, sahiu desse quarto com seu irmão, ambos acompanhados da esposa do locatario do appartamento referido. Que se retirou do predio, não tendo encontrado ninguem na sahida.

Temos, portanto, aqui o seguinte: — José Pistone trabalhava no nº. 58 da rua da Conceição. Sahiu dali no dia quatro do corrente ás onze horas e quinze minutos e foi em direitura, sem se deter no caminho, para o nº. 34 da mesmo rua. A distancia em metros da soleira de um predio ao ou-

tro é precisamente 140m. 55 cms. O tempo gasto, em passo normal, no trajecto entre os predios acima referidos é exactamente de um minuto e quarenta segundos. Para chegar, da soleira da porta do predio nº. 34 ao seu quarto gastaria vinte segundos pelo elevador ou sessenta segundos subindo a escada. (Doc. de fls. 275).

Como pois podia elle ter encontrado sua mulher Maria Mercedes Féa, em flagrante adulterio, quando os dous, vidraceiro e a esposa do locatario do appartamento nº. 5, permaneceram em seu quarto até cerca das onze horas e quarenta minutos?

Além dessa demonstração de impossibilidade material pelo tempo, ha ainda diversos outros pontos que firmam neste inquerito não poder ter sido o adulterio o motivo por que José Pistone, esganou sua esposa. A testemunha de fls. 45 v. ouviu dois gritos abafados de Maria Féa e após uma "queda". Quando essa testemunha que já citamos se retirou do quarto de José Pistone, minutos antes deste ali entrar, deixou Maria Féa de pé, segundo tambem refere a testemunha de fls. 67 v. De accordo com as declarações do accusado, confirmadas pela autopsia, a esganadura deu-se sem lucta por parte da victima. Assim pois a "queda" ouvida não, podia ter sido a nenhum movel do quarto.

Conclue-se assim que José Pistone esganou Maria Féa quando esta se achava de pé e a "quéda" ouvida foi a do corpo desta, quando morta.

Escusa estarmos apontando varios outros pontos existentes nestes autos que provam com clareza que o accusado José Pistone mente neste ponto.

Faremos apenas referencia á unanimidade dos depoimentos e investigações feitas no sentido de firmar-se se Maria Féa era uma mulher honesta. Consulte-se assim nestes autos as folhas 40, 41 v., 47 v., 65, 139, 142, 142 v., 237, 248 e 253 até 257.

Mas, então, por que motivo esganou José Pistone sua mulher Maria Féa?

E' necessario fazer-se aqui a observação que José Pistone é um individuo que mente com inalterabilidade.

E' profundamente egoista, dissimulado, escondendo sob o brilho de seus olhos, quasi sempre velados, uma ferocidade latente.

Creado sempre muito preso, sendo castigado corporalmente pela menor falta que commettia, parece que esses defeitos lhe vieram como meio de defesa. A sua alma cobriu-se duma especie de aridez emotiva.

Solto bruscamente no mundo, com uma fortuna que disse ter herdado de 150.000 liras, tornou-se perdulario.

Sem amor ao trabalho, desejando dinheiro para esbanjar sómente comsigo, uma vez desapparecida a quantia herdada — enveredou pela senda do crime.

Praticou um estellionato na Argentina que lhe valeu uma condemnação (Doc. fls. 214 e 215).

Solto sob caução juratoria, tendo já namorado de Maria Féa e reatado com a mesma suas relações, deliberou casar-se, sabendo-se no entanto um resequido de affecto. Foi com sua esposa á Italia, dali á Argentina e, finalmente, a São Paulo, em questão de mezes.

Aqui hospedou-se no "Hotel do Oéste", com menos de 20.000 liras, pagando uma diaria de 50$000.

Sem propensão alguma para o trabalho honesto, sem amigos, num meio para elle inteiramente desconhecido, José Pistone alarmou-se com a perspectiva da miseria. Elle que já uma vez buscara dinheiro por meio do crime, não vacillou em recorrer ao mesmo para a obtenção de recursos pecuniarios.

Travou relações com o negociante Francisco Pistone, tambem de Canelli e que conhecia vagamente a sua familia.

Convenceu-o de que sua mãe Marcellina Boere, residente em Canelli, ia enviar-lhe 150.000 liras.

Francisco Pistone acolheu-o bem, dando-lhe collocação em sua casa de negocio e offerecendo-lhe sociedade no mesmo.

José Pistone, que tinha em mente uma tramoia qualquer para apanhar dinheiro de Francisco Pistone, falava em mil cousas e milhares de liras, mas sem fazer e sem mostrar centesimo algum.

Francisco Pistone começou então a desconfiar dessa attitude e em trinta de Setembro do corrente anno interpellou-o energicamente. Por que não lhe mostrava elle José Pistone, algum documento comprobatorio de que ia de facto receber 150.000 liras, afim de realisarem o negocio?

José Pistone respondeu immediatamente quee tinha um teleegramma de sua mãe, avisando-o de que já remettera o dinheiro e que esse telegramma estava com sua esposa Maria Féa.

Francisco Pistone resolveu interpellar esta, na presença do marido. Maria Féa respondeu então, muito atrapalhada que sim, que vira esse telegramma..

E logo que se achou sózinha, eis a carta que escreveu á sua sogra, mãe de Pistone:

"Nestes ultimos dias tenho sabido muita coisa incorrecta que José tem feito. Soube que fez acreditar ao sr. Francisco Pistone que a senhora ia remetter-lhe 150.000 liras? Esse senhor pediu-me para mostrar o telegramma que, segundo informação de José, haviamos recebido de ti e no qual dizias que estivessemos tranquillos, que viria logo o dinheiro.

Calcula como fiquei, sabendo de toda essa embrulhada, feita por José e da qual o senhor Pistone acreditava estar sciente. Tambem eu menti, demonstrando saber qualquer coisa, mas com grande sacrificio, pois não estou habituada a mentir. Ao contrario, amo a palavra correcta e a sinceridade. Se assim fiz foi para não deixar José mal e para não compromettel-o. Oh mamãe, por que não me ajuda Deus fazel-o mudar?... Não sei o que possa esperar desse homem, o qual mostra não ter juizo nem capricho." (Doc. de fls. 257, trad. fls. 265).

Essa carta traz a data, como referimos, de trinta de Setembro deste anno. Precisamente no dia primeiro ou dois de Outubro corrente, Francisco Pistone, desconfiado que Maria Féa lhe mentira, foi procural-a e a sós interrogou-a.

Maria Féa então confessou que não existia nenhum telegramma, que José nenhum dinheiro tinha mais a receber de sua mãe e que tudo aquillo talvez não passasse de um meio que José estava se servindo para obter dinheiro deshonestamente.

Assim inteirado, Francisco Pistone não podia mais servir de victima a José Pistone.

Observe-se agora nestes autos: nesse mesmo dia dessa revelação, Maria Féa escrevia outra carta a Marcellina Boere, sobre o mesmo assumpto, carta que foi interrompida e não remettida, como se prova a fls. 95 e 96, mas cujo rascunho integral vem a fls. 97.

José Pistone impedia assim sua mulher de levar avante essa denuncia. Rasgada essa carta, na outra meia folha, obrigou-a a escrever a seus irmãos que não viessem a São Paulo. (Doc. fls. 271 a 273). No dia tres, ainda devido a essa denuncia e á revelação feita a Francisco Pistone, houve outra discussão entre o casal. No dia quatro, durante uma discussão mais violenta com sua esposa, indubitavelmente sobre o mesmo assumpto, José Pistone esganou-a.

Confronte-se agora esta exposição com o depoimento da testemunha de fls. 44. Esta diz que houve tres discussões em dias consecutivos entre o casal e na terceira, no dia quatro do corrente, houve o crime.

Devemos ainda considerar que no dia 30 de Setembro, após a interpellação de Francisco Pistone, José Pistone, acompanhado de Maria Féa, poz em mãos daquella e em nome de sua esposa um deposito de 12.000 liras. (Doc. fls. 199).

Ora, nesse dia, Francisco Pistone ainda não sabia que o negocio das 150.100 liras era um "truc". Antes acreditava no mesmo porque Maria Féa tambem confirmára o recebimento dum telegramma nesse sentido. Não teria por Maria Féa compellida a praticar esse acto de deposito do dinheiro junto com José Pistone e, em compensação não teria esse dinheiro ficado em seu nome?

Comprehende-se que esse deposito seria um meio de manter a credulidade de Francisco Pistone.

Revelado após, como foi, por Maria Féa o "truc" que seu marido está preparando José Pistone ao ter certeza que tudo está perdido, durante uma discussão violenta com sua mulher que inculpára — matou-a, esganando-a.

Póde-se objectar não ter sido esse o motivo do delicto?

"Que posso esperar eu, escrevia Maria Féa, cinco dias antes do crime, desse homem que mostra não ter nem juizo nem capricho? Já experimentei leval-o por todos os modos, ás boas, e com energia, mas vejo que nada consigo". — (Doc. fls. 266).

O assassinato, pois, commettido por José Pistone não póde ser tido como premeditado. Foi occasional. Maria Féa queria impedir de todos os modos que seu esposo se tornasse outra vez um estellionatario. Enraivecido com essa contrariedade, José Pistone revelou toda a maldade da sua indole e toda a esterilidade emotiva da sua alma. Esganou um pobre ente debil, quasi uma creança — não fazendo conta de matar assim tambem um seu proprio filhinho, de que ella era portadora.

Leia-se nestes autos, afim de se ter certeza do que vimos relatando, os depoimentos e diligencias contantes de fls. 93, 97, 101, 137, 196, 197, 199, 200, 205, 207, 207 v., 240 v. 246, 244, 249, 253 usque 266 e 268.

José Pistone póde portanto ser classificado um criminoso impulsivo, mas nunca um passional. Esta Delegacia não se estende sobre essas duas figuras distinctas da criminalidade, pois ellas poderão ser bem conhecidas de quem ler o brilhante estudo do dr. Adalberto Garcia no primeiro

capitulo do seu livro "No plenario do crime".

E a convicção que estes actos trazem sobre o motivo do delicto constam das diligencias a fls. 23, 107, 191, 192, 202, 204, 207 v., 217, 218, 220, 226 usque 234 e 268.

Após todo o seu espantoso crime de profanador e mutilador do cadaver da sua propria esposa; após despachal-o, dentro duma mala, como carga de terceira classe, a bordo do vapor "Massilia" — José Pistone, persistindo na sua obcessão de estellionato, falsificou uma carta com sua propria letra, ainda com o plano infantil de remessa por parte de sua mãe de 150.000 liras e exhibindo-a a Eugenio Grasso, queria desse modo obter dinheiro adeantado para uma fuga já premeditada.

O que aquella pobre mocinha que se chamou Maria Féa quiz em vida evitar que seu marido commettesse, o malvado o executou, sem resultado, após ella morta.

Na Argentina ella soubera que elle havia falsificado um conhecimento de estrada de ferro, obtendo dinheiro por meio desse ardil, tendo por isso sido processado e condemnado.

Aqui ella quiz evitar que elle falsificasse um telegramma ou uma carta como ardil fraudulento — e José Pistone matou-a por causa disso.

E morta sua mulher, elle executou a falsificação que premeditava, sem no entanto ter tempo de vel-a surtir effeito.

Motivo tão miseravel, para um tão formidavel crime — José Pistone nunca terá a coragem de confessal-o. Deve ter apenas, talvez, o desejo immane de que o céo lhe conceda a misericordia dum esquecimento. Porque José Pistone é crente. A fls. 210 e 212 destes autos se prova isso.

A PROFANAÇÃO E MUTILAÇÃO DO CADAVER

Se o crime de José Pistone pode ser tido como occasional, fructo apenas da raiva de que se viu possuido ao constatar em sua esposa um empecilho para os planos deshonestos que delineara — a profanação e a mutilação do cadaver de Maria Féa não encontra, nunca ha de encontrar remissão.

E' um delicto inqualificavel que José Pistone praticou com serenidade e com detalhes medonhos. Não esqueceu nem siquer o monogramma existente numa camisola de sua victima que collocou dentro da mala. Cortou esse monogramma para que nunca se pudesse apurar a identidade daquelle cadaver, nem siquer pelas iniciaes do nome — não tendo feito questão de outras peças de roupa que tinham iniciaes outras que não as de Maria Féa.

Elle confessa, todo esse espantoso delicto, que excusa estar aqui repisado.

A navalha com que mutilou o cadaver de sua esposa foi apprehendida como consta de fls. 56 e 50, reconhecida como se vê de fls. 61 e submettida a exame, tendo apresentando vestigios de sangue humano e Auto de fls. 145 usque 149.

Falou José Pistone em não ter tido intenção previa de embarcar o cadaver no "Massilia". (Dec. fls. 16).

O carregador nº. 2 de Santos, a fls. 110, desmente-o em absoluto.

Inutilizou-se a etiqueta de despacho da S. P. R. na esperança de não ficar conhecida a procedencia da mala contendo o cadaver.

Possuidor do bilhete da S. P. R. nº. 4276 de volta, de Santos a São Paulo, (auto de fls. 21 e phot. de fls. 194) receiou ser preso quando o apresentasse no guichet da estrada e veio pela estrada de rodagem.

Falou, finalmente, em suicidio — quando já tinha disposto tudo para uma fuga.

Deixou duas malas de roupa no deposito dos viajantes da Estação da Luz (auto de fls. 69) e uma valise no bar da estação S. P. R., em Santos (auto de fls. 174). Vendeu todos os moveis de seu aposento (fls. 61 e fls. 87) — e a falsificação da carta referida a fls. 218 prova que desejava obter fraudulentamente dinheiro, podendo assim fugir para embarcar a bordo de qualquer vapor em Santos ou Rio...

Esperava elle que embarcada a mala contendo o cadaver de sua mulher, sómente em alto mar se tornaria insupportavel a putrefacção, sendo então a mala com todo o seu conteudo, jogada ao mar.

Ficariam desse modo destruidos todos os elementos para que se pudesse esclarecer o monstruoso crime.

Infantilidade, como o seu plano de estellionato e principalmente, o que constitue uma revelação, com o seu acto de pulverisar o cadaver, dentro da mala, com pó de arroz, afim de que não exhalasse fétido...

PRISÃO PREVENTIVA

Ante o exposto neste extenso relatorio, esta Delegacia representa ao M. Juiz de Direito da Vara Criminal a quem forem distribuidos estes autos, sobre a necessidade em ser decretada a prisão preventiva de José Pistone.

Os fundamentos desta representação se encontram muito claros nestes autos — tendo ainda a se considerar o consideravel alarme que tal crime causou nesta capital e em Santos.

Registado, seja este inquerito remettido ao Forum Criminal, por intermedio do sr. dr. 1º Delegado Auxiliar e Illmº. sr dr. Chefe do Gabinete.

São Paulo, 27 de Outubro de 1928.

O Delegado de Segurança Pessoal

CARVALHO FRANCO

A COLHEITA DO FUMO

Reconhece-se que o fumo ou o tabaco está maduro, primeiro por suas folhas, que se cobrem de manchas de um amarello esverdeado, muito apparentes quando se voltam contra o sol; depois por estarem as pontas inclinadas para o chão e por sua superficie, que é enrugada; finalmente, por tornar-se a plantação amarellada e exhalar um odor mais forte e mais penetrante, e tambem por quebrarem-se mais facilmente quando se enrolam.

Quando se faz a colheita cedo de mais, ha perda no peso e na qualidade; comtudo não se póde differir a colheita, mesmo não existindo estes signaes, quando por acaso se temam geadas.

Se se estudar muito a colheita, o producto não só perde suas propriedades aromaticas, como tambem diminue consideravelmente de peso.

A madureza do tabaco começa de baixo para cima; isto é, do mesmo modo e na mesma ordem que a evolução e o desenvolvimento dos orgãos tiveram logar; assim, as folhas da base amadurecem mais depressa que as do cume. Os cultivadores cuidadosos que se interessam por sua industria, aproveitam-se dessa noção.

O successo da colheita depende do momento escolhido para fazer, sob o triplo ponto de vista da madureza da plantação, do tempo e da hora do dia.

E' da maior importancia não começar a colheita senão quando o fumo está maduro, importando tambem muito fazel-a em bom tempo e só começando-a quando o sol tenha feito desapparecer o orvalho e os vapores da manhã.

O modo de colheita é sujeito a algumas variações: faz-se a colheita das folhas á medida que ellas vão adquirindo madureza; outras vezes faz-se a colheita geral das folhas; e outras vezes, ainda, corta-se a planta toda junta ao chão. Os dois ultimos processos são os unicos empregados na Belgica.

Como é sabido, o fumo deve seccar lentamente. A deseccação deve concentrar os succos, mas não póde alteral-os. Se a alteração, tem logar a fermentação, que eleva a um alto grão as qualidades que tornam o fumo precioso, torna-se muito difficil, senão impossivel, e o producto diminue singularmente de valor.

Os habitantes da Virginia e de outras regiões aprenderam pela experiencia que, para lhe conservar todas as suas qualidades em estado de germen, devem transportar as folhas, á medida que vão se colhendo, para logares sombreados, o que se torna algumas vezes oneroso; ou então fazer a colheita no pé; desta fórma as folhas guardam durante muito tempo a humidade.

Nos paizes septentrionaes não se faz a colheita na haste senão por espirito de economia em vista do augmento do peso das folhas, porém, seus fumos são em geral muito pouco ricos em principios salinos e têm algumas vezes um odor detestavel.

Pensa-se tambem que as folhas não maduras no momento da colheita amadurecem durante a deseccação.

Engano: a vida activa, o calor, a luz e o ar são o cortejo indispensavel para realizar a madureza perfeita do tabaco.

O fumo de Maryland

A EXPERIENCIA E' O MELHOR CONSELHEIRO DA ADUBAÇÃO CHIMICA

A melhor maneira de se fixarem as quantidades de adubos chimicos, como de resto de qualquer outro adubo, serão os ensaios culturaes. A pratica, no entretanto, já nos mostrou que estas quantidades oscillam entre certos limites que não ha vantagens em ultrapassar. Para os adubos chimicos que mais interessam a agricultura brasileira podem estes limites ser fixados como se seguem:

Nitrato de soda e de cal, 100 a 300 kgs. por Ha.

Escorias de phosphoração, 300 a 1.000 kgs. por Ha.

Sulfato de amoniaco e cyasamida 150 a 300 kgs. por Ha.

Superphospatto duplo, 50 a 200 kgs. por Ha.

Sulphato de chlorureto de potassio, 250 a 300 kgs. por Ha.

A PROPOSITO DAS MANTEIGAS CONDEMNADAS PELA SAUDE PUBLICA

Os fabricantes de manteiga têm se visto a braços, nestes ultimos tempos, com a exigencia do Departamento Nacional da Saude Publica, de que os seus productos tenham 50 c|° de materia gorda. A condemnação está apenas nessa porcentagem de lei, e não, como poderá parecer aos leigos, porque essas marcas de manteiga contenham qualquer materia nociva.

Um interessado formulou a um technico da Sociedade Brasileira de Agricultura uma consulta neste sentido. Eis os termos da resposta a tão importante e opportuna consulta:

"A exigencia dos 80 °|° de materia gorda na manteiga não seria descabida, uma vez que o Ministerio da Agricultura e as secretarias de agricultura, por intermedio de seus technicos, ensinass m como deveriam os fabricantes proceder para que suas manteigas alcançassem este teor de gordura, coisa aliás simples.

Prejudicar no entanto os fabricantes com esta exigencia que está ha muito levantando clamores e ameaçando uma verdadeira crise na industria e não ensinar como deverão proceder, é realmente mal pensado.

Para conseguir os 80 °|° é sómente necessario trabalhar a manteiga á baixa temperatura e expremel-a convenientemente. Um simples e facil detalhe.

Quanto á conservação, permitta que lhe diga que sómente á incuria, á pouca curiosidade, á negligencia, ao verdadeiro alheiamento ás questões da sua industria, devem os fabricantes de manteiga as enormes perdas que se verificam annualmente.

Hoje, pelo processo Castro Brown, facilmente se conserva manteiga de um anno para outro, se tanto fôr preciso.

O Instituto Agricola Brasileiro tem divulgado esse processo. Por que os technicos officiaes não divulgam aquelle methodo que não é segredo, nem constitue patente alguma em nosso paiz, embora esteja patenteado na França e na America do Norte, é que não lhe posso responder.

O BICHO DAS FRUCTAS

O bicho das fructas, praga nociva e perigosa que tem se incrementado extraordinariamente de annos para cá, é um inimigo terrivel dos pomares e, actualmente, só com muitos cuidados, poderá ser debellado.

Originado por moscas, que se propagam muito, não encontrando impecilhos para o seu continuo desenvolvimento, existem já em tal quantidade, que é raro encontrar-se algumas fructas sãs, principalmente as goiabas, pecegos e ameixas.

Entretanto, com algumas medidas efficazes poderão os pomicultores, mesmo isoladamente e sem gastos exagerados, ao menos attenuar esta praga, caso não disponham a terminal-a, ao menos em zonas restrictas, lucrando enormemente, mais tarde, com a maior producção e valorização das fructas.

O bicho das fructas é originado de ovos postos sob a epiderme das mesmas, dos quaes nascem os pequeninos vermes que furam a polpa em todas as direcções, occasionando o seu estrago e mais tarde a completa deterioração.

Estas moscas prejudiciaes existem actualmente em quantidade enorme nos pomares contaminados, porque uma vez caidas as fructas ,as larvas as abandonam e, penetrando na terra, se transformam em pupas. Passando mais tarde ao estado de moscas, findo um numero de dias variavel segundo a temperatura, começam, por sua vez, a postura nas fructas, fazendo com que as colheitas sejam cada vez mais estragadas.

As principaes moscas que existem entre nós são a Anastrepha fraterculos e cratis

capitata, esta ultima ainda em duvida e, seja por effeito destas, ou porque existe alguma especie selvagem, é certo que algumas fructas das nossas mattas já não escapam á acção, havendo, hoje em dia, até difficuldade em se encontrar guabirobas, araçás, e outras fructas sylvestres em perfeito estado de conservação.

Uma das medidas a tomar, será impedir a continuação da putrefacção das frutas bichadas no solo, afim de evitar a contaminação da propaganda. As fructas bichadas devem ser recolhidas e queimadas, ou bem enterradas no sólo, a um metro de profundidade no minimo.

E, como só esta medida é inefficaz, resta aos pomicultores o recurso das sulfatadeiras, afim de combater esta praga com mais energia.

O dr. Carlos Moreira, aconselha a seguinte formula, para combater as moscas:

Arsenico de chumbo em pasta — 100 grammas.

Assucar mascavo — 2 1|2 kg.

Agua — 30 litros.

O arsenito de chumbo é dissolvido nagua e accrescenta-se depois o assucar, mexendo bem a solução. A mistura é collocada nas sulfatadeiras e servirá para irrigar todas as arvores preferidas, afim de que a mosca morra envenenada, onde quer que pouse e applique a tromba.

Durante a fructificação é necessario effectuar umas duas pulverizações por mez, convindo repetir após as chuvas. Emquanto durar o periodo das pulverizações, deve haver muito cuidado no pomar, porque as fructas ficam envenenadas e só depois de lavadas convenientemente ficarão indemnes.

O combate ás moscas, por esta maneira é sem duvida um trabalho dispendioso, mas em todo caso muito melhor do que colher quasi unicamente fructas bichadas ou ainda verdes, com perda de valor commercial. E, com o continuo e progressivo augmento das moscas, se os pomicultores não encararem o problema tal qual é, desde já, tempo virá em que os prejuizos causados por esta praga serão muito maiores ainda e muito maiores tambem as medidas necessarias para debellal-o.

CORRESPONDENCIA

ANTONIO SIQUEIRA (Ceará) — Escreva para a Sociedade Brasileira de Agricultura, Praça 15 de Novembro, Rio, que lhe será enviado, gratuitamente, o boletim da mesma sociedade, "Avicultura Efficiente", no qual encontrará as indicações que deseja.

HEITOR DE ASSIS (Minas) — Escreva pedindo preços e mais detalhes que deseja sobre chocadeiras e ovos de raças, para — "Agricultura Lund" — Estrada da Freguezia, 699, Jacarépaguá, Rio.

O redactor desta secção dará qualquer informação de interesse dos senhores criadores e agricultores, taes como: onde adquirir insttrumentos de lavoura, onde comprar ovos ou gado de raça, etc. Escrever para — "O Malho" (secção "Pelos Campos") — Rua do Ouvidor, 164 — Rio de Janeiro.

Que pensa o publico brasileiro do espirito das nossas tarifas aduaneiras, agora que ellas estão no tapete das discussões?

Proteccionistas? livrecambistas?

Pois quem, que até aqui suppoz uma cousa ou outra, errou redondamente... O que ellas são, com effeito, segundo critica incisiva de um dos nossos representantes na Conferencia Interparlamentar de Commercio, é apenas fiscalistas, ou sejam inspiradas apenas nos conveniencias do fisco.

Ahi está uma verdade que, apezar da sua evidencia, ninguem, mesmo entre s doutores, até aqui, a tinha percebido, tão obscurecida andava pelo preconceito das suas escolas.

Cautela com estes inimigos que voam
MOSQUITOS—seres perversos que assaltam de noite! Com o tormento e o contagio de febres mortiferas atacam a familia no seu lar. E' preciso proteger-se pulverizando Flit.
Em poucos momentos Flit deixa a casa livre das moscas, os mosquitos, os percevejos, as baratas, as formigas e as pulgas que trazem o contagio das doenças. Penetra nas fendas em que os insectos se albergam e criam, destruindo os seus ovos. Mortifero para os insectos mas inoffensivo para as pessoas. Não deixa nodoas.
Não se deve confundir o Flit com os insecticidas ordinarios. Causa maior exterminio dos insectos, sendo por isso superior. Fabricado pela maior fabrica de insecticidas do mundo. Compre uma lata e um pulverizador de Flit hoje.
Distribuido por Standard Oil Company of Brazil
Jogo completo (Bomba e lata de 473 c.c.) 13$000 — Bomba 7$000
Lata de 473 c.c. (1 Pinta) 8$000 Lata de 946 c.c. (¼ de galão) 12$000
Lata de 3.785 litros (1 galão) 44$000
FLIT
MARCA REGISTRADA
Para a protecção do publico, o Flit vende-se sómente em latas fechadas
FLIT
Mata Moscas Mosquitos
"A lata amarella com a faixa preta"

Redactor-Chefe
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
Director-Gerente
A. A. DE SOUZA E SILVA

NUM. 1.365
Rio de Janeiro, 10 *de Novembro de* 1928

O Caso de Piracicaba

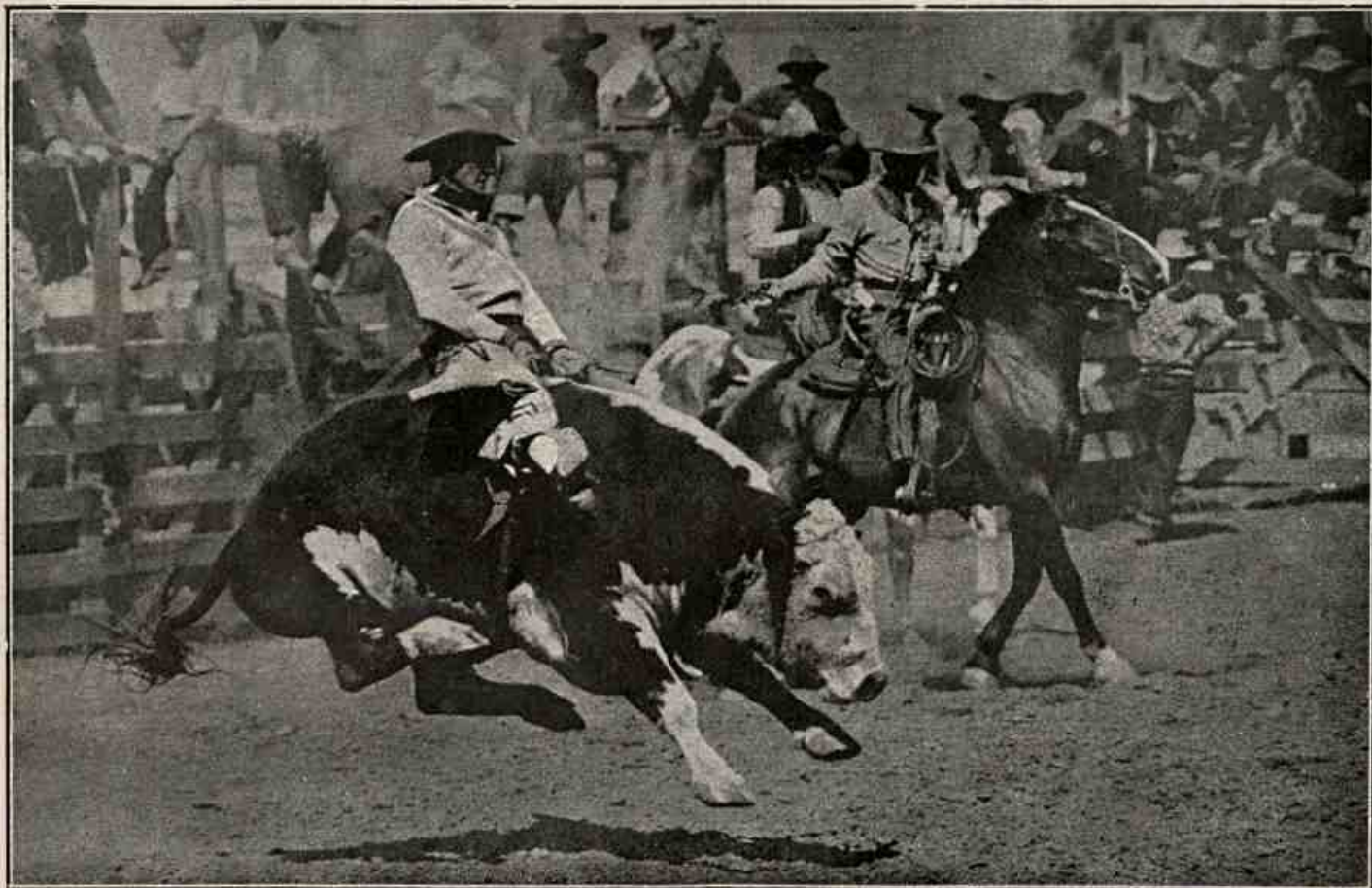
Se é verdade que as eleições municipaes em São Paulo decorreram, em alguns pontos do Estado, sobretudo em Piracicaba, num ambiente de pressão, como querem alguns jornaes, o Sr. Julio Prestes deixa-nos desapontados. O actual presidente da mais opulenta unidade do Brasil tem feito uma gestão que é um modelo de honestidade, de equilibrio e de tolerancia. Em anno e meio de administração, S. Ex. realizou todo um bello programma de governo: creou um banco, provido de immensos recursos, para amparar a lavoura; abriu da Sorocabana para Santos um outro escoadouro, que começa em Mayrink; organizou a defesa da agricultura com a creação do Instituto Biologico; deu bases praticas ao Instituto do Café, repartindo com os fazendeiros e commissarios as responsabilidades do seu funccionamento; cuidou do reflorestamento; construiu esplendidas estradas de automoveis; melhorou a magistratura e a policia; emprehendeu varios melhoramentos de vulto na Capital; incentivou as pesquizas de petroleo; normalisou o trafego das estradas de ferro, facilitando o transporte da producção da terra; suspendeu as obras sumptuarias e adiaveis e tomou muitas outras iniciativas louvaveis de evidente interesse para o Estado. Como homem de partido, S. Ex. já apresentou provas do seu espirito harmonisador, procurando evitar dissidios inuteis e tratando com elegancia e cavalheirismo os seus mais graduados adversarios, que eram até convidados e compareciam ás festas do Palacio dos Campos Elyseos.

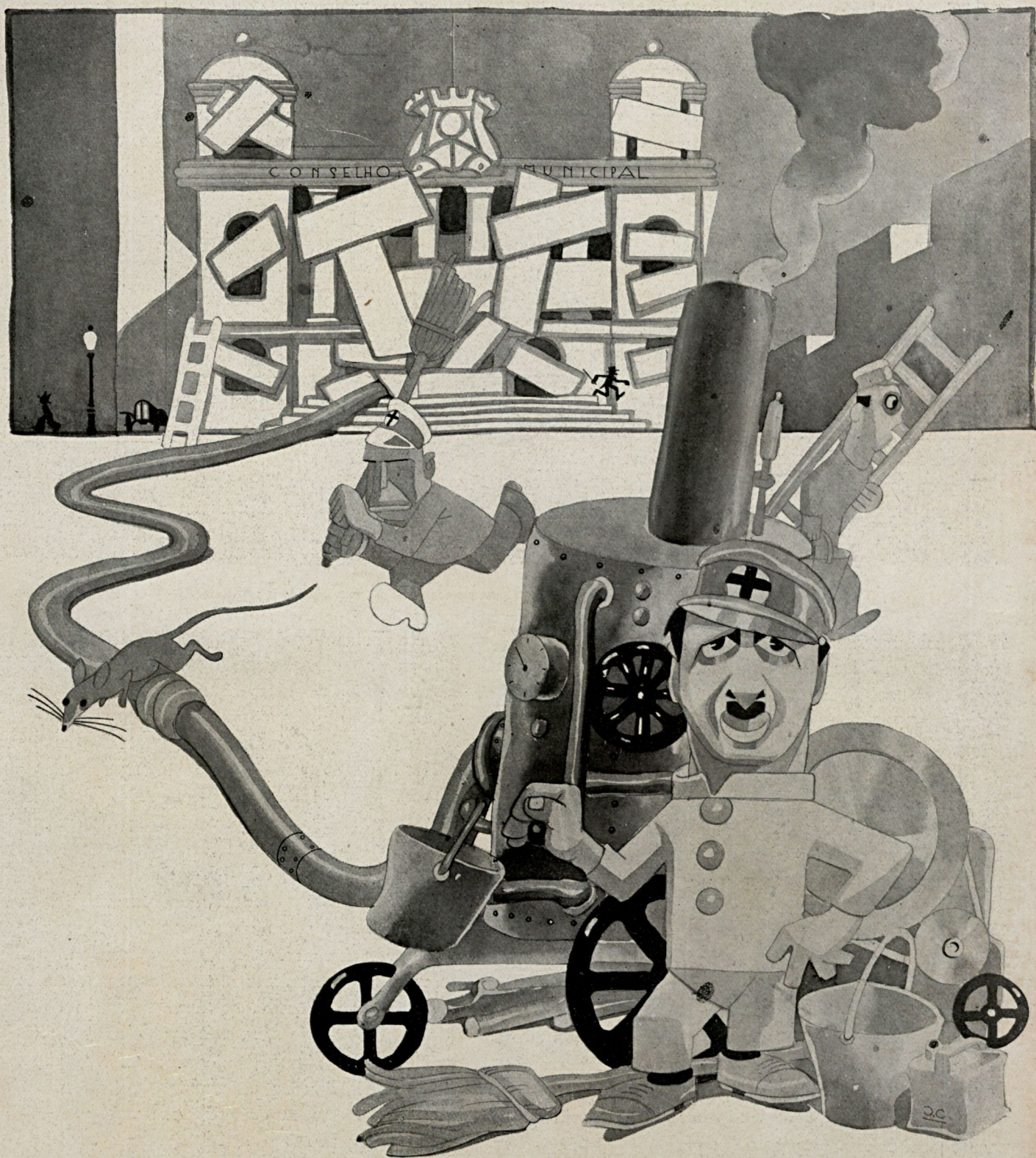
Seria, portanto, lastimavel que o Sr. Julio Prestes viesse, com a pratica de actos attentatorios dos direitos dos seus co-estaduanos, macular seu quatriennio, que uma politica de realizações está tornando fóra do commum. Isso representaria uma illusão a mais e uma esperança a menos.

Felizmente, ainda não ha nada de positivo em que os juizes desapaixonados possam firmar-se para emittir um julgamento seguro sobre as faladas violencias do governo paulista em Piracicaba. Não é possivel seguir o que dizem os jornaes, porque os opposicionistas, que combatem systematicamente o poder, torcem os factos, chova ou haja sol, ao sabor das suas conveniencias, e os governistas não irão commetter a loucura de divulgar cousas prejudiciaes aos governos amigos. E como não ha, no Brasil, diarios rigorosamente imparciaes, que possam enviar ao theatro de determinadas operações representantes neutros, o publico vê-se forçado a ingerir o veneno que lhe é impingido e acaba com a alma intoxicada de fantasias. Assim, só depois que surgir a palavra autorisada de testemunhas acima de qualquer suspeição é que nos encontraremos á vontade para manifestar o nosso desaccordo com a intervenção do presidente de São Paulo, allegada por uma das facções, no pleito de Piracicaba. Por emquanto, o que o bom senso nos aconselha é não tomar em consideração as accusações ao Sr. Julio Prestes. Ha dois annos, em São Paulo, o Partido Democratico elegeu nas eleições federaes, que foram calmas e regulares, tres illustres candidatos: os Srs. Morato, Marrey e Moraes Barros, reconhecidos ao tempo em que o Presidente de São Paulo, como "leader" da maioria, dispunha dos destinos da Camara dos Deputados da Republica. Mais tarde, realizaram-se as eleições para deputados estadoaes. O Partido Democratico, sempre vigilante na conquista dos seus ideaes de liberdade e de justiça, conseguiu eleger livremente 6 deputados que foram reconhecidos sem o menor incidente e já quando o Sr. Julio Prestes exercia a suprema magistratura do Estado. Ora, se S. Ex. tem dado tão robustas provas da sua conducta de republicano e democrata, não podemos acceitar, sem um detido exame, quaesquer accusações que não encontrem precedentes na sua carreira politica.

O Sr. Julio Prestes foi o primeiro a proclamar os direitos dos seus adversarios nas ultimas eleições federaes e nas estadoaes. Se, portanto, alguem nos vem dizer que S. Ex. quiz ter um procedimento diverso nas eleições municipaes, procurando impedir a livre manifestação das urnas num dos municipios do Estado (que, no caso, é o de Piracicaba), o nosso primeiro movimento, emquanto não houver factos positivos que esclareçam os horizontes, é de duvidar que se esteja dizendo a verdade. Que mal poderia fazer a um presidente, autor do reconhecimento de tres deputados federaes, seus adversarios, e inspirador do reconhecimento de seis deputados estadoaes, tambem adversarios, a eleição de tres, quatro ou cinco vereadores de Piracicaba?

Vê-se, pois, que a accusação tem todos os caracteristicos da inverosimilhança. Mas se, apesar disso e dos seus antecedentes em casos da mesma natureza e de maior importancia, tivermos a segurança de que, na verdade, o Sr. Julio Prestes impediu que os eleitores do Partido Democratico, em Piracicaba, votassem livremente, "O Malho", comquanto tenha por S. Ex. uma accentuada sympathia, não saberá esconder a sua decepção.

São Paulo só deve dar aos outros Estados exemplos dignos de serem seguidos. E' para isso que elle está na vanguarda da Federação.

Os cow-boys californianos (America do Norte), organisam concursos para amansar cavallos e touros bravos

DOIS CHEFES — Carlyle queixava-se que as estatuas dos deuses tinham falta de queixo. Ora, o que é a prova de energia: "Deuses ou heróes, dizia elle, precisam ter queixo forçosamente". Vejam esses dois perfis tão parecidos. O primeiro é do pharaó Ramsés II, morto lá para o anno 1270 antes de J. C.; o outro, o de Frederico, o Grande, rei da Prussia, morto no anno 1786. Em todos dois, o mesmo queixo energico com o nariz adunco dos conductores de exercitos.

PROPHYLAXIA

Talvez a sciencia resolva esse problema...

O DIA DO EMPREGADO NO COMMERCIO

Baile na Associação dos Empregados no Commercio.

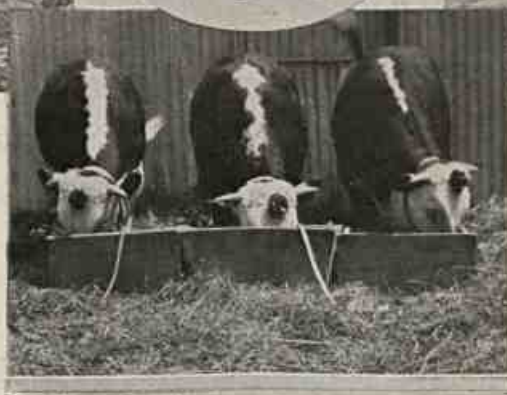
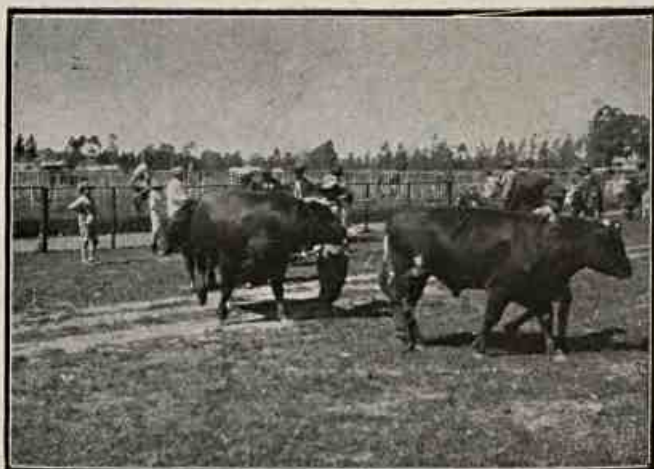
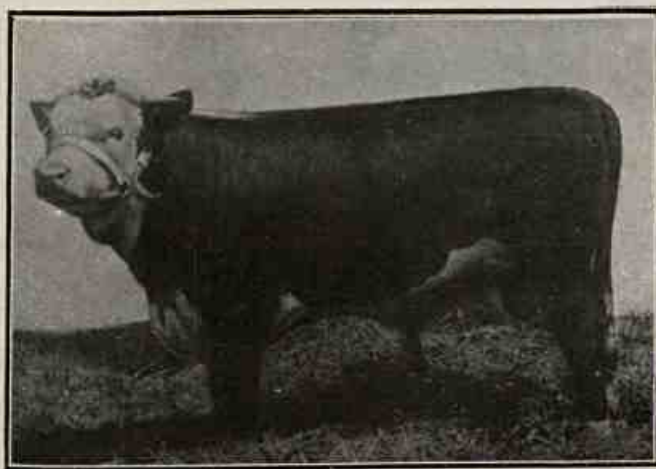
No Club Gymnastico Portuguez.

Depois da missa na Igreja da Candelaria.

Outro aspecto do baile.

"O MALHO" NO RIO GRANDE DO SUL

EXPOSIÇÃO-FEIRA DE BAGÉ

1) Carneiro Merino, de propriedade do Sr. Mario Ratto da Silveira, de Cacimbinhas. 2) Fino touro Hereford, de propriedade do fazendeiro Horacio Rezende, no municipio de Dr. Pedrito. 3) Exemplar importado da raça Hereford, de propriedade do fazendeiro Sr. Prudencio Ferraz, e que accusou o peso de 1.200 kilos. 4) Exemplares da raça Hereford, de 9 a 11 mezes de idade, puros de pedigree, da importante Cabaña "Santa Heloisa", de propriedade do Dr. Antonio Simões Cantera, conquistadores de dois primeiros e um segundo premios.

5) Dois bellissimos exemplares da raça Durhan, de propriedade dos Srs. Diana & Corrêa, premiados na exposição-feira.

6) "Crossway's Prince", o detentor de um primeiro premio e do titulo de campeão de terneiros, na grande exposição-feira de Bagé.

7) Aspecto da exposição-feira. 8) Cavallos criados na Coudelaria Nacional do Saycan R. G. do Sul — premiados na ultima exposição-feira da Associação Rural de Bagé.

(ESPECIAL PARA "O MALHO", DE *BARROS VIDAL*)

Aspectos do velho solar

O pateo da vetusta habitação

De longe, entre palmeiras que na sua majestade lhe pareciam escoltar as vastas paredes solarengas, o velho palacio, emergindo da vegetação, avultava.

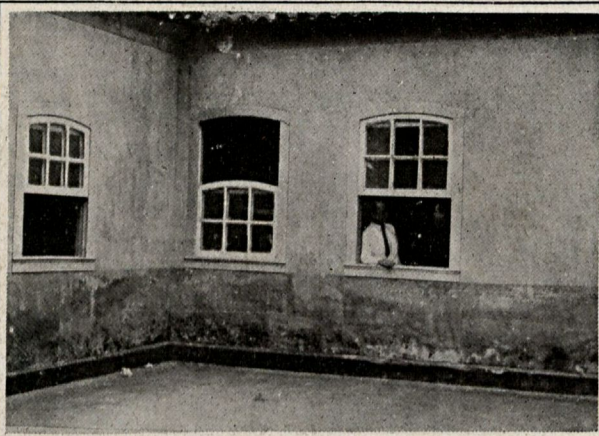
A barca vencia as aguas tranquillas que se desnovellavam, mansas, e a ilha desenhava-se aos nossos olhos, nas suas linhas caprichosas e estravagantes, com o alvo lençol de suas praias, o verde, em alto relevo, da sua verdura e a mancha vermelha dos telhados que a tarde de nevoas vestia de uma vaga tristeza. Mas a imaginação, com esse segredo que a anima e lhe offerece todos os scenarios e roupagens, a um simples cerrar da palpebras, fugia dos quadros que se amontoavam á nossa frente, numa espantosa variedade, e se fixava nos que os olhos não viam, porque se escondiam atraz daquellas palmeiras, dentro daquellas paredes e no relicario das paginas da Historia.

Quanto mais a barca se approximava da ponte, mais o pensamento se afastava, nas azas doiradas da revivescencia, penetrando noutros seculos, invadindo-os, atravessando a pompa régia dos imperadores, entre cortezãos em reverencia, cabelleiras empoadas e colletes de seda. E, completando a magnificencia da rememoração, ao mesmo tempo que à barca encostava á ponte, alguem, pela força do Acaso, ao nosso lado, o dedo no ar, exclamava:

— Olha o solar de D. João VI!...

* * *

A noticia do sonho da restauração do velho solar de D. João VI, em Paquetá, encheu-nos de interesse e de curiosidade.

Essa nova por si só era de impressionar porque, numa terra em que quasi não ha o culto da tradição, ella significava uma grande audacia e um lindo sonho. E para ver se esse sonho poderia vir a ser uma realidade, procuramos ouvir a sua força animadora: o professor João Camargo. E ouvindo-o na sua prosa fascinante, burilada e facil, surprehendemos um risonho sonhador que tudo encara

com optimismo e tem, sobretudo, uma estardalhante e sadia alegria de viver. As suas palavras, em meio ás mais vivas imagens, bastariam para reerguer paredes e restaurar toda a grandeza abandonada do pardieiro, tão sinceras, tão inspiradas e desinteressadas são ellas. Iamos andando, Paquetá a dentro, rumo ao palacio solarengo, sentindo nas altas palmeiras a grandiosidade da chacara, como na emoção das phrases que ouviamos a grandiosidade de um ideal.

— Qual o meu interesse em restaurar o palacio?

O professor Camargo repetiu a nossa pergunta para respondel-a na sua vivacidade e na sua alegria quasi infantil.

— Dar ao Brasil um museu e á mocidade a minha escola, a Escola Brasileira de Paquetá, que ha trinta annos já vivia na minha imaginação!... O palacio, restaurado, ao mesmo tempo que uma preciosa reliquia, será um viveiro novo á beira-mar, junto do monte, sob a grande cupola do céo, com o grande scenario da Natureza, emfim, um jardim, um lar, uma officina, a felicidade!...

E mais e mais embebido nas proprias idéas que o embriagavam, o professor Camargo continuou:

— Reuno, neste momento, os meus melhores esforços no sentido de realisar o meu sonho. Já escrevi aos governadores dos Estados, já pedi o auxilio do Sr. Presidente da Republica e de pessoas gradas da nossa sociedade. Se, por acaso, me faltarem os elementos com que conto, eu mesmo, sózinho — tenho fé em Deus e confiança em mim — tudo realisarei.

E entrando em detalhes:

— O que projecto tem dois fins que se completam: reviver uma nossa reliquia historica, esquecida e no abandono mais criminoso, e dentro della mesma desenvolver creanças debeis, fortalecer-lhes o organismo e o espirito, formar uma geração robusta, emfim, para gloria do Brasil!

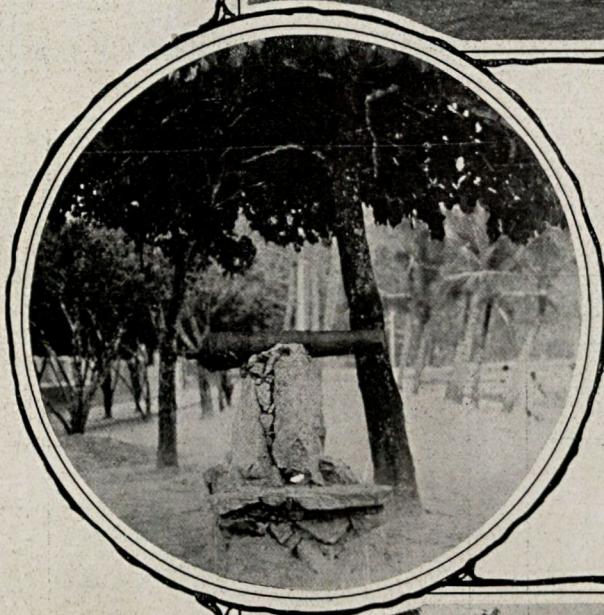
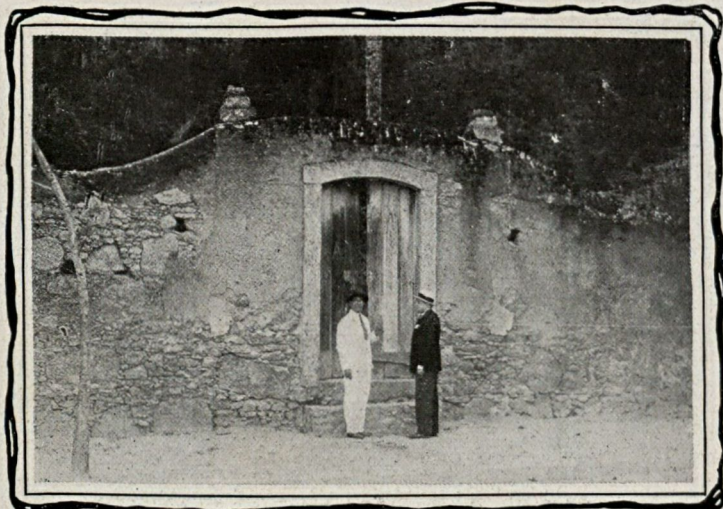
E, convicto, fitando no alto o pardieiro entre as palmeiras que moviam os seus leques, ao açoite do vento:

— Hei de vencer! O meu sonho ha de reanimar aquella tradição morta!...

* * *

O velho casarão que iamos visitar está ligado intimamente a um dos episodios mais curiosos da nossa Historia.

Procurando, no Brasil, um refugio temporario, para escapar á furia invasora das tropas francezas commandadas por Junot, o Rei D. João VI encantou-se com o poema que é a Ilha de Paquetá, o seu arvoredo frondejante e a sua linha azulada de montanhas. E demonstrou desejos de lhe gosar as delicias e as amenidades do clima suave e convidativo. Ahi, no ponto culminante da Ilha, a Fazenda Real, fez então erguer, com as suas largas muralhas e espaçosas varandas, a régia mansão. E, num requinte de bom gosto, o Rei D. João VI mandou plantar algumas das palmeiras trazidas de Portugal, numa dupla e extensa fila, marcando um largo caminho que vae do portão, lá em baixo, aos

(Termina na pagina 49)

Resquicio de um tempo que passou.

A mangueira tricentenaria: sob a sua ramaria estão o professor Camargo e o nosso companheiro.

O canhão que saudava D. João VI.

Reproducção do velho portão do solar.

CONCURSO DE ROBUSTEZ INFANTIL

Na Prefeitura, depois do julgamento, em 28 de Outubro de 1928.

As creanças premiadas e autoridades, na companhia do Sr. Prefeito.

Yvonne, premiada em primeiro logar

Deolinda, que conquistou o segundo logar.

Yonne, premiada em terceiro logar

O GATO: — Sempre consegui pegar alguns ratos, ainda me escaparam uns quatro.

O CARIOCA: — Agora, depois das eleições para o Conselho, é que você fica sendo mesmo o Clemenceau do Mangue.
FELISDORO GAYA: — Por que?
O CARIOCA: — Porque o Clemenceau depois de derrotado recolheu-se á vida privada e você recolheu-se á privada da vida...

A CATASTROPHE DE "NOVEDADES, DO THEATRO DE MADRID"

A entrada do theatro numa noite de espectaculo

Escombros da escada dos camarotes

Extinguiu-se, entre chammas sinistras e devoradoras, uma das mais curiosas tradições de Madrid: o Theatro de Novedades. Fim mais impressionante não podia estar reservado para a velha casa de espectaculos, que era bem um reflexo da alma popular da capital hespanhola. E a nota chocante da grande desgraça é que nesse dia ao povo coube, tambem, uma grande parte da representação no drama que ali o Destino fez desenrolar-se.

Havia terminado um quadro e descida a cortina o pessoal em serviço começou a despil-o para preparar outro quando um dos balões venezianos que o enfeitavam encostou numa bandeirola, incendiando-a. E, em um minuto o fogo, propagando-se aos paineis que ali estavam começou a tomar proporções assustadoras.

Da platéa, em meio a densos rolos de fumo começavam a ouvir gritos partidos lá dos bastidores e em pouco era dado o alarme de incendio. Reproduzir o que, então, se desenvolveu ali dentro é difficil porque a multidão que ali estava se ergueu e, impetuosa, como um bloco só precipitou-se para as portas. Mas a ancia de chegar primeiro, o horror de ser colhido no desastre e os gritos do instincto de conservação de cada um — crearam um outro perigo mais terrivel ainda que o fogo: a confusão, o desnorteamento. O fogo, lavrava intenso, devorando com facilidade o madeirame velho lá por cima no tecto e lá em baixo, na platéa, encarcerados pelo proprio esforço de se libertar — os espectadores transformados em protagonistas do drama, se debatiam aos montes nas portas estreitas.

Algumas das victimas da hecatombe

—

A sala de espera do theatro

Durante uma representação antes da catastrophe

E na loucura de sahir primeiro, homens e mulheres que se entopiam á porta se degladiavam em luta terrivel, se acumpliciando com a obra devastadora do terrivel elemento.

Lá de longe milhares de pessoas assistiam ao desmoronar-se do casarão de tradições, entre linguas de fogo, adivinhando a tragedia que ali mesmo se desenvolvia num scenario de fogo e destruição.

Os bombeiros atacavam o inimigo indomavel procurando romper as paredes da platéa para dar vasão á onda humana ali retida. E quando isso aconteceu, jaziam por ali, a estorcer-se em dores, feridsa, centenas de pessoas e dezenas e dezenas de mortos...

Uma hora depois a cidade ainda estava illuminada pelo clarão do incendio... E tres, mais tarde, ali só havia escombros sobre escombros, ruinas sobre ruinas...

E, assim, se acabou o theatro mais popular de toda a Hespanha, em cuja platéa se misturavam nobres e plebeus. Das 950 pessoas que se encontravam no Novedades morreram 68 creaturas e ficaram feridas 200.

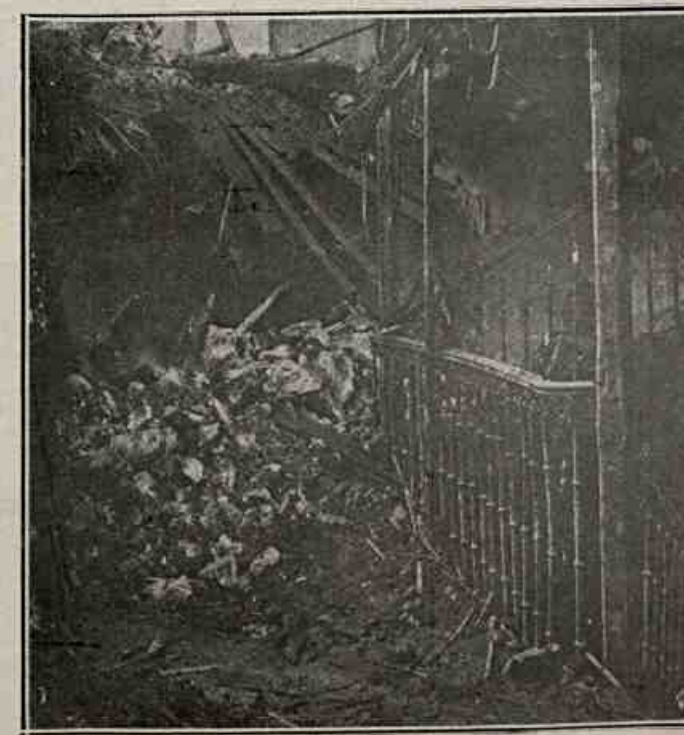
—

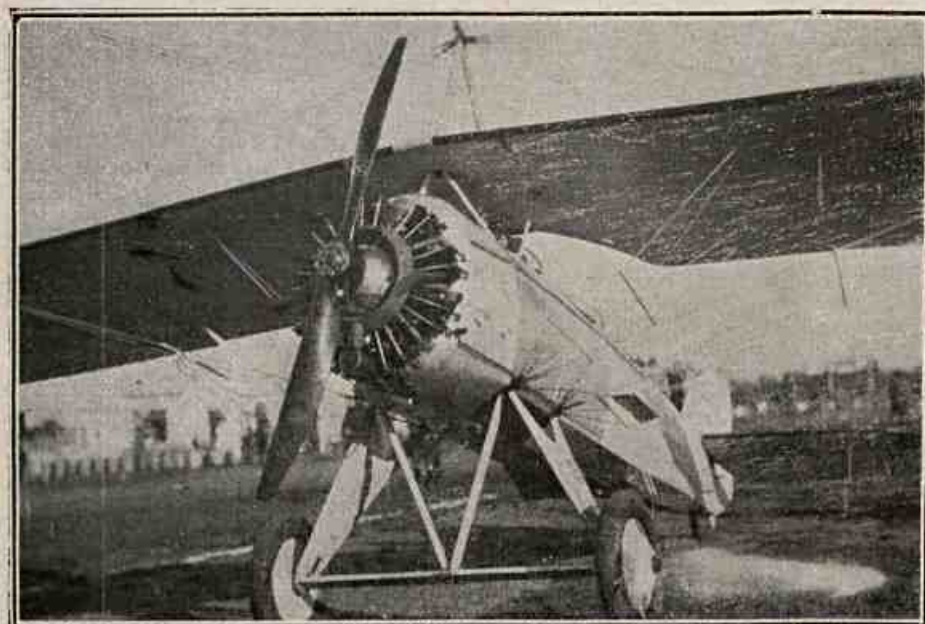
O trabalho de identificação das victimas foi penoso. E os funeraes foram altamente commovedores.

Parte da população acompanhou os corpos dos infelizes á ultima morada e o mundo official todo se fez representar pelas suas figuras brilhantes, numa sentida homenagem aos infortunados colhidos pela grande desgraça que ainda hoje enluta a heroica Hespanha.

Flagrante tomado depois do incendio

—

A escadaria principal do theatro transformada em deposito de cadaveres

O ULTIMO DESASTRE NA AVIAÇÃO MILITAR

Os athletas do 3° Regimento, que primeiro foram ao encontro das victimas.

Grupo da turma de aviadores a que pertencia o mallogrado aviador tenente Drummond, que está no primeiro plano á direita.

◈

O apparelho que occasionou o desastre e que pertenceu ao aviador Soneheim.

O ultimo retrato do tenente Roberto Drummond, que morreu no desastre.

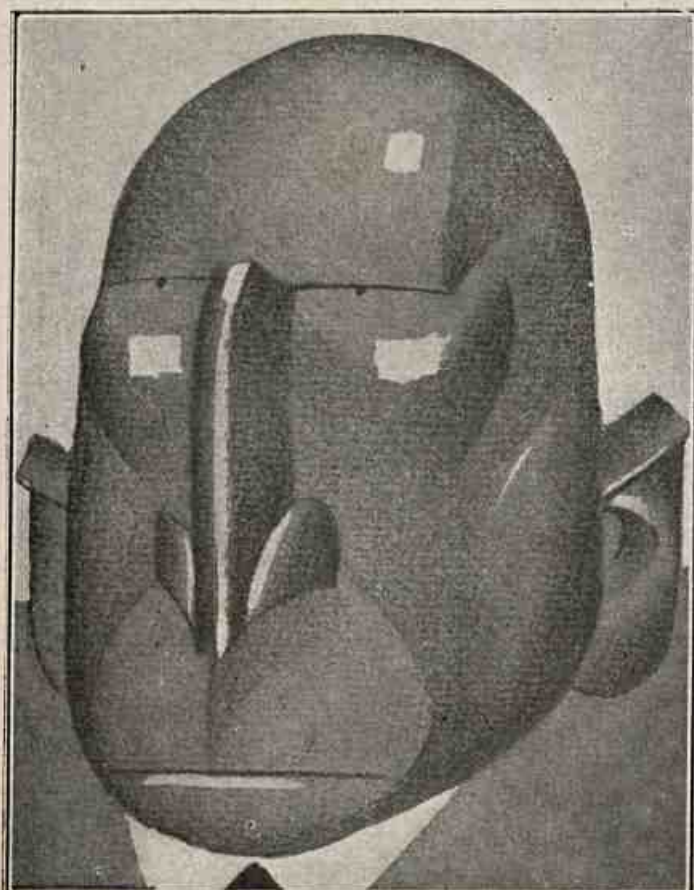
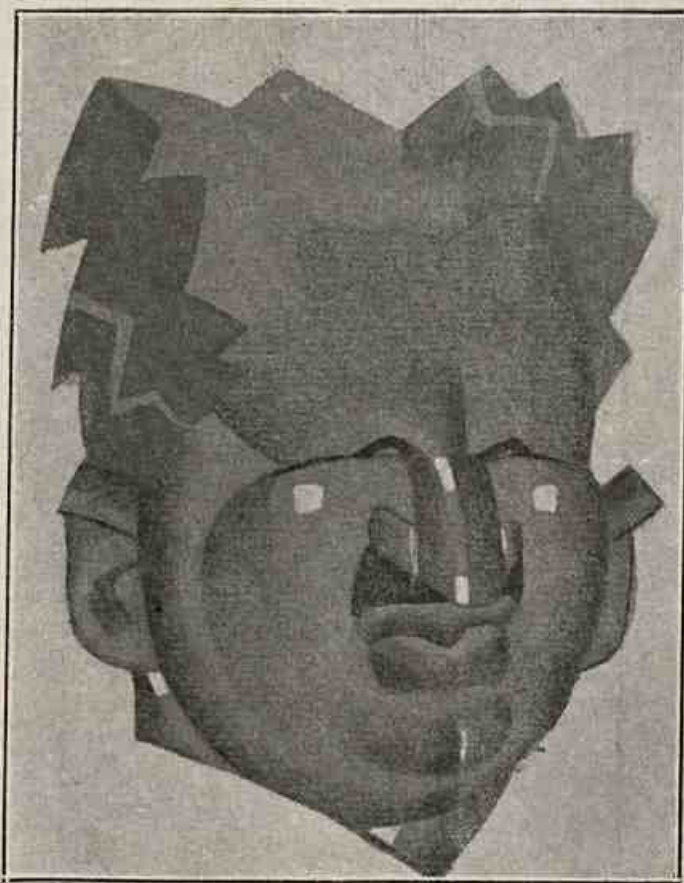
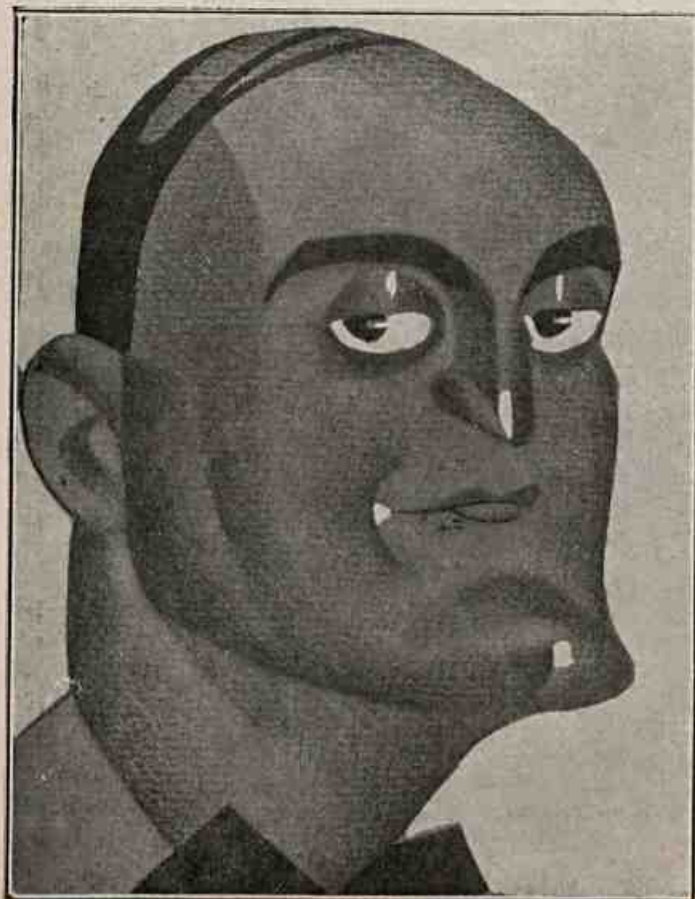
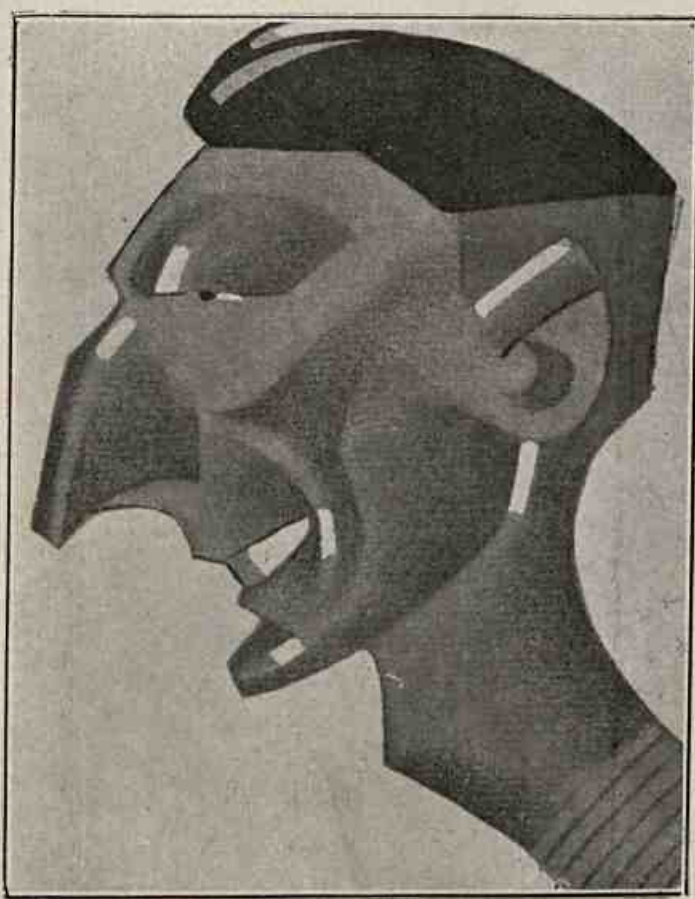
No momento em que o tenente Marcio era collocado em um carro da Assistencia Municipal, depois do desastre.

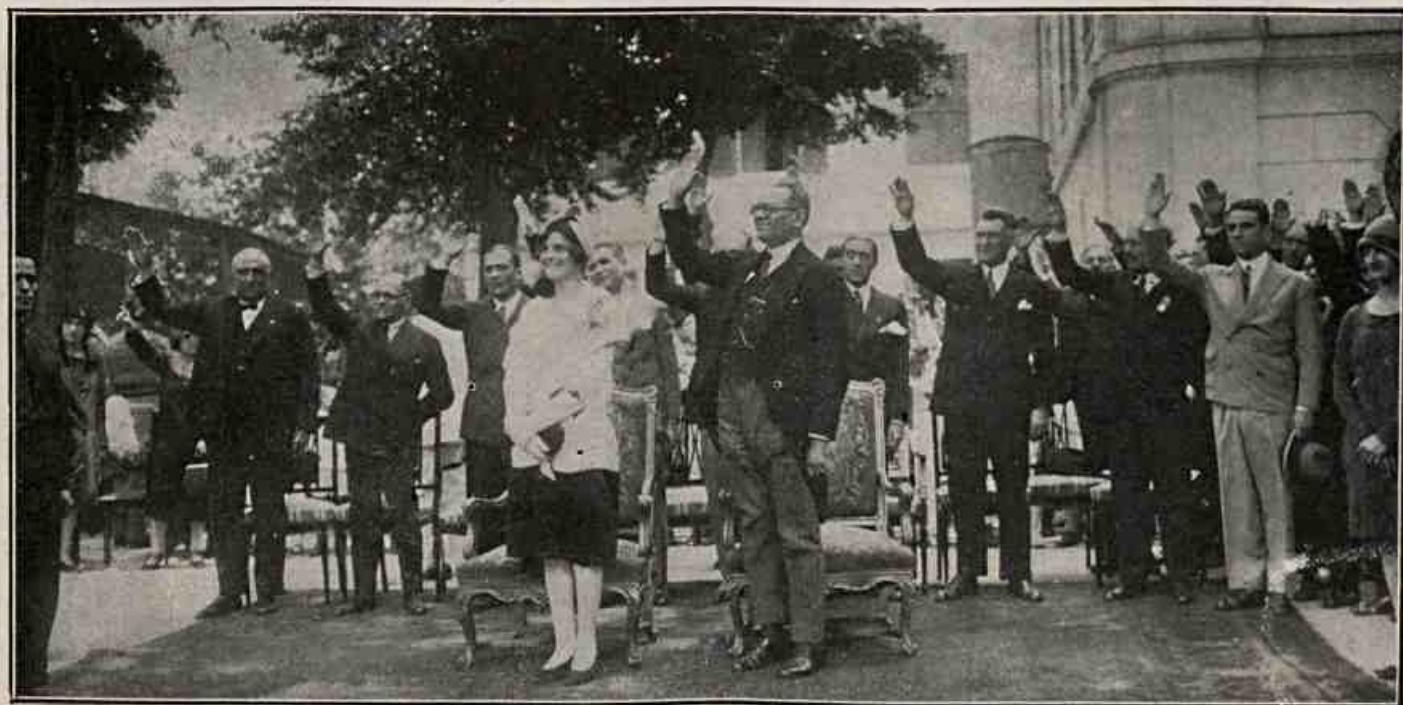
◈

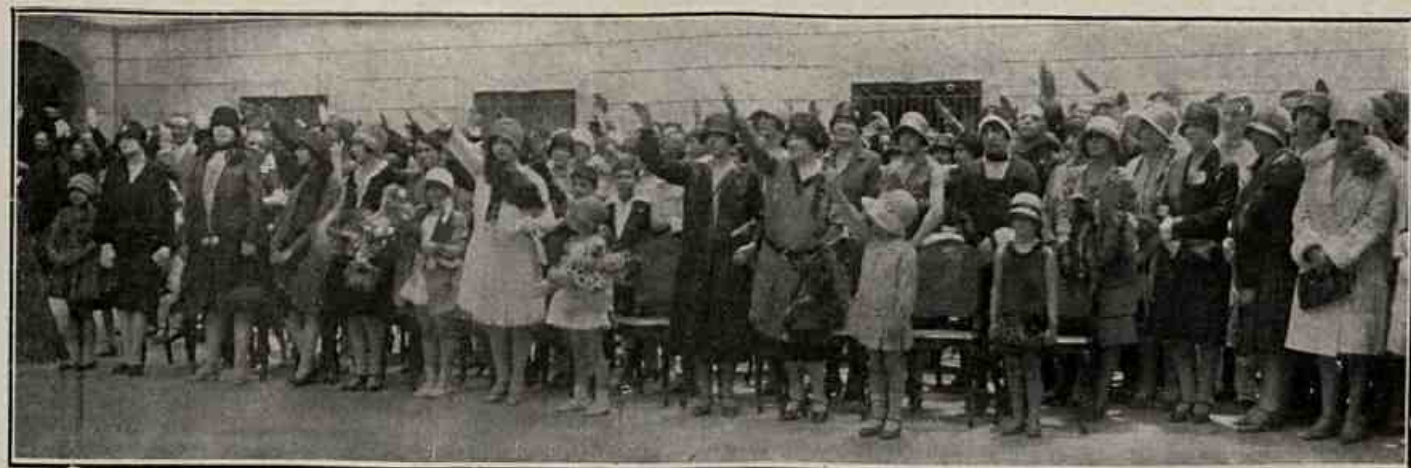
No momento em que o apparelho era levantado para bordo do rebocador

Pela ordem: Um dos mais recentes retratos do tenente Drummond. Officialidade do 3° Regimento, que muito se esforçou pelo salvamento das victimas. Aviadores que foram ao local do desastre, vendo-se o major Newton Braga.

O tenente Marcio, que escapou milagrosamente á morte. Ao centro estão as embarcações no local do desastre, á procura do corpo do tenente Drummond que, até o momento de fecharmos esta pagina, ainda não tinha sido encontrado.

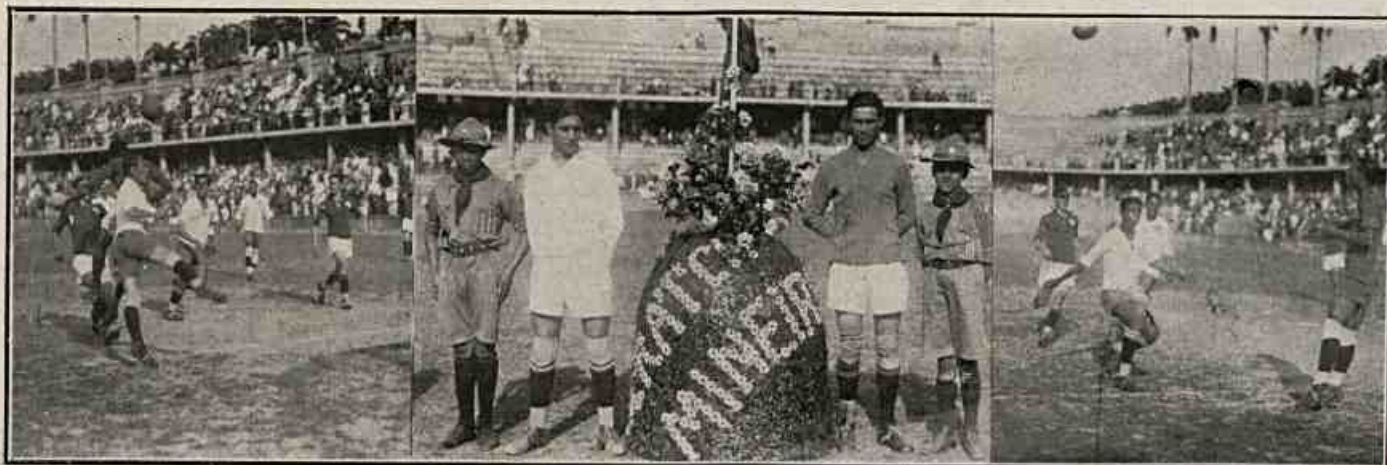
AS QUATRO GRANDES FIGURAS DO NOVO CONSELHO MUNICIPAL

J. J. Seabra, o republicano impolluto

Leitão da Cunha, o scientista illustre

Mauricio de Lacerda, o lutador bravo e incorruptivel

Ferdinando Labouriau, o expoente da reacção dos moços

A CELEBRAÇÃO DO ARMISTICIO

No jardim da Embaixada durante as cerimonias fascistas em commemoração da assignatura do armisticio com a Austria.

A saudação fascista por occasião da inauguração da lapide commemorativa

Outro aspecto da saudação pelas senhoras e creanças fascistas

E. DO RIO — MINAS

Aspectos do jogo realisado no stadium do Fluminese, no ultimo domingo.

Os Fluminenses do Estado do Rio venceram a partida brilhantemente por 5 x 1.

Aos lados, aspectos do jogo, e ao centro, os arqueiros ladeando as flores offerecidas pelos fluminenses aos seus antagonistas.

As torcidas fluminense e mineira, durante o jogo

Embarque, para os Estados Unidos, do Sr. Vasco Abreu, chefe do Departamento de Publicidade da Paramount, no Brasil.

Enlace Natale Perrota-Maria Gaetana Miceli

Enlace Dr. Jarbas Pereira Lemos-Laura de Medeiros

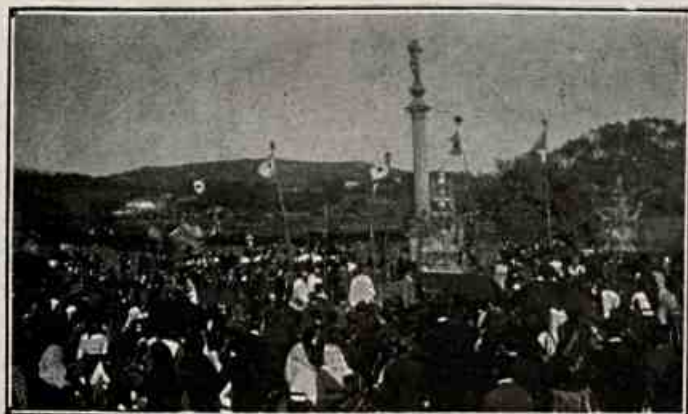
Sr. Othon Lynch Bezerra de Mello, adeantado industrial e deputado ao Congresso Legislativo do Estado de Pernambuco.

Dr. Francisco Antonio de Oliveira, vereador á Camara Municipal de Nictheroy.

Deputado Nelson Kemp, prestigioso politico no norte fluminense, onde conta com a amisade dos chefes de maior influencia eleitoral.

"O MALHO" EM NICTHEROY

No Tiro 424, após o exame de Reservistas; photo especial para "O Malho"

Depois da conferencia realisada pela Renascença Fluminense, na Camara Municipal de Nictheroy, vendo-se o Dr. Alberto Fortes, orador.

PORTUGAL — Minho — Procissão de N. S. Guadelupe, na Freguezia de Riba de Ancora.

Engenho "Primavera", de Severino José de Souza — Limoeiro — Pernambuco.

Em cuja vitrina acha-se exposto o presepe d'"O Tico-Tico", de Natal

OS SEGREDOS DA CUTIS REVELADOS POR UM DERMATOIOGO

(Da Revista "Cosy Corner")

"O grande segredo da conservação do aspecto juvenil do rosto consiste na extirpação da cuticula morta", diz um celebre dermatologo. E' cousa bem sabida que a epiderme se acha em um estado de constante renovação, pois as cellulas mortas se desprendem em pequenas particulas continuamente. Porém, se por um motivo qualquer, as referidas cellulas não caem, apenas mortas, ficam adheridas á flôr da pelle, cobrindo as cellulas vivas da epiderme. Neste caso haveria que recorrer a um especialista dermatologo para que procedesse á extracção da pelle do rosto em uma só operação, mas este é um processo doloroso e caro. Resultado identico se pode oter, gradualmente e sem perigo, applicando a cêra mercolized (em inglêz: "pure mercolized wax"), substancia que se encontra em qualquer pharmacia. Applica-se como se fosse coldcream. Com pouco dispendio se procede õ completa extracção da pelle do rosto, sem dôr alguma, absorvendo as cellulas mortas e fazendo apparecer a nova, sã e rosada cutis que se acha immediatamente por baixo.

A "Cidade de Londres", importante estabelecimento do Triangulo, vendo-se os annuncios luminosos dos nossos clientes Calçado Diciatteo e Chapéos Ramenzoni, marcas victoriosas da nossa industria.

A linda capa de "Para todos...", de hoje

Em Dezembro, CINEARTE-ALBUM,

DE SÃO PAULO

DA SUCCURSAL D'"O MALHO"

FUNDA-SE MAIS UM CENTRO DE ESTUDANTES

FALAM-NOS OS SEUS FUNDADORES

Existia para os estudantes paulistas o "Centro XI de Agosto". Era um orgão da classe, que pela sua natureza não devia cuidar de politica.

Os ultimos successos do "Piccolò" e a infeliz iniciativa do deputado Marrey Junior, pedindo no Congresso Nacional a intervenção para São Paulo, fizeram com que o "Centro XI de Agosto" entrasse a se manifestar politicamente.

Na classe que é numerosa, aliás, existem democraticos e perrepistas. D'ahi nascer a idéa de ser creado um novo centro, o qual tomou o nome de Centro Republicano dos Estudantes.

São Paulo é assim affirmativo e vibrante. Os jovens academicos têm suas opiniões e querem ventilar os assumptos sociaes.

E' um movimento apreciavel.

Hoje falam ao *O Malho* os moços, que por nossas columnas justificam a iniciativa.

Resumimos as palavras dos estudantes nos capitulos que se seguem:

FINS DO NOVO CENTRO ACADEMICO

Os fins do Centro Republicano de Estudantes de São Paulo são sociaes e politicos, rezam os seus Estatutos. Quanto aos sociaes, caberá ao Centro:

1.º — Promover conferencias sobre assumptos sociaes, visando especialmente o Brasil;

2.º — Iniciar e promover campanhas nacionalistas;

3.º — Trabalhar pela solidariedade academica;

4.º — Organizar festas de caracter philantropico.

5.º — Desenvolver, entre os academicos, a pratica de sports.

Quanto aos fins politicos:

1.º) Suscitar o interesse da mocidade pelas questões politicas da actualidade;

2.º) Propagar e defender o programma do Partido Republicano Paulista;

3.º) Incrementar o alistamento eleitoral.

A IDÉA DA FUNDAÇÃO DE UM CENTRO DE ESTUDANTES

O caracter francamente politico do centro é muito comprehensivel.

De facto, nada mais natural que os estudantes se arregimentem para combater pelas suas convicções. Até agora o que se tem visto na Faculdade de Direito de São Paulo é uma maioria occasional nas sessões do "Centro Academico XI de Agosto" impellil-o a manfestar-se ora de um modo ora de outro inteiramente opposto sobre questões de politica externa. O que resulta é que nunca se sabe qual a attitude da classe academica em face da politica externa porque os estudantes em materia de politica se acham divididos, encontrando-se na Faculdade de Direito desde o communista radical até o monarchista impenitente. Além disso o "Centro XI de Agosto" se desvirtua, porque quasi que só se occupa de politica externa, descuidando-se dos interesses principaes da classe academica.

O ex-ministro belga, Sr. Vandervelde, em companhia do consul da Belgica, em São Paulo, momentos antes de embarcar para Santos, de onde, a bordo do "Lutetia", seguiu para o seu paiz.

O Centro Republicano vem, pois, sanar essa irregularidade, pois que ao mesmo passo que defenderá o programma do Partido Republicano Paulista, propugnará a completa abstenção do "Centro XI de Agosto", da politica externa.

AS PRIMEIRAS REUNIÕES

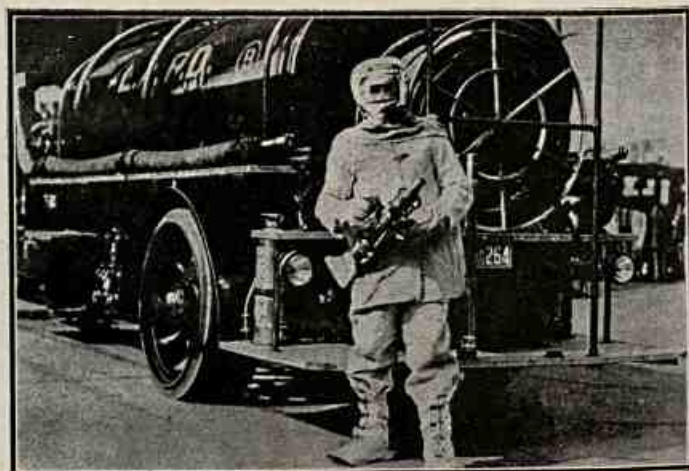
Essas idéas foram expostas nas reuniões preliminares dos fundadores do Centro Republicano de Estudantes de São Paulo, e a 9 do corrente realisou-se uma sessão em que foram approvados os Estatutos e eleitos os membros da Directoria e do Conselho Consultivo.

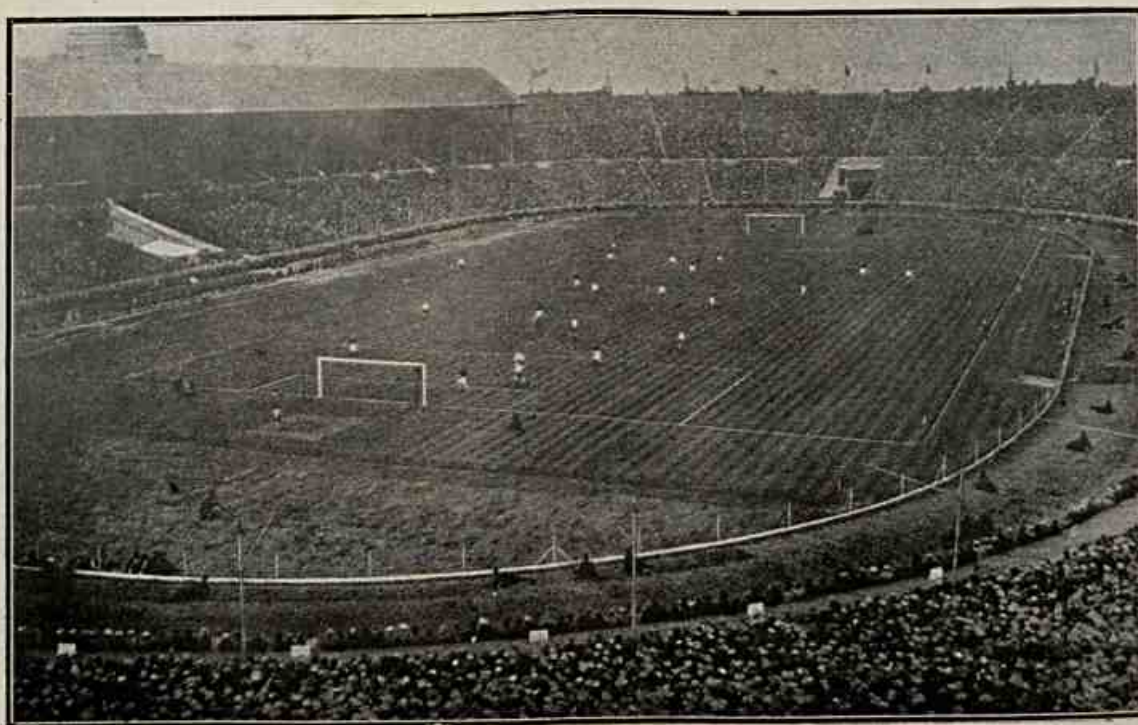
A DIRECTORIA

Ficou composta dos Srs. Sebastião Prado, Carlos de Oliveira Coutinho, Alberto Americano, C. A. de Carvalho Pinto e Ophir Leme Gonçalves. Para o Conselho Consultivo foram eleitos os Srs.: José Ribeiro de Barros, Sylvio Luciano de Campos, Octavio Ferreira Braga, Dacio de Souza Campos, Antonio de Queiroz Filho, Fernando Jorge Mendes, José Collaço Veras, Urbano de Moraes Alves, Victor Freire e Fernando Prestes Neto.

A directoria do "Centro Republicano dos Estudantes", em "pose" especial para "O Malho", em São Paulo.

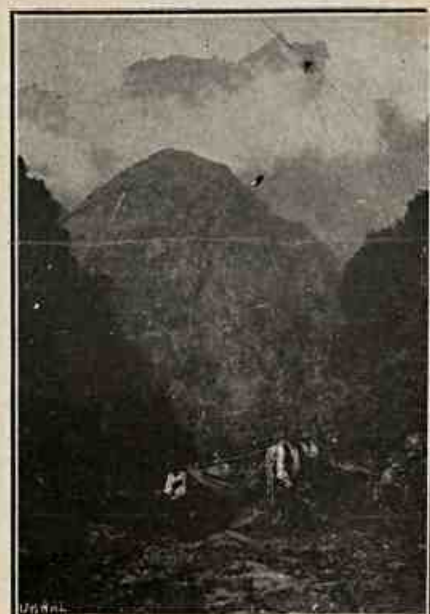
NOTAS MUNDIAES

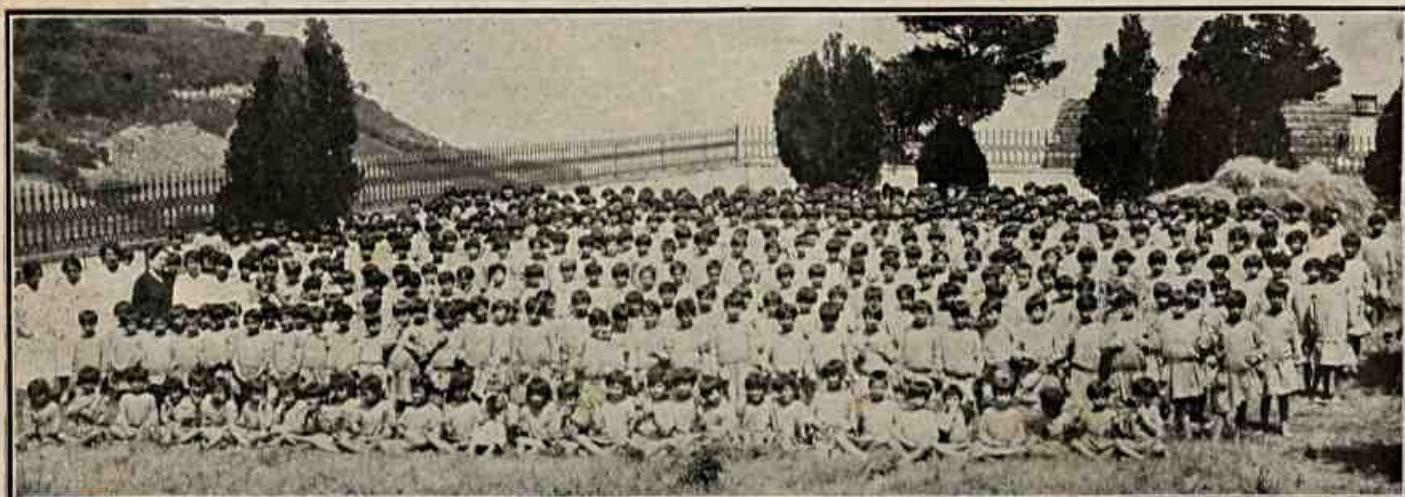
Na Inglaterra moças e rapazes divertem-se imitando as corridas de galgos que se tornaram um dos sports favoritos dos inglezes.

Bombeiro de Los Angeles, com a sua roupa incombustivel, para o incendio das florestas.

O mais joven jockey do mundo, D. Shearer, com 12 annos, vence uma corrida em Pinchurst — Estados Unidos.

Grande acontecimento de football inglez — Vista do final do jogo ganho pelo conjuncto de Blackburn Revers contra o de Huddersfiel, em Wembley.

"O MALHO" EM PORTUGAL

Costumes da Madeira

Ribeira, em Santa Luzia

Pedra da Cova, Madeira

Chegada á estação do Rocio, em Lisboa, da équipe militar portugueza que foi a Madrid tomar parte no importante concurso hippico que se realisou naquella cidade e onde ganhou alguns dos mais importantes premios. O Sr. tenente-coronel Manoel Latino, chefe da equipe, é portador da taça de ouro da Peninsula, ganha pela mesma.

O grande edificio que servia de Lazareto, no porto de Lisboa, foi agora destinado a asylo, representando a gravura uma parte das creanças já nelle installadas. — Lisboa, Julho de 1928.

A CASA DE D. JOÃO VI

(ESPECIAL PARA "O MALHO", DE *BARROS VIDAL*)

(FIM)

primeiros degráos, da régia escadaria, lá em cima.

Lá, o Rei offerecia aos fidalgos da Côrte que transportou para o Brasil, as mais lindas recepções e os banquetes mais faustosos.

Mais tarde, ao deixar as nossas terras, o Rei vendeu a sua pittoresca residencia ao brigadeiro Agostinho que, depois de muitos annos, a passou á familia do desembargador Fortunato de Britto. Em 1853, pouco mais ou menos, esse magistrado, num desvario, ali mesmo se suicidava em impressionantes circumstancias. Desgostosa com a morte tragica do seu chefe, a familia Britto, pouco depois do triste acontecimento, se desfazia da propriedade, vendendo-a ao Barão de Paquetá que ali tambem falleceu, desastradamente, victima de uma quéda na escadaria principal. A familia do mallogrado titular não quiz por sua vez conservar o casarão solitario, negociando-o com o commendador Francisco Marqres da Silva que, até hoje, é seu proprietario. Mas o destino do casarão de origem real era vario e paradoxal: depois de ter servido de residencia a um Rei e a figuras illustres, acabou sendo uma miseravel casa de commodos!... E só agora, depois de um longo abandono, quando parte do seu terreno já foi retalhada, o sonho de um homem emprehendedor vae, ao mesmo tempo, reviver a sua gloria esquecida e transformal-o em escola!...

* * *

A antiga entrada principal do casarão real desappareceu. Em seu logar, hoje, se espalham, na sua graça propria, dois graciosos "bungalows". Mas a irreverencia da civilisação deixou ficar ali, bem em frente ao mar, o secular canhão com que a milicia da ilha saudava o Rei, á sua approximação. E' uma velha peça, enferrujada e primitiva, trepada num amontoado de pedras e com uma inscripção esclarecedora:

"Daqui, este canhão saudava a chegada do Rei D. João VI."

O velho portão tambem desappareceu. Mas, feito á sua imagem, copia fiel e inconfundivel, ha bem perto um outro, de uma daquellas residencias, que conserva, inalteraveis, todos os seus caracteristicos.

Attingiamos, agora, a avenida das palmeiras gemeas das do Jardim Botanico, e avistavamos, dominando as redondezas, no alto, soberbo mesmo nas suas ruinas, majestoso na sua decadencia, o secular palacio. No plano inferior estende-se, em toda a largura da

casa um vasto pateo onde o Rei dava audiencia e gosava a sésta. Mais em cima, á altura do plano do grande pavimento, protegido de grades, espia para o mar outro pateo que dá para a antiga sala dos despachos, peça sombria e de largas dimensões. Lá dentro do casarão, ha um mundo de salas e saletas, umas quasi sem luz, entre as quaes, a mais pobre e de peor aspecto, — curioso! — era o quarto de dormir do Rei. Duas largas janellas nesse quarto se abrem para um pateo interno. Rezam as chronicas do tempo, que o Rei, todas as manhãs, ao erguer-se. espiava o movimento da casa por uma dellas...

Os fundos do casarão são de cimento e eram destinados á morada da criadagem. Em conjuncto, o predio representa, com todos os seus angulos e fachadas, sua escadaria ampla e tortuosa, seu parque melancolico e sombrio, o velho estylo colonial em que foi modelado. Mas o mais impressionante e encantador da antiga residencia real é o vivo contraste entre a floresta em que ella se ergue e o mar que a rodeia. Lá mais em cima, espalha o conforto das suas largas e espessas ramagens, a rainha das mangueiras, ali plantada talvez ha tres seculos, o recanto preferido pelo Rei pelas magnificas paysagens que offerece e sobretudo pelo pittoresco de sua expressão.

A casa está vasia. Parece mesmo que todas as circumstancias conjugadas para destruir quella tradição concertaram em só lhe deixar, erguidas, as paredes e as estatuas cobertas de patina que lhe dominam a alta cumieira. E é como homenagem a esse passado remoto, tão esquecido das modernas gerações, que o professor Camargo, nas obras da restauração do velho solar, que se vão iniciando lentamente, tem o cuidado de conservar tudo quanto ali encontrou, que não é nada ante o seu desejo, que seria povoar o casarão com os mesmos moveis e objectos usados pelo Rei.

Pensando nisso foi, de certo, que elle nos explicou:

— Imagine que os moveis desta casa estão espalhados por varias partes. Alguns delles pertencem ao coronel Meira Lima, outros ainda não sei bem por onde andam...

E numa exclamação, olhando o céo:

— Se eu consigo reunir todas essas joias?!...

E nas reticencias com que continuou a phrase, indicou ao nosso pensamento um outro mundo de sonhos...

* * *

Faz tambem parte do grande projecto do professor Camargo a construcção, ali, de um balneario infantil rodeado da maior segurança e do maior conforto. Realisado este projecto elle pensará noutro, mais grandioso ainda: um balneario para adultos com todas as exigencias observadas nos estabelecimentos congeneres europeus. Mas, ao desenvolver estas transformações, o professor Camargo não roubará ao solar o seu sabor de velharia historica, conservando-lhe as linhas austeras e até uma porta, já toda remendada, que deita para o mar e por onde o Rei sahia para os seus passeios matinaes.

* * *

E' esse o lindo sonho do esforçado educador que nos levou, numa destas tardes de bruma, ao delicioso recanto da Guanabara. Que o professor Camargo tenha o auxilio dos homens e a protecção de Deus, para transformal-o em realidade, porque, ao mesmo tempo que presta um valioso serviço ao patrimonio das nossas tradições, offerece á geração que se começa a formar a escola-modelo, que tem por tecto o céo azul, por sólo a terra abençoada e fertil, por paredes as arvores que lhe dão sombra e por scenario o mar que lhe rola aos pés!

A lucta das mil e uma fracções politicas do Districto, animadas pelo voto cumulativo, está sendo simplesmente commovedora! Todos pretendem ver nesse "caixão" a mala maravilhosa de que nos falam as historias de Trancoso e com capacidade de transformar o que ali se esconda naquillo que se desejar... Assim esperam todos os eleitores do Districto que no dia seguinte ao do pleito estejam intendentes!

Mas, como o tempo dos milagres já passou, mais certo é que nessa urna fiquem sepultados de vez...

Depois, a "Gaiola de Ouro" já não póde augmentar.

As feministas nacionaes estão de parabens: a theosophia do Oriente é tambem por ellas... Vae mesmo mandar até o Rio algumas das suas saias-calças mais illustres, com o fim de auxilial-as a activar aqui a campanha pela emancipação! Estas revelações, algo sensacionaes, para os que suppõem que o Levante são tinha a nos ensinar neste terreno, foram feitas pelo sr. Jinarajadasa, o theosopho hindu' que ora nos visita.

Apesar disso, com o auxilio dessa força —luz, o feminismo que andava por ahi, em fórma de materia pura, ganhou indisfarçavelmente um prestigio novo.

QUADRAS

Da ventura de te ver
Veio a dôr que me consome,
Nem assim quero esquecer
A tua imagem, teu nome.

No teu sorriso de fada
Descobri sem grande estudo:
Descobri que não sou nada
Para quem p'ra mim é tudo.

Será como Deus quizer!
Até que os mortos me tomem,
Hei de querer-te mulher
Como nenhum outro homem!

PAULO BORGES

Pela ultima conferencia do theosopho hindú que nos visita, ficamos sabendo que muitas das idéas de Musollini são velhissimas. Que o nosso illustre hospede não caia na asneira de ir repetir isso lá na Italia, onde a gloria do Duce não admitte a condemnação do "nihil novum sub solum"...

Na Persia acaba de se dar um levante popular por ter um decreto governamental pretendido vestil-os á maneira do occidente. Mas que gente ingenua aquella: brigar ainda por causa de modas!

Pois olhem, os destas bandas do mundo, se alguma bernarda tivesse de fazer seria exactamente para não usarem nenhuma...

As eleições do Districto tiveram entre outros esta virtude: avisar o rebutalho politico da cidade de que os seus dias de dominio estão contados... A presença de elementos saneadores do meio em que se agitavam os expelliu naturalmente.

Não é só em finanças que a boa moeda espalha a má...

Lisboa ainda nos dá lições... Esta, pelo menos é bem expressiva: Lisboa acaba de de prohibir nas suas ruas o transito dos descalços! Não faz muito na verdade, tentamos tambem essa medida civilisadora, mas sem resultados, o que equivale a nada se ter feito. E, no entanto, talvez mais chocante seja o espectaculo aqui no Rio do que lá, onde o ambiente da cidade antiga não repelle de todo o primitivo desses habitos ruraes...

◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈

Maximas

Ha maximas que, viradas do invés, são sempre maximas.

Por exemplo:

Não te afflijas com as pequenas contrariedades. Reserva a sensibilidade para as grandes desgraças.

A's avessas:

Habitua-te a soffrer nas pequenas contrariedades para não succumbires ás grandes desgraças.

Assim como as sentenças variam com as cabeças, variam as maximas com os temperamentos.

Conheci uma extremosa mãe que expirou abraçada ao cadaver de um filho. Outra mãe, igualmente extremosa, enlouqueceu. E uma terceira, cuja morte fulminante se receava, adormeceu profundamente á beira do filho morto. Depois, mais infeliz que as outras, acordou para chorar sempre. Que diversos processos na dilaceração daquellas tres almas!

Isto de maximas e sentenças, consideradas a fina flor da reflexão experiente, são bonitos adereços de pedras falsas, facetadas no gabinete do sabio com philosophica pachorra. Silvio Pellico e La Rochefoucauld não salvaram desgraçado nenhum do seu destino.

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

THEATROS

THEATRO MEIA-PORÇÃO

Oduvaldo Vianna mal desembarcou e encaminhou para o Trianon, com o espirito de ordem que o caracterisa, artistas e scenarios cada qual com a sua etiqueta, despencou-se para á nossa redacção. A primeira entrevista, de verdade, seria nossa — as publicadas pelos jornaes diarios são do reclamista da empreza, Sr. René Adoré. E sem esperar pelas nossas perguntas foi despejando:

— Innegavelmente a forma victoriosa de theatro, no momento que passa, é o sainete.

Um, dois, tres, prompto! E' quasi um passe de magica! A agitação, a intensidade da vida moderna não admittem outra cousa.

Iamos abrir a bocca. Não deu tempo.

— Quer conhecer a genese da minha iniciativa? Como sabe tudo quanto ganhei no Trianon perdi em especulações commerciaes. Fiquei sem vintem e tive de appellar para os restaurantes modestos...

— Vulgo fréges...

— Isso mesmo!... que fazem meia porção... Bacalháo com arroz 1.500, meia-porção 800 réis... Nunca se come o bastante, mas sáe-se consolado, e pode-se esperar o convite de um amigo para almoçar ou jantar. Por que não applicar o genial systema ao theatro? Estudei o assumpto, vi que era canja, em vez de peças, dar meias porções de peças, pela metade do preço e tenho ganho uma fortuna!

— Todavia...

— Qual o que! O publico não desconfia de nada e sáe até agradecido! E' o genero de theatro ideal! Tem todas as vantagens. A' burrice dos autores não chega a irritar, não ha tempo! Os artistas por sua vez não têm tempo de aborrecer o publico.... Vocês sabem que eu tenho na minha collecção cada um de se tirar o chapéo...

Pois a platéa nem dá por elles. O Roulien é o typo do enjoado, isso sem falar na Abigail, pois, tem feito um successo! Comprehendem, não? Mal entram em scena, sáem.

O publico, a todo o momento, os está vendo pelas costas. E' um allivio!

— De modo que, se não satisfaz, de todo...

— Mata a fome, meu caro, e isso nos tempos que correm já é uma grande cousa! Se eu tivesse tido esta idéa no Rio, em vez de Grande Companhia Brasileira de Sainetes Abigail Maia-Raul Roulien, eu a teria chamado simplesmente Companhia Cachorro Quente... E o successo não seria menor!

— E não receia que a platéa carioca...

— A platéa carioca? E' muito idiota! Não sabe que o Procopio manteve sempre uma média superior a quatro contos?

Que mais quer? Ella supporta tudo...

— Lá isso supporta...

— Tudo e muito mais...

Só uma cousa aqui me encommoda. A má lingua...

— ... dos outros!

— Exactamente, dos outros! Começam a espalhar que o repertorio é máo e o elenco ruim e afastam os papalvos.

Ora o theatro, o nosso theatro, vive exclusivamente, dos papalvos, que os sabidos, os de circo, não no frequentam: deliciam-se nos cinemas ou nas praias de banho, sem que apreciem banhos nem fitas...

— De modo...

— Que não tenho duvida alguma acérca do successo da temporada. O publico ama as novidades e a minha companhia é uma perfeita novidade... a começar pela Abigail!

E despediu-se a correr. Ia desetiquetar a bagagem e os artistas, e proceder a arrumação.

COMO "ELLES" E "ELLAS" PENSAM

ASPIRAÇÃO

Eu quero cantar a vida,
Em tôdo seu esplendor...
Desfolhar rosas doiradas...
Contar milagres de amor...
Embeber-me nas caricias,
De doirado pôr de sol!...
Enlevar-me nas delicias,
Da tua alma de escol.

Romper os laços que prendem,
A' convenção social.
Girar, girar pela vida...
Como uma abelha em rosal.
Prender-me em trama doirada;
De doce e pequeno ninho.
Ouvir a voz muito amada;
— Dizer segredos baixinho.

MAGDA ROCHA

(Rio)

MYSTICISMO

Ha no meu verso exquisito
Incerto, vago, sem arte,
O lamento do proscripto
Ouvido por toda parte;
Rugidos de catarata,
Silencios da solidão,
Grunhidos, voz timorata
De um caboclo do sertão.

Ha no meu verso exquisito,
Incerto, vago, sem arte,
A tristeza do infinito
Vinda dos campos de Marte.
E esse silencio, essas vozes
São dolencias emotivas
De muitas dores atrozes,
Secretas, fundas, nativas...

J. M. COIMBRA

(São Paulo)

CONFITEOR

A ti...

Quando eu parti, bem sei, minha querida,
Quanto sentiste e que choraste tanto,
Que eu senti minha vida em tua vida
E o teu pranto envolvido no meu pranto...

Pois, vinha com minh'alma compungida
Em ver que te deixava... E no entretanto
Eu quizera formar, estremecida,
Um rosario das bagas do teu pranto!...

O nosso amor, porém, viveu instantes,
Deixando uma saudade, que é esta essencia
Que punge e mata os corações amantes!

Como tu, eu passei dias tristonhos,
Mas, hoje vejo, que és minha existencia
E a divina epopéa dos meus sonhos!...

ADALBERTO SANTOS
(Moreno, Parahyba do Norte)

Silva Araujo & Cia. na Exposição Bahiana de Agricultura, Industria e Commercio

Regressou ha dias da Bahia o Sr. Raul Pedreira de Cerqueira, socio solidario da firma Silva Araujo & Cia. e nosso muito estimado amigo.

O facto não é aqui lembrado como um simples registro de itinerante a que faz jús o Sr. de Cerqueira por varios titulos, inclusive pelo conceito que soube conquistar, como cavalheiro sem jaça, nos nossos circulos sociaes como nas rodas sportivas (sendo S. S., como é, um dos nossos grandes atiradores), e conceito que o acompanha ainda na vida commercial, productiva e honesta.

A viagem do Sr. Raul Cerqueira á Bahia, por signal que seu Estado natal, foi motivada pela Exposição Bahiana de Agricultura, Industria e Commercio, á qual não poderiam deixar de concorrer, com os seus innumeros e afamados productos, os Laboratorios de Silva Araujo & Cia.

Os certamens identicos anteriores, muito em maiores proporções que esse de Mont'Serrat, na capital Bahiana, aos quaes têm comparecido a firma Silva Araujo & Cia. com o seu sempre admirado mostruario, dispensavam-na, perfeitamente, da nova prova a que se inscreveu.

O empenho dos grandes e tradicionaes laboratorios, não é, porém, cobrir-se de lantejoulas, não obstante sua reconhecida consideração pelas distincções que lhe conferiu os jurys de recompensas das exposições a que comparecem.

As suas medalhas de ouro, os seus premios "hors concours", obtidos em varios tantos certamens internacionaes, tornam a firma Silva Araujo & Cia. insensivel, já, á vaidade de mais uma medalha ganha.

Mais alto agora collocando o seu objectivo, esforçam-se os benemeritos industriaes pharmaceuticos em apregoar a grandeza e o adeantamento da Pharmacopéa Brasileira, ao mesmo passo que concorrem, com a sua presença, para maior brilhantismo das exposições-feiras nacionaes.

Este patriotico intento explica porque á Exposição de Mont'Serrat, afim de abrir o seu mostruario, quiz a firma Silva Araujo & Cia. que comparecesse um dos seus socios, o Sr. Raul de Cerqueira, a quem, de resto, estão confiados os complexos serviços de propaganda do antigo estabelecimento da rua 1º de Março.

Uma attractiva e nova campanha de annuncios

A Carter Medicine Company acaba de lançar uma nova e interessante serie de annuncios de seu producto Pilulas do Dr. Carter para o figado.

Estes annuncios estão illustrados de um modo muito attrahente, com debuxos modernos e elegantes e seu texto contém dados muito importantes.

A campanha se faz notar não só pela apparencia do texto e dos debuxos, senão porque representa uma mudança completa do antigo typo de annuncios que se empregava para este producto.

VIAJAR DE GRAÇA NUNCA VI PROBLEMA TÃO DIFFICIL
NÃO E DE UMA, MAS DE MEIA DUZIA DE MALAS QUE EU PRECISO
PORQUE TANTOS CRIMES?
AGORA VOU PÔR EM EXECUÇÃO O QUE PREMEDITEI!
NÃO SE IMPRESSIONE MULHER
QUE HORROR!
DE UM TEMPO P'RA CA' ESTAS MALAS ESTÃO SE TORNANDO PESADAS
FIZESTE BÔA VIAGEM
NESTE CASO, SIM

HIP!

HIP!

HIP!

Hurrah!!!

Não percam tempo, se não querem

ficar sem o seu exemplar.

As edições dos ultimos annos ficaram inteiramente exgotadas

em poucos dias.

Escrevam hoje mesmo para:

Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164 — Rio, enviando 5$500 em dinheiro, em carta com valor declarado, em cheque, em vale postal ou em sellos do correio, para que lhe seja reservado um exemplar do

Almanach do "O Tico-Tico" de 1929

A' SAHIR NOS PRIMEIROS DIAS DE DEZEMBRO.

6° TORNEIO DE 1928 — NOVEMBRO E DEZEMBRO

PREMIOS 1 obra literaria a cada um dos vencedores de 1° e 2° logares e ao que fizer metade dos pontos liquidos obtidos pelo decifrardor que, no torneio, figurar na frente da lista geral, ou que fique proximo dessa metade.

CHARADAS NOVISSIMAS 31 a 45

(Ao Mr. Trinquesse)

4—1—Quando *escurece "nota"*-se que você fica todo *triste.*

Barbazul (L. C. P. — S. Paulo)

1—2—*"Nota"*-se que a *briga*, em geral, traz *agitação.*

Bartholomeu José Apomplo (Camamu' Bahia).

2—2—Nesta *aldeia indigena hedionda* come-se tambem *"chouriço".*

Butua Camenas (Conceição do Serro)

1—1—Minha *irmã, até* antes da morte, soffreu *accidente.*

Carioca Desterrado (Victoria, Espirito Santo).

3—1—Você *apoquenta* uma creatura e lhe *offerece* horas amargas com esta *cantarolada!...*

Clara Déa (Bahia)

3—1—*Enterra* sem *pezar* o *suppliciado.*

Conde Guy de Jarnac (B. dos Fidalgos, Santos).

4—1—*Desaforo* só se *"nota"* em todo individuo *insolente.*

Diana (B. dos Fidalgos, Santos)

2—1—O *"homem"* trouxe de *tua* casa o *"conjuncto de armas".*

Dominó Vermelho (Bahia)

2—2—Sem *tempo* e sem **palavra** não póde haver conversação.

Ivanoé A. Netto (Parahyba do Norte)

2—1—Quão sublime é mitigar a *fome* que se *"nota"* em um *faminto!*

Jasbar (Indayá, Minas)

3—1—*Dispõe* a *"nota"* em linha *regular.*

João da Roça (Nazareth)

1—2—*Toma cuidado em "Olga",* a *"criada de fóra".*

Jovaniro (A. C. L. B. Nazareth)

2—2—O *termo* empregado nesta *oração* não lhe dá propriamente uma *interpretação litteral.*

Lakmé (B. dos Fidalgos, Santos)

3—1—*Castigo* sem *compaixão* o *condemnado.*

Lyrio Branco (B. C. G. — Rio Grande)

3—1—Esta *"pera"* não *produz* nenhuma *vantagem.*

Maloyo (B. dos Fidalgos, Santos)

ENIGMAS CHARADISTICOS 46 a 51

Um dia, vi meus extremos
Mais segunda da salseira,
Gemendo em duas e prima
Que, qual todo (sem terceira),
Servem para o mesmo fim.
Não precisa ir á China
Para achar o meu total,
Que, afinal, é coisa *fina.*

Spartaco (Belém, Pará)

Esta minha principal
Faz final da derradeira
Mas, minha dita final,
A' segunda, sem primeira
Mais o fim, meu camarada;
Pois, tem prima da charada
Mais segunda sem o fim.
Certa vez, em brincadeira,
Sem razão de agir assim
Faz-lhe segunda e primeira,

Torna-se máu, deshonrado.
P'ra quem tem tal proceder,
"De todos ser desprezado"
Por finaes merece ter.
Camarada, muito geito
Saudação é o meu conceito.

Etienne Dolet (Bloco dos Fidalgos — Santos).

Querendo bem apurada
Segunda, para beber,
Faz-lhe prima, o camarada,
Sem *"liga"* ou droga qualquer.

Conde Guy de Jarnac (Bloco dos Fidalgos — Santos).

Minha central repetida
Os extremos aprecia,
Não usando-os toda a vida,
Sómente por *cortezia.*

Altivo Trindade (Formiga)

Não faça em vão, illustre chefe,
Estas duas partes primeiras,
Dizendo que os meus logogryphos
São cousa *fim* p'ras mioleiras.

Por isto apresento este enigma,
Tendo dois conceitos gryphados,
Não será *trabalho difficil,*
Que traga os collegas atados.

Será semi-morta a charada,
Que, de hora avante, eu vou enviar,
Não terão *tarefa penosa,*
Os collegas em decifrar.

Carlos Costa (Bahia)

(Ao Anhangá — Agradecendo e retribuindo o seu bello trabalho "Aframa".

Um dia, fiz prima com central
Na minha segunda com terceira
(Menos daquella, letra primeira)
E logo encontrei este total.

Senti fim do centro, mais final,
Como sente uma qualquer pessoa.
E com medo, certo, do total,
Atirei-o ao fundo da *"lagôa".*

Arthano (S. Paulo)

CHARADAS ANTIGAS 52 a 59

Deste lado da Sevilha,—1
Ha um tigre, todo branco,
Que, na rua de certa *"ilha"*,—2
Deu um *"homem"* por um franco.

Estudante

O homem *veste seus melhores trajes*—3
Para não passar esquecido

Por isso é que eu sempre tomo "*nota*" —1

Com que trajes está *enfeitado*.

Dama Verde (Bahia)

O vento sibilava pelos ares;
A "*mulher*" do nauta no lar gemia,—2
Emquanto no terraço o cão ladrava,
Olhando a lua, que "*no céo*" se via.—1
Lá, no alto mar, o nauta audaz lutava
Com o pensamento no querido lar;
E a esposa amante com *pezar* rezava—1
Por seu mrido, que era *feito ao mar*.

Violeta (Recife)

Hoje foi presa uma "*ladra*"—2
que, ao ser mettida na cella,
estava *mal* e doente—1
de falar. Que *tagarella!*

Anhangá (L. C. P. — S. Paulo)

Já não *vomita o doente*—2
E' signal de passar bem,
O *mal* cedeu de repente—1
Não morre o *cambista*... Amen!

Pan (T. Œ. — S. Luiz, Maranhão)

Que o meu primeiro trabalho,
Na œdipica secção,
Seja, aos turunas do Malho,
Um forte aperto de mão.

Hei minha ficha mandado
Com meu retrato no *meio*;—1
Ahi deve ter chegado,
Si não ficou no *correio*.—2

Espero ser recebida
Minha collaboração
Pois seria descabida
Contra um frade *prevenção*.

Frei Paulino (Carangola)

(*Para o Jasbar*)

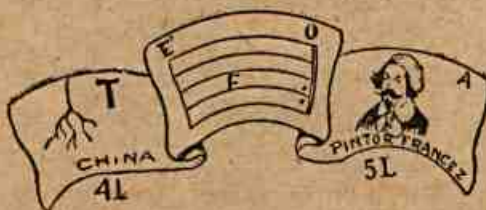
D'um "*modo*" claro, preciso—1
E *tambem* sem restricção,—1
O bom confrade Jasbar
Mande desta a *solução*.

Josim Amil (Recife)

(*Ao Jovaniro*)

Queem, visando *recompensa*,—2
Em *doses* faz seu quinhão,—2
Ou tem grande malquerença
Ou é fino *trapalhão*.

Euclydes Villar — Tigipió — Recife)

ENIGMA PITTORESCO 60

Quiqui (Ilhéos — Bahia)

P R A Z O S

Terminarão: a 24 e 29 do corrente, e a 5, 7, 9 e 14 de Dezembro proximo. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim os de Matto Grosso; o sexto, aos restantes e aos de Portugal, sendo que de Sergipe para o Norte, bem como para essa ultima nação européa, as listas de soluções que forem postas no correio no dia da terminação dos prazos marcados mais acima, serão acceitas, sendo a nossa verificação feita pela data do carimbo postal.

As justificações relativas aos ponttos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

REMESSA DE FICHAS CHARADISTICAS

Recebemos as seguintes fichas charadisticas: de *Eureka*, que tomou o nº. 19; *Roceirinha Nazarena* (Nazareth), o nº. 20; *Klingoros*, o nº. 21; *K. Nivete* (Recife), o nº. 22; *Angerona Angelica* (Bahia), o nº. 23; *Clara Dêa* (idem), o nº. 24; *Guaxupé* (Curityba), o nº. 25; *A Garota* (B. dos Fidalgos), o nº. 26; Barão de Damerales (idem), o nº. 27; *Calpetus* (idem), o nº. 28; Conde Guy de Jarnac (idem), o nº. 29; Dapera (idem), o nº. 30; Diana (idem), o nº. 31; Etienne Dolet (idem), o nº. 32; *Erre-Céus* (idem), o nº. 33; Gavroche (idem), o nº. 34; *Julião Rommot* (idem), o nº. 35; *Lago* (idem), o nº. 36; *Lakmé* (idem), o nº. 37; *Maloyo* (idem), o nº. 38; *Miravaldo* (idem), o nº. 39; *Nellius* (idem), o nº. 40; *Orlirio Lima* (idem), o nº. 41; *Paracelso* (idem), o nº. 42; *Ruhtra* (idem), o 43; *Seneca* (idem), o nº. 44; *Sezenem II* (idem), o 45; *Themis* (idem), o nº. 46; *Visconde de Adum* (idem), o nº. 47; Ave da Sorte (Bahia), o nº. 48; *M. Luz* (Recife), o nº. 49.

No fim deste mez termina o prazo para o recebimento de fichas charadisticas, e quem não tiver remettido a sua propria, será riscado do nosso livro de inscripção, só podendo collaborar, novamente, depois de satisfazer esta exigencia.

S O L U Ç Õ E S

Do nº. 1353:

Ns. 331 — Dente de velha; 332 — Epigeo; 333 — Batedor; 33. — Gilvaz; 335 — Sensabor; 336 — Metopio;

O dynamhomem, segundo a theoria de Santos Dumont.

HOROSCOPOS

337 — Logradouro; 338 — Nanico; 339 — Cerradamente; 340 — Estortegadura; 341 — Ebriatico; 342 — Taanques; 343 — *Nulla;* 344 — *Nulla;* 345 — Crastino; 346 — Marcado; 347 — Calhambeque; 348 — Futricada; 349 — Bôa Esperança; 350 — Geboso; — 351 — Linhage; — 352 — Omnipotente; 353 — Amatalotadamente; 354 — Pernada; 355 — Escurana; 356 — Cabo-la-mar; 357 — Aguiamento; 358 — Astalho; 359 — Mira; 360 — Peanha; 361 — Curral-Falso; 362 — Mirmidão; 363 — Lisbôa; 364 — Ogá-ogá; 365 — Anchieta; 366 — Ciavoga; 367 — *Nulla;* 368 — Commodoro; 369 — Pepolim; 370 — Salgado; 371 — Piloto; 372 — Garanvaz; 373 — Saccomão; 374 — Grassa (sagras); 375 — Quatromere; 376 — *Nulla;* 377 — Avisso; 378 —Esqueleto; 379 — Maldra-Titara; 380 — Socegado; 381 — Acpasmatico; 382 — Como de cabo; 383 — Georgica; 384 — Anda como dromedario; 385 — A desgraça afina a virtude; 386 — Homem grande, besta de pau; 387 — Os gansos do Capitolio.

NOTA — *Lograd*or para 343, *Tremola* para 344, *Sorema* para 367, e *Paratitios* para 376, foram annullados por pertencerem a charadistas eliminados. Pedimos justificação, dentro do prazo regulamentar, de *Bello* ou *Homem rouxinol de Almada* para 386, *Crucia* para 355. *Cojacobi* para 370. *Cepo da morte* para 331, *Secia* para 366, *Mestre-escola* para 374.

DECIFRADORES

Do nº. 1.353:

K. Nivete (Recife), 47 pontos; Principe de Eckmull (Bahia), Principe de Essling (idem), Principe de Ponte Corvo (idem), Principe de Otranto (idem), Principe de Moskova (idem), Principe de Wagran (idem), Principe de Beauharnais (idem), Alvasco (Recife), 46 pontos cada um; Dominó Vermelho (Bahia), Mary Sette (idem), Hay Dée (idem), Tenente (idem), Floripes (idem), Dominó Preto (idem), 45 cada; Euristo (Lisbôa), Vasco Dias (Lisbôa), Etiel (idem), 43 cada; Dr. Gregorinho (Hexagono Pharmaceutico), Ignotus (idem), Ulrica (idem), Miltuna (idem), J. Poliegoni (idem), Arcebispo (idem), Gondemaga, 42 cada; Violeta (Recife), 33; Carlos Costa (Bahia), 25; Dama Verde (Bahia,) Ave da Sorte (idem), Aventureira (idem), 22 cada; Razalas (Lisbôa), Dropê (idem), Jofralo (idem), Viriato Simões (idem), 21 cada; Thalia (Rio Grande), 20; Olivares (Pomba), 18; Pedro K (Bom Jesus de Itabapoana), Dr. Lael (Nucleo Enigmatico), José Pedro da Fonseca (idem), Alfranga (idem), Tieno (idem), 17 cada; M. Lia (Recife), Josim Amil (idem), 12 cada; Soldado (Floriani), Jac (idem), Juquinha (idem), Soldadinho (idem), Sertaneja (idem), 11 cada.

3º TORNEIO DESTE ANNO

Resultado final

Jubanidro, (S. Paulo) 269; Anhangá (idem), 223; Therezinha (idem), 222; Dama Verde (Bahia), 179; *Aventureira* (Bahia), *Guaxupé* (Curityba), 180 cada; Ave da Sorte (Bahia), Duque de Paus (idem), 179 cada; Arthano (S. Paulo), 178; Pompeu Junior (idem), 174; K. Nivete (Recife), 165; Violeta (idem), 158; *Aureo Marques Vidal* (Bahia), 136; Thalia (Rio Grande), 133; Olivares (Pomba), 99; Barbazul (S. Paulo), 60; Petronius (Pomba), 38; Angelica Dobrada (Bahia), Altivo Trindade (Formiga), 23 cada; Commandante Golias (Bahia), Flôr de Liz (idem), Malmequer (idem), 22 cada; Radio (Recife), 6; Cilinha, 1.

Foram descontados os pontos pertencentes a *Pata-Choca, Esperança* e *Everest*, eliminados no numero atrazado.

Jubanidro ficou em 1º logar; *Aventureira* e *Guaxupé*, empatados, para o effeito do premio de 2|3; a Aureo Marques Vidal coube o *premio de consolação*.

A a loteria que se realisa hoje, nesta Capital, pelo seu premio maior decidirá o empate entre *Aventureira* e *Guaxupé*, ficando este com os finaes pares e aquella, com os impares.

Damos 30 dias, a contar de hoje, para as reclamações relativas á presente apuração.

CORRESPONDENCIA

Charadistas, que de 23 a 30 de Outubro findo, remetteram trabalhos: Roceirinha Nazarena, João da Roça, Dama Verde, Neptuno, M. Lia, Jovaniro, Diana, Etienne Dolet, Julião Riminot, Miravaldo, Conde Guy de Jarnac, Barão de Damerales, Paracelso, Sezenem II, Thenis, Frei Paulino Pedro K., Ave da Sorte, Vigario de Welkfield, Tieno.

Carlos Costa (Bahia) — Não tem de que se admirar, pois estamos cansados de repetir que trabalhos, visando só pontos e não a arte, não publicaremos. E o collega, não ha meio, não procura se corrigir; e cada trabalho, que manda, ou tem citação incompleta, ou citação errada, ou se funda em *truques*, que, longe de terem uma expressão verdadeiramente artistica, mostram antes a sua preoccupação em querer ganhar o ponto. E não se diga que Carlos Costa não tem aptidão para os fazer perfeitos e admiraveis; não se diga isto, porque a verdade é que elle, quando quer, produz cousa que merece applausos geraes. O mesmo acontece com Dama Verde, Ave da Sorte, Aventureira e Pedro Canetti, que, segundo estamos informados, são auxiliados pelo confrade, mas de pouca ou quasi nenhuma pratica charadistica; no entanto, apparecem, por aqui, com trabalhos difficeis, que só os sabem fazer aquelles que entendem, a fundo, da Arte. A nossa defesa é, justamente, esta: ou emendar, facilitando-os, ou *enforcal-os* na pasta. A lista do nº. 1.348, até hoje, não veio ás nossas mãos; dahi a negação dos respectivos pontos.

Spartaco (Belém" — Seu "*Ailila*" foi para a cesta. Na pagina 58, do Calepino Charadistico, de J. Candelaria, como declarou, nada encontrámos que nos indicasse que *Ailila* existe e é *pedante*. O mesmo acontece com o enigma de hoje, que no diccionario, que affirma estar, não encontrámos; fomos encontral-o noutro.

Cuidado com essas citações desattentas, que só nos obrigam a perder tempo sem resultado. Se não quer soffrer alguma decepção, por extravio, registre sempre sua correspondencia.

Frei Paulino (Carangola) — Seu pittoresco tem de ser alterado, porque fomos sempre infensos a esse recurso de subtracção de letras. Vamos mandar desenhal-o, novamente, pelo profissional da casa.

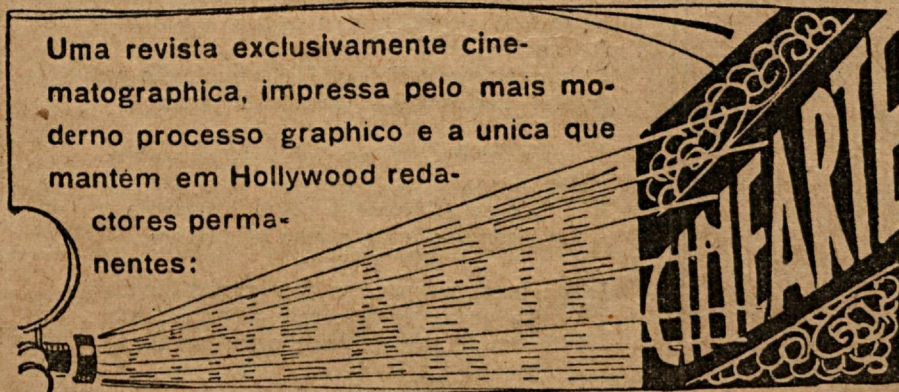
Josim Amil (Recife) — Melhor é a residencia particular; as listas, porém, devem ser separadas.

Amir — Recebemos a correspondencia para "*De Janella*".

ERRATA

Do nº. 1.364:

Charada novissima, de Quiqui: — *chefe supremo politico* — e —*dignidade*—, além de grypho, devem ter commas. Na dita, de Vivekamanda, e no enigma charadistico, de Sezenem II, as palavras — *canapé* — e *Dansa*—, successivamente, devem ser gryphadas e commadas. Deve ser tambem commado o *juiz ordinario*, do enigma de Julião Riminot. Na charada novissima, de Valete de Espada, os algarismos do começo devem ser —1—1—2— e não o que sahiu publicado. No logogrypho, nº. 30, de Angerona Angelica — *villa* e *molestia capillar* — devem levar tambem commas, e os numeros do fim do 4º. verso, exactos, são 1—7—3—4—6. Soluções do nº. 1350: — 133 — *Magano* e não Magono; 197 — *Parado* e não Parada. Nota, logo em seguida: — *Devota* — e não — *Devotado;* — *Maduramente* — não — *Madurramente.* Decifradores: — *Mary Sette* e não *Moy Sette;* depois de Thalia, Rio Grande, leia-se — 31 ; antes de 13 (idem) diga-se — Sertaneja.

MARECHAL

Auxiliar a "Sociedade de Assistencia aos Lazaros e Defesa contra a Lepra" é um dever de patriotismo

VERSOS COLLABORAÇÃO

O ESTRIBILHO DO CORVO DE POE

Depois de cavalgar em todos os murzellos,
tendo, para inspirar-me, os teus negros cabellos,
carregando nas mãos estrellas e arrebóes,
após ouvir cantar todos os rouxinóes,
fui procurar-te, minha doce amada,
para unir a minh'alma á tu'alma adorada...

Lancei o olhar em torno da saleta:
tudo estava deserto. Entrei na alcova escura...
e era o mesmo silencio: Z O thálamo vasio
parecia sorrir, á minha dôr...
Sobre os lençóes de linho, a tua blusa preta
jazia amarrotada. Um vento aspero e frio,
entrava pelas frésteas da janella,
gelando o quarto — ermo do teu calor!

Aquelle annel de pedra verde, aquella
collectanea de versos, cheia de ais,
que eu te offertei outr'ora...
tudo atirado a um canto, a sussurrar-me:
— Chora!

e o silencio a dizer-me:
— Nunca mais!...

ALBERTO RENART

(Rio)

◈ ◈ ◈

CREPUSCULO EM SANTA THEREZA

Pela noite que cáe placidamente
Depois de um dia tropical, ardente,
Longe, as montanhas de alterosos cumes,

Vão-se apagando pela densa bruma,
Emquanto a atmosphera se perfuma
De celestiaes e mysticos perfumes.

Zumbem na relva multidões de insectos,
Recolhem-se os pardaes, vão irrequietos
Em busca á tepidez suave dos ninhos.

Brilham ao longe as luzes da cidade,
Ha pelo matto triste soledade
E canto de cigarras nos caminhos.

As primeiras estrellas, pequeninas,
Como gottas de luz, adamantinas,
Tremeluzem, coruscando, vacillantes,

E pela densa matta que escurece
A voz do vento a murmurar, parece
Uma oração das arvores gigantes.

Placidamente a noite vem cahindo...
Seu negro manto, a tudo vae cobrindo,
Amortalhando o dia que morreu.

Pelas estradas sombras já cresceram,
Todas as aves já se recolheram,
E toda a natureza adormeceu...

CANTO DE MINHA ESTRADA

Detenho-me na estrada da existencia,
Considero o caminho percorrido,
Vejo que pouco tenho caminhado,
Sinto que muito tenho padecido.

E volvo o olhar ás plagas do passado,
Envoltas na penumbra da saudade,
Onde sonhei, os mais ridentes sonhos
Que se póde sonhar na mocidade.

Depois, é por desertos enfadonhos
Que ao futuro prosigo, com tristeza
Vou palmilhando esta arenosa estrada
Que em cada curva esconde uma surpresa.

— Quando repousarei desta jornada
Onde um somno tranquillo me conforte?
Pergunto, e oiço uma voz que me responde:
"Repousarás um dia, além... na morte!"

QUANDO TE FOSTE

Quando te foste, o sol tombava agonizante
Emquanto a atmosphera se perfuma
Parecia-me até, que a propria natureza,
Como eu tambem sentia aquelle amargo instante.

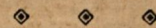
E tão triste ficou meu coração amante
Privado em seu amor, ferido de surpresa,
Que quando a tarde morre e tomba o sol distante,
Por ti rezando chora e assim chorando reza...

Já tres vezes floriu a primavera os ramos
Do caminho em que nós tantas vezes outr'ora,
Lindos sonhos de amor lado a lado sonhamos.

No entretanto não vens, a tristeza me invade,
E na angustia cruel que o meu peito devora,
Cresce mais este amor, e essa grande saudade!...

NELSON DE ARAUJO LIMA

(Do livro "Psalmos")

◈ ◈ ◈

ULTIMA CARTA

Neste final de amor, meu odio se mistura
A uma resurreição de paz e de alegria.
E' humano o que fizeste. Ha muito que o previa...
Adeus! Esquecerei a derradeira jura!

A custo reprimindo as ondas da amargura,
Voltei a examinar o que me deste um dia...
Em tudo se esboçava a negra hypocrisia,
E tudo condemnava a minha vã loucura.

Olha: para queimar, as tuas cartas junto.
Eu nada quero ter do nosso amor defunto,
Não quero em meu presente o tempo em que te amei!

Não mais te escreverá a mão que ora te escreve...
Adeus! Sê bem feliz, visão de um sonho breve,
Lava de tua face os beijos que te dei!

CELESTINO CAVALCANTE

(Inedito)

PRODUCTO DA

Companhia Castellões

O SEGREDO DE ELEGANCIA DOS CABELLOS CURTOS

Os cabellos curtos para serem encantadores, devem ser macios, brilhantes e muito saudaveis. Só assim serão elegantes tornando a mais linda e mais jovem tambem. Para se ter uma formosa cabelleira é de importancia vital a estimulação do couro cabelludo pelo uso vigoroso da escova, e para o liberar do devastador microbio da caspa. Um modo certo e facil para se ter formoso cabello é fazer-se uso de Lavona, Tonico dos Cabellos, o qual contem um ingrediente secreto que desperta as adormecidas raizes, estimula o crescimento e faz desapparecer todo e qualquer vestigio de caspa. A Lavona, Tonico dos Cabellos, é usada e elogiada por "Etoiles" do Cinema, actrizes e mulheres encantadoras no mundo inteiro e dará ao seu cabello aquella apparencia de vigor e brilho tão procurados e ambicionados. Se o seu cabello não é tão bonito como V. S. deseja, comece a fazer uso de Lavona, Tonico dos Cabellos, desde hoje.

LAVONA

TONICO DOS CABELLOS

VARIZES - HEMORRHOIDAS

Doenças dos intestinos, hemorroidas e suas complicações. Installações especiaes para tratamento das varizes. Diathermia — Alta frequencia — Infra-vermelho. — Dr. Civis Galvão — Consultas das 3 ás 6. Assembléa, 106. — (Rep. Peru') — Res.: Tel. C. 2111.

Retempere-se o esforço dos estudos

A HERANÇA preciosa de uma perfeita saude é muitas vezes o resultado de uma dieta diaria cuidadosa durante o periodo escolar. Nos annos em que a natureza se forma adquirem-se habitos que nunca mais se perdem.

Gostar de alimentos naturaes e puros, taes como Quaker Oats, é um bom habito, facil de adquirir e perduravel. Feliz é a creança, realmente, cuja dieta contem este alimento saudavel e fortificante, rico em elementos nutritivos perfeitos — vitaminas, carbo-hydratos, saes mineraes.

Quaker Oats, em creanças e velhos, dá energia e vigor ao corpo, afugenta as doenças. É delicioso, facil de preparar e economico.

Quaker Oats

1276

"TELHADO DE VIDRO"

Telhado de vidro é o bello livro com que Povina Cavalcanti brindou este anno as letras patrias, tratando do movimento literario hodierno, da historia da literatura, artigos em torno desses assumptos, chronicas literarias, artigos de critica a determinados livros de alguns autores nacionaes.

Não se contenta em narrar certos factos da historia literaria; pesquisa os através das leis geraes da vida nossa e de outras nações. Como philosopho da historia, toma por ponto de partida os annaes de cada uma nação para a concepção de uma só historia geral.

No estudo do movimento literario moderno no Brasil, Povina afigura-se-nos vero critico literario. Seguro, como se acha na *philosophia da historia*, tão bella e ainda nova sciencia, reconstróe completamente nosso passado literario, para chegar á conclusão de que nada mais improprio do que os dois nomes dados ao modernismo nacional: *brasilidade* e *primitivismo*, por não ser *brasilidade* um sentimento novo, mas muito predominante nos livros dos poetas da Inconfidencia; e por não poder *primitivismo* constituir exclusividade intellectual. A toada de nossos boiadeiros, o descante sertanejo, nossos thesouros folkloricos, a vida selvagem, o gemido mavioso da rôla, a cigarra a cantar, nossas paizagens animadas, um raio de sol a beijar as flores na aurea copa da arvore, o clarão do luar a coar-se por entre a folhagem, a floresta, a solidão; tudo, tudo quanto por aqui se viu ha longos annos e hoje ainda se póde ver, é *primitivismo* que se cantou, e se continúa a cantar, e se cantará através dos annos.

Nihil novi, como de novo nada existe na composição poetica de diversos metros, consoante magnifico exemplo nos dá um de nossa trindade parnasiana, o grande Raymundo Corrêa em sua *Mazeppa*, em cuja poesia se emmaranham versos de oito, seis, doze, dez, quatro, cinco, sete, onze, nove syllabas. Muito de proposito citamos o saudoso Raymundo, por ser parnasiano da fina flor, porquanto o engenhoso Hermes Fontes, que não terá em absoluto a idade daquelle, se vivo fosse, mas tambem não é nenhuma creança de peito, ha muitos annos vem renovando conscienciosamente nossa poesia dentro da harmonia do rythmo que a arte do verso requer, seguindo-se-lhe D. Gilka Machado, Murillo Araujo e outros expoentes mais legitimos da moderna arte, cujos raios de luz e de som deveriam reverberar o bom gosto no seio das Musas gentis dos poetas novos, entre os quaes alguns de talento adamantino. Isso, contornando a obra do illustre Povina, reproduzindo seus pensares e quasi seus dizeres.

Poderia a nova corrente poetica não abominar o soneto, como na musica da harmonia ou musica classica, com que os allemães revolucionaram a arte, não foi abominada a valsa. Que appareça um Strauss na nova corrente poetica para compor modernos sonetos, como aquelle compoz valsas magnificas no meio do classicismo de sua época.

Nihil novi, como nada ha de novo em versos sem rimas, versos soltos ou versos brancos, consoante se queira chamar, segundo expõe A. Feliciano de Castilho; pois sabemos todos nós, a rima nada mais é do que um enfeite: as linguas muito melodiosas dispensam-na; as que carecem de melodia, necessitam daquelle atavio elegante; e outras ha que podem dispensal-a ou não, em cujo numero se acha a nossa, a italiana e a hespanhola, as quaes não sendo melodiosas como a grega, a romana, tambem não são despidas da melodia da franceza, etc., etc.

Na lingua portugueza a rima não é um enfeite forçado, mas uma compleição natural da poesia nossa. Forçadas, por exemplo, são as rimas das quadras eruditas, assim chamadas por entre si rimarem todos os versos; aquellas, porém, em que rimam apenas o primeiro ou o segundo com o quarto, são naturalissimas, são da indole da lingua. Algum tanto forçadas são algumas vezes as rimas dos disticos e de outras estrophes.

Nada mais sem artificio do quas as quadrinhas populares em redondilhas; e em todas ellas encontramos a rima. Vejamos só esta quadrinha colhida por Mello Moraes Filho:

Até nas flores se encontra
diversidade de sorte!
Umas enfeitam a vida;
outras enfeitam a morte.

Observemos os poetas do sertão no desafio, salvando a grammatica, para ver como é natural o rimario na lingua patria:

Fabião, nós somos velhos,
e velhos não valem nada;
porque só vale quem ama;
Quem traz sua alma enganada.

Ouçamos a resposta do octogenario Fabião das Queimadas:

Esta minha alma de velho
anda agora renovada;
que a paixão é como o sonho:
chega sem ser esperada.

Ha optimos versejadores cujas rimas não affluem ao pensamento com a mesma espontaneidade e naturalidade que brotam as aguas do sôlo, da fonte crystalina. Esplendidos artistas do rythmo, maravilhosos na metrica, ha poetas que encontram difficuldades em rimar: são os engenheiros dos versos bem medidos, os mathematicos infalliveis. Na lingua portugueza, os versos brancos feitos por artistas desse genero são magnificos. Porém, existem outros com a mesma harmonia do rythmo, com a mesma infallibilidade de metrica, cujas rimas lhe são familiares. Por que hão estes de as desprezar. Por que?

Achamos que se deve rimar, sempre que a rima nos caia naturalmente do bico da penna, ou nos venha aos labios: que se não force, mas tambem se não contrarie aquillo que nasceu com o poeta. Naturalizemos a arte, pois só assim é que deve ser bella.

Como sabemos nós e os leitores não ignoram, classico é o autor de bom nome, de boa nota; classica é a obra desse autor. Cultivemos, pois, a harmonia do rythmo e cultuemos a belleza, afim de que alguns modernistas geniaes se possam tornar classicos, e sejam suas obras assim de futuro consideradas. Sem harmonia não ha belleza; sem belleza não póde existir o sentimento da divina arte.

A musica classica venceu pela harmonia, até desestinando a melodia. A harmonia dos versos é o rythmo; a melodia, a rima.

A harmonia é hoje considerada uma sciencia: a sciencia dos accordes; a melodia, sempre arte com a modulação suave dos sons. Muitos espiritos preferem a harmonia; outros, a melodia; mas, podendo conjugarem-se as duas, e com alguma liberdade metrica, seria o ideal da poesia nova, porque contentaria a todos os paladares.

Se o fim da arte modernista é escandalizar, se é da subversão das leis do bom gosto e do bom senso que se espera surgir alguma cousa, como deplora Povina Cavalcanti, o momento é incontestavelmente de simples espectativa. Não era possivel prepararem-se os alicerces de um edificio que se não sabia como ia ser construido.

Parabens ao estudioso da *philosophia da historia*, ao estheta insuperavel: este sabe o que deseja, e diz bem o que quer.

Um bom livro, alagoano illustre, o seu *Telhado de vidro*!

HORMINO LYRA

Ladrões supersticiosos

O PAULO MENALE RESPEITA OS CRUCIFIXOS

O ladrão Paulo Menale, que tantos triumphos conta em sua agitada carreira, respeita com verdadeira cegueira espiritual, os crucifixos. E isso porque aconteceu-lhe na vida um facto que o empolgou para sempre. com grande difficuldade Menale chegou a um sobrado. Lá não estava ninguem. De mobiliario modesto, parecia residencia de gente pobre. E disso se convenceu depois de demorada busca. Ao chegar a um

Paulo Menale

quarto estreito, entretanto, se deteve.

Dominando-o viu, no alto, sobre o oratorio, a imagem de Christo crucificado. Um inexplicavel calafrio lhe percorreu o corpo e uma estranha emoção o fez tremer. Mas, reagindo, avançou.

Abriu a gaveta de um movel. Vasculhou-a... Nada. E ia apanhando uma caixinha collocada sobre a mesa do oratorio quando, levado por uma força mysteriosa, olhou para cima. O crucifixo impressionou-o. Apanhou a caixa, abriu-a... estava cheia de dinheiro!... E, contente, recuava, quando a alma cheia de indizivel sobresalto, os olhos sob o dominio de surpreza atordoante, teve a impressão de que o Christo sacudia a cabeça numa recriminação. E quanto mais o fixava na penumbra da saleta pobre, mais e mais se convencia de que a imagem se animava de movimento e de expressões que o estarreciam. Sem saber porque deu um grito... um grito horrivel que attrahiu a vizinhança que o foi surprehender, a caixinha nas mãos, os joelhos em terra e o olhar preso á imagem sagrada. Dali para a delegacia foi um pulo. Da delegacia para a Detenção, outro. Por isso o Paulo Menale tem medo dos crucifixos...

Investigador Fonseca

NA AVENIDA

(ENTRE DUAS MOÇAS)

— Psiu psiu... Rosita! Já não me conheces mais?

— Confesso que não me lembro, sou pessima physionomista.

—Sou a Nitoclys, sua collega de turma, de 1920.

— !... como estás mudada! Estás mais moça dez annos que naquella época. Eras franzina, anemica, e, hoje, estás robusta; tua pelle, então meio encarquilhada, com rugas prematuras, com manchas e espinhas, agora se ostenta tão assetinada que justifica plenamente o facto de eu não te haver reconhecido. Que clima maravilhoso desfructaste, por que alchimia conseguiste esta especie de rejuvenescimento?

— A' parte a tua bondade, digo que não foi clima nem alchimia: foi méro acaso...

— ?!

— Deparou-se-me aos olhos, um dia, em determinada revista scientifica, uma communicação de certo medico francez, em que se consagrava o arsenico como o melhor agente therapeutico para as doenças da pelle, ao mesmo tempo que se aconselhava o mercurio como o mais poderoso depurativo do sangue.

— A que medico foste?

— A nenhum. A fortuna trouxe-me ás mãos a noticia da existencia de um preparado, de cuja base chimica fazem parte justamente o mercurio e o arsenico, juntos a um outro, tambem recommendado — o iodureto de potassio. Tomei-o. Seu paladar é explendido, visto que o correctivo é o mel de abelhas. Com tal composição, teria de ser, como é, o mais poderoso destruidor do "spirocheta pallida". Foi esse preparado que realizou em mim o milagre que te causou estranheza.

— E' preparado nacional?

— Sim. E' o Elixir de Inhame.

FERRO DO Dr GIRARD

8, Rue Vivienne, 8 PARIS

O FERRO GIRARD cura as cores pallidas as caimbras do estomago, a pobreza do sangue, fortifica os temperamentos fracos, excita o appetite, regularisa a menstruação e combate a esterilidade.

O que distingue sobretudo este novo sal de ferro, é que não só, não produz prisão de ventre, como a combate efficazmente. (*Relação do Professor Herard á Academia de Medicina de Paris*).

Em todas as Pharmacias.

APIOLINA CHAPOTEAUT

Regularisa a *menstruação*, acaba com os *atrasos* supprimindo-os, assim como com as *colicas* e *dores* que costumam renovar-se com as *epocas* da *menstruação*.

Paris, 8, Rue Vivienne e em todas as Pharmacias.

SAÚDE DAS SENHORAS

Inoffensivo, de absoluta pureza, cura dentro de **48 HORAS** corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injecções.

Paris, 8, rue Vivienne, e em todas as Pharmacias

PURGANTE

REFRESCANTE — RELAXANTE

Remedio infallivel contra a prisão de ventre

A

FRUTA JULIEN

Recommenda-se igualmente contra as *DOENÇAS* do *ESTOMAGO*, do *FIGADO*, a *ICTERICIA*, a *BILIS*, a *PITUITA*, os *ENJÔOS* e *ARROTOS*

Paris, 8, rue Vivienne em todas as pharmacias.

VEGETAL

As Capsulas de Quinina Pelletier são soberanas contra as *febres*, *Enxaquecas*, *Nevralgias*, *Influenza*, *Constipações* e *Grippe*.

EXIGIR O NOME: PELLETIER

Todas as Pharmacias

FONSECA, ALMEIDA & C.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

Ferragens, tintas, vernizes, oleos, lubrificantes, materiaes de construcção, tubos, gaxetas, correias, cabos, maçames, metal, etc., etc., Material para estradas de ferro e officinas.

Armazem e escriptorio:
RUA 1° DE MARÇO, 139

Deposito: RUA CAMERINO, 64
Caixa Postal 422—End. Teleg. "CALDERON"
RIO DE JANEIRO

ARTIGOS PARA TODOS OS SPORTS

FOOT-BALL — Camisas, calções, meias, shooteiras, joelheiras, botas, bombas, agulhas, etc.
TENNIS — Rakects, bola, rêdes, etc.
BOX — Luvas, sapatos, etc.
VOLLEY-BALL — Rêdes, bolas, postes, etc.
BASCKET-BALL — Rêdes, goals e bolas.
BOLAS COMPLETAS PARA JOGOS n. 5 Rex, 22$ — Sportic: 28$ — Gregoric: 28$ — Sportsman: 70$ — Mc. Gregor: 80$000.
Pelo correio mais 1$500.

"CASA SPORTSMAN"

A melhor de artigos para sports — Remettem-se catalogos — RAUL CAMPOS — 25, Rua dos Ourives, 27
RIO DE JANEIRO

DE TAQUAREMBÓ

Uma tosse rebelde

Pessoa altamente collocada expontaneamente nos escreve:

"Attesto que tenho feito uso do xarope Peitoral de Angico Pelotense colhendo sempre os melhores resultados que se possa obter com um excellente preparado. em tosse rebelde ainda não conheci preparado algum que se lhe possa avantajar. Por ser verdade, passo a presente declaração a bem dos que soffrem.

Taquarembó, municipio de D. Pedrito, 7 de Maio de 1907.

José Carlos Antonio Severo

Este poderoso calmante e expectorante, de acção tão prompta e energica nas tosses, resfriados, coqueluche, influenzas, bronchites, etc., acha-se á venda em todas as pharmacias e drogarias. Ter o cuidado de pedir sempre o verdadeiro "PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE".

Confirmo este attestado. *Dr. E. L. Ferreira de Araujo*. (Firma reconhecida).

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do Brasil. Deposito geral Drogaria Eduardo C. Sequeira — Pelotas.

Assaduras sob os seios, nas dobras de gordura na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczemas infantis, etc., saram em tres tempos com o uso do Pó Pelotense. (Lic. 54 de 16—2—918). Caixa 2.000 rs. na Drogaria PACHECO, 43-47, Rua Andradas — Rio. E' bom e barato. Leia a bulla. Formula de medico.

CAIXA DO "O MALHO"

LUIZ N. DA GAMA FILHO (Rio) — Em meu nome e em nome de todos aqui d'*O Malho* agradeço as felicitações pela passagem do 27º anniversario da mesma popular revista.

Aqui mesmo vae publicado seu bem feito soneto-acrostico, com que nos mimoseou:

"SONETO

A "O Malho", por mais um anno de vida e gloria:

Através mal tratada e fatigante via

Resplendente de audacia em gloriosa [cadencia,
Espalhas do saber a purissima essencia
Viandante do bem, portador de ale- [gria!...
Irmão do povo, déste a ti esta in- [cumbencia,
Sublime e ao mesmo tempo espinhosa [e bravia;
Transpondo obstaculos mil, com garbo [e valentia
Attingiste outra etapa em brilhante [existencia!...

Orgão independente, entrando em todo [tecto,

Manejas com justiça o incitamento e o [ralho,
Atalaia fiel do que é justo e correcto!
Louvo-te, pois, bemquisto estheta e ao [teu trabalho,
Honra da imprensa patria e cultor do [intellecto,
Obreiro do saber, oh! semanario [*O Malho!*

(Setembro de 1928)

PAULO BORGES (Nictheroy) — Muito interessante o seu *Por bem fazer*... As quadras tambem estão boas. Continue.

CARLOS AUGUSTO (Rio) — Estou sciente das difficuldades a que se refere. A emenda que mandou parece que não ficará "peor do que o soneto"...

ROIZ ARRUDA (Piracicaba) — Então o amigo chama "escriptinho" a quatro laudas de papel cheias de uma letra miudinha, descrevendo a tristeza de uma noite de luar em que havia ainda um vento frio por cima?

Pois fique sciente de que aquillo publicado era de *roer* a paciencia do leitor, "seu" Roiz. Faça cousas mais curtas, mais simples e mais interessantes.

J. W. COIMBRA (São Paulo) — Foram acceitos seus trabalhos. Por que não os manda dactylographados? Sua calligraphia é um tanto... "sobre o azul", causando o desespero dos linotypistas e revisores. Não se queixe, depois, dos erros que sahirem...

CLYTEMNESTRO (Rio) — Dos trabalhos enviados foi apenas acceito o intitulado: *A' luz do teu olhar*. Os outros têm versos detestaveis, como, por exemplo, estes:

"Não suppunha que serias a estrella"
.. ..
"Fugindo a que venham cascateantes"
.. ..
"Por temer de tua bocca adoravel"
.. ..
"Annullando meus ideaes risonhos".
.. ..

Falta-lhes a accentuação tonica, o que lhes tira o caracter de decassyllabos... pelo menos passaveis...

WALKYRIA LISBOA (São Paulo) — Retribuo os votos de felicidade, e quanto ao seu gentil pedido é com grande prazer que o satisfaço. Digo-lhe mais: tenho até uma invejazinha do outro ipê que não era o do rio manso. Quem me déra ter uma filha como Walkyria!...

DE ARAUJO LIMA — Nada tem que agradecer. Quanto á publicação do livro só o faça com calma, depois de ler, reler e mandar ler os versos de que o mesmo será composto.

Na poesia *Canto da minha estrada* eu substitui um "por caminhos", pondo "por desertos" para evitar um cacophaton e ainda a palavra ouço por oiço porque sôa melhor e não se confunde com osso... *Crepusculo em Santa Thereza, Sonhos* e *Quando te foste* estão bons. *Saudade* está fraco, com muitas repetições, que o tornam monotono como esses tercetos:

"Saudade... é de saudade carregado
Que a um futuro ignorado vou rumando,
Deixando além as curvas do passado.

Saudade e só saudade vou sentindo.
Tendo sorrindo, o coração chorando,
Tendo chorando, o coração sorrindo!"

E' por isto que eu digo: Não tenha pressa em publicar seus *Psalmos*.

ROSINHA AMENDOLA (Campinas) — Seu conto foi acceito, apezar de um pouco extenso. Por que fez a acção do mesmo na Italia?

Escreva sobre o que é nosso. Temos tanta cousa bonita! Não acha? Pois escreva.

OSCAR FRANCO PAIM (Rio) — Eu lhe vou ser franco, amigo Oscar: seu soneto: *Noite de nupcias* está um tanto erotico. Por que não o publica n'*A Maçã* ou no *Shimmy?* Ficaria li muito bem e até seu primo Paulo lhe agradeceria a dedicatoria. O noivo foi elle?...

JOSE' LUPI (Porto Alegre) — O amigo Lupi não tem pena de quem tem que fazer! Escreve uma carta de quasi tres folhas de papel, dactylographada e a gente tem de ler aquillo tudo, malvado!

Eu não achei seu trabalho "tão pessimo", como diz. Ha outros "mais pessimos" ainda, portanto, minha "criticagem", aliás suave, não ultrapassou os limites como lhe pareceu. Extranhei apenas que o poeta dissesse ter tido

"Um hilare passado tão tristonho..."

Assim como aquelle:

"Causando *a mim* amargos dissabores..."

E' de um máo gosto... amarissimo.

Pelo correio lhe envio o retalho de jornal que me pede que devolva. Vae tambem um sello que o amigo, por distracção, talvez, collou na sua carta; não foi?

Cumprimentos ao Sr. tenente Roberto L. Oliveira pelo *mote* e ao poeta Lupi parabens pela glosa... O soneto *Implorando* está fraco, porém será publicado apezar disso.

ALBERTO RENART — Muito bons seus trabalhos: *Barcarola* e *Historia de todos os dias*.

CABUHY PITANGA JUNIOR

— Estou ainda longe de acreditar na estabilidade dos "Zeppelins".

SONETO

Não duvides de mim, de meu sincero
Amôr! Não vês que sinto immenso agruras
De um passado illusorio, de aventuras,
Que pretender jamais lembrál-o quero!

N'um mar de desespero e de amarguras
De um tempo que hoje morto eu considero
No fundo jaz divertimento ephemero
De uma mocidade orphã de venturas;

Passado, emfim, o tempo de rapaz,
Que me fôra cruel e tão fallaz,
Invoco, então, a paz no meu futuro,

Descortinando um horizonte lindo,
Por outra senda agora sigo haurindo
A essencia de um amor sereno e puro.

J. Oliveira.

AVIADOR — Que sorte! Depois de ter batido o "record" da altura vou bater o da profundidade.

o **Anusol** *acalma promptamente as dôres.*
o **Anusol** *facilita a evacuação tornando-a indolor.*
o **Anusol** *desinfecta, desecca, e cicatriza as superficies inflammadas, humidas e suppuradas.*
o **Anusol** *não contém toxicos.*
o **Anusol** *evita a intervenção cirurgica.*

HEMORRHOIDAS

o **ANUSOL**
"GOEDECKE"
— SUPPOSITORIOS —
é conhecido no mundo inteiro ha mais de 20 annos como especifico contra as

HEMORRHOIDAS.

GOEDECKE & Cº - LEIPZIG (Allemanha)
AGENTES GERAES PARA O BRASIL: HUGO MOLINARI & Cº LTD. RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

A MAIS PURA
E
A MAIS ACTIVA
das
AGUAS
PURGATIVAS
NATURAES
CONHECIDAS

VILLACABRAS

81, Rue Parmentier
LYON - FRANCE

Uma bibliotheca num só volume — ALMANACH D'O MALHO.

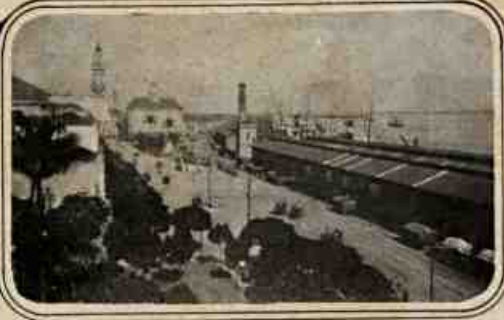
Agentes Geraes: ARAUJO FREITAS & CIA. — Rua dos Ourives, 88-90 — Rio de Janeiro.

Em Dezembro, CINEARTE-ALBUM, luxuosa publicação cinematographica.

Alumnas internas do Collegio da Immaculada Conceição, de São Christovão, Estado de Sergipe.

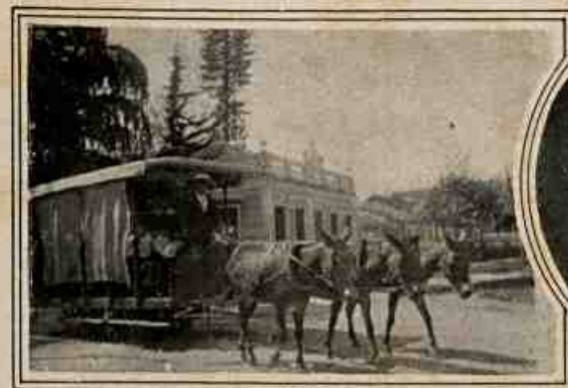
O nosso leitor Drahomiro Duarte.

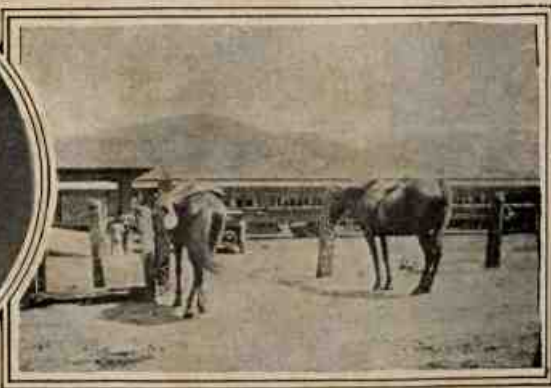
Reservistas do Tiro de Guerra 136, mantido pela A. Athletica de Sergipe.

O 1º team do S. C. Flamengo, de Bella-Vista, Matto Grosso.

O cáes de Santos, na praça Visconde do Rio Branco.

Cachoeira do Marimbondo — Quéda dos Patos, lado paulista.

Enlace José Castro-Narair Barbosa, em Bananal, São Paulo.

Cachoeira do Marimbondo — Queda dos Patos, do lado paulista.

O bonde em Florianopolis ainda é uma tradição...

Nicanor Rocha, nosso amigo de Estancia — Sergipe.

Aspecto de uma parada do trem na estrada São Paulo-Paraná.

BROMIL é o melhor xarope para asthma, bronchite, rouquidão, irritações dos bronchios, coqueluche e demais doenças do apparelho respiratorio.

BROMIL solta o catharro, desentope os bronchios, allivia o peito e faz cessar as tosses.

BROMIL é um calmante e um desinfectante dos pulmões.

Officinas Graphicas d'O MALHO